

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES
CURSO DE ESTADO MAIOR**

(2002/2004)



TRABALHO INDIVIDUAL DE LONGA DURAÇÃO

DOCUMENTO DE TRABALHO

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IAEM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DO EXÉRCITO PORTUGUÊS.

*Uma nova abordagem metodológica da Polemologia
e sua aplicação ao caso dos Balcãs*

*António Alberto Crispim Paradelo
Maj Art*



*Uma nova abordagem metodológica da
Polemologia e sua aplicação ao caso dos Balcãs*

Instituto de Altos Estudos Militares
Lisboa, Novembro de 2003



Resumo

Ao longo dos séculos, os conflitos têm-se constituído como o principal modelador na construção do mundo em que vivemos, e para se compreender a realidade actual, considera-se indispensável estudar o fenómeno da conflitualidade, este trabalho pretende ser uma modesta contribuição para esse estudo.

Após uma introdução onde é definido o objectivo da investigação, justificada a importância do estudo e são apresentadas a metodologia seguida, e a organização e conteúdo do estudo, o trabalho é iniciado com um enquadramento conceptual, que apresenta um raciocínio encadeado, baseado na análise de conceitos de vários pensadores e que culmina numa definição própria de conflito: uma divergência, decorrida da incompatibilidade de interesses entre dois ou mais actores, podendo conduzir a uma situação de hostilidade crescente e que em situações limites se traduz por ocorrência de guerra.

De seguida, é apresentado um espectro de conflitos que permite a classificação de todos os seus tipos, independentemente do grau de hostilidade ou intensidade que apresentam, pois após uma análise detalhada do espectro da guerra que actualmente é utilizado em Portugal, é considerada, fruto dessa mesma análise, vantajosa a utilização de um espectro com essas características.

No trabalho são apresentados 24 conflitos que ocorrem nas mais variadas partes do mundo e após uma análise geográfica, económica, histórica, política e social desses conflitos, são deduzidos vários indicadores, que constituem um modelo de detecção de conflitos.

Existindo a necessidade de experimentar esse modelo, é descrita detalhadamente a situação vivida na antiga Jugoslávia nos finais da década de 80, e aplicado o modelo a essa situação, para se verificar se de facto o modelo detecta um possível conflito nessa região.

O modelo será utilizado uma segunda vez, mas agora de um modo prospectivo, tentando detectar a ocorrência futura de conflitos numa Palestina hipoteticamente independente e na Ásia Central.

Finalmente o trabalho encerra com um conjunto de conclusões.



Abstract

Throughout the centuries conflict has been regarded as the principle influence on the formation of the world within which we live. In order to understand today's global environment it is considered indispensable to analyse this phenomenon. This work intends to be a modest contribution to this study.

The introduction details the aim and justifies the relevance of this paper, as well as detailing the methodology used and the organisation and contents of this work. The paper starts with a study of a conceptual framework, based on an analysis of the opinions of several theorists, which identifies the process of reasoning which culminates in the definition of a conflict: a divergence, resulting from an incompatibility of interests between two or more actors, which can lead to a situation of rising hostility, and which in some limited cases can lead to war.

Following this a study of the spectrum of conflict permits the classification of all types of conflict independent of the degree or intensity of hostility. A detailed analysis of the spectrum of war which is currently used in Portugal reinforces the advantages of using such a conceptual model.

This work analyses 24 current conflicts spread throughout the world. After a study of the geographical, economic, historical, political, and social factors affecting these confrontations, various indicators are identified which can be used to detect conflicts.

It is naturally important to validate this model, a detailed study of the events leading up to the period of hostilities in the Former Republic of Yugoslavia in the late 80s is used to verify whether this conceptual model would have predicted the emergence of armed conflict in this region.

The model will be utilized for a second time, but now in a prospective way trying to detect a future occurrence of conflicts in a hypothetically independent Palestine and in the Central Asia.

This work closes with a number of conclusions.



Dedicatória

À Ana Filipa que soube compreender as ausências por vezes excessivas do pai.

À Cidália que nunca deixou de me apoiar.



Agradecimentos

Este trabalho ficaria profundamente incompleto, se não expressasse o meu mais sincero reconhecimento a um conjunto de pessoas cujas contribuições foram indispensáveis.

Ao Ten. Coronel Alves Ferreira, que face à dificuldade em intitular o que me propunha realizar, me recomendou o presente título e me aconselhou a leitura de algumas obras, tendo-me cedido alguns livros que se revelaram fundamentais para a execução deste trabalho.

Ao Major Amaral Lopes, que tão bem me soube orientar no denso mundo da Polemologia, com infinita paciência e amizade.

A todos os professores do CEM 2002/2004, sem cujos conhecimentos que tão bem me souberam transmitir, este trabalho teria sido impossível.

A todos os Camaradas do CEM 2002/2004, com quem tive o privilégio de conviver e trabalhar durante ano e meio, e em quem encontrei sempre um sorriso franco, um conselho acertado e um abraço amigo.



Lista de Abreviaturas

ADN	Aliança Democrática Nacional
CPN-M	Partido Comunista do Nepal-Maoísta
ECO-MOG	Missão de Observadores Militares da Comunidade Económica de Estados da África Ocidental
ELN	Exército de Libertação Nacional
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FIS	Frente Islâmica de Salvação Nacional
FLEC	Frente de Libertação do Enclave de Cabinda
FPR	Frente Patriótica Ruandesa
GAM	Movimento para um Aceh Livre
GIA	Grupo Islâmico Armado
KNU	União Nacional de Karen
LTTE	Tigre de libertação de Tamil Eelam
LURD	Liberianos Unidos para a Reconciliação e Democracia
MILF	Frente Moro de Libertação Islâmica
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
NDFB	Frente Democrática Nacional de Bodoland
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
PKK	Partido dos Trabalhadores do Curdistão
SAIRI	Assembleia Suprema para a Revolução Islâmica no Iraque
SPLM	Movimento de Libertação do Povo Sudanês
ULFA	Frente de libertação de Assam
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
Definição do Objectivo da Investigação	3
Importância do Estudo	3
Delimitação do Estudo	4
Definição de Termos	4
Metodologia	5
Organização e Conteúdo do Estudo	6
I. CONTRIBUIÇÕES DE OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO	7
I.1. Generalidades	7
I.2. Da Sociologia	8
I.3. Da Estratégia	8
II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	9
II.1. Generalidades	9
II.2. O Conflito	10
II.3. Os <i>Frozen Conflicts</i>	11
II.4. A Crise	11
II.5. A Guerra	13
II.6. Definição de Conflito	13
III. ESPECTRO DOS CONFLITOS	14
III.1. Análise do Espectro da Guerra	14
III.2. Definição do Espectro de Conflitos	18
IV. ANÁLISE DE CONFLITOS	20
IV.1. Factores Geográficos	21



IV.2. Factores Económicos	23
IV.3. Factores Históricos	24
IV.4. Factores Políticos	25
IV.5. Factores Sociais	26
V. MODELO DE DETECÇÃO DE CONFLITOS	27
V.1. Modelos de Referência	27
V.2. O Modelo de Detecção de Conflitos	28
V.2.1. Indicadores de Índole Geográfica	29
V.2.1.1. Locais Chave	29
V.2.1.2. Descontinuidade Territorial	29
V.2.2. Indicadores de Índole Económica	29
V.2.2.1. Recursos Naturais	30
V.2.2.2. Recursos Hídricos	30
V.2.2.3. Pobreza Extrema	30
V.2.3. Indicadores de Índole Histórica	31
V.2.3.1. Soberania Histórica	31
V.2.3.2. Fronteiras Impostas	31
V.2.3.3. Independências Recentes	31
V.2.3.4. Pós Impérios	32
V.2.3.5. Pós Ditaduras	32
V.2.4. Indicadores de Índole Política	33
V.2.4.1. Imposição de Ideais	33
V.2.4.2. Estados sem Estrutura de Defesa	33
V.2.4.3. Estados Isolados	33



V.2.5. Indicadores de Índole Social	34
V.2.5.1. Nacionalismos Expansionistas	34
V.2.5.2. Mosaicos Étnicos	34
V.2.5.3. Nichos Étnicos	34
V.2.5.4. Mosaicos Religiosos	34
V.2.5.5. Nichos Religiosos	35
V.2.5.6. Nações Sem Estado	35
V.2.5.7. Estados Sem Nação	35
V.3. Análise do Modelo de Detecção de Conflitos	35
VI. APLICAÇÃO DO MODELO DE DETECÇÃO DE CONFLITOS AO CONFLITO DOS BALCÃS	37
VI.1. Breve Caracterização da Antiga Jugoslávia no final da Década de 80	37
VI.2. Aplicação do Modelo de Detecção de Conflitos	37
VI.2.1. Indicadores de Índole Geográfica	38
VI.2.2. Indicadores de Índole Económica	38
VI.2.3. Indicadores de Índole Histórica	39
VI.2.4. Indicadores de Índole Política	40
VI.2.5. Indicadores de Índole Social	41
VI.3. Análise da Aplicação do Modelo de Detecção de Conflitos	43
VII. ANTEVISÃO DE NOVOS CONFLITOS	44
VII.1. A Palestina Independente	44
VII.1.1. Descontinuidade Territorial	45
VII.1.2. Recursos Hídricos	45
VII.1.3. Pobreza Extrema	45



VII.1.4. Independências Recentes	46
VII.1.5. Pós Ditaduras	46
VII.1.6. Imposição de Ideais	46
VII.2. A Ásia Central	46
VII.2.1. Locais Chave	47
VII.2.2. Recursos Naturais	47
VII.2.3. Recursos Hídricos	47
VII.2.4. Pobreza Extrema	48
VII.2.5. Soberania Histórica	48
VII.2.6. Independências Recentes	48
VII.2.7. Pós Impérios	48
VII.2.8. Pós Ditaduras	49
VII.2.9. Imposição de Ideais	49
VII.2.10. Nacionalismos Expansionistas	49
VII.2.11. Mosaicos Étnicos	49
Conclusões	50
Referências Bibliográficas	53
Índice Onomástico	59
Índice Remissivo	61
Índice de Anexos	79



“O estudo do conflito internacional é uma ciência inexacta que combina história e teoria. À medida que desbravamos o nosso caminho através das teorias e dos seus exemplos, tentamos ter presente tanto o que mudou como o que permaneceu constante, para que melhor sejamos capazes de compreender o nosso passado e o nosso presente e melhor possamos navegar nos baixios desconhecidos do futuro.”¹

Joseph S. Nye, Jr.²

¹ Nye, 2002, p. 34.

² Joseph S. Nye, Jr., Professor de Política Internacional na Universidade de Harvard e antigo Secretário-adjunto em Washington.



INTRODUÇÃO

Nos últimos 2 500 anos de História, a humanidade apenas conheceu cerca de 50 anos de paz, tendo os inúmeros conflitos ocorridos constituído sempre um dos principais factores no estabelecimento de novas relações de poder, não só a nível local, mas também regional e mesmo global. Ao longo da História foram quase sempre conflitos que determinaram o nascimento de novos países e impérios e que também selaram o fim de muitos outros, tendo-se constituído deste modo, naquele que consideramos ser o principal modelador do Sistema Político Internacional.

Os conflitos surgem-nos assim, como uma constante incontornável na formação e no desenvolvimento das relações de poder, que se vão estabelecendo e na consequente evolução das políticas entre países ou blocos.

Não se pode pois, ter a veleidade de tentar compreender o que se passa no nosso mundo, se não conseguirmos entender a razão da existência dos conflitos. O porquê da sua ocorrência e localização geográfica, e quais os objectivos dos seus intervenientes.

Poderíamos ficar por aqui no nosso estudo, mas pensamos que se é possível conhecer as diferentes causas ou origens dos conflitos, outra importante questão se poderá colocar: serão estas causas comuns a todos os conflitos? E se forem, será então possível detectar um conflito antes deste ocorrer e actuar preventivamente sobre ele?

O presente trabalho tem por objectivo responder de forma clara e inequívoca a estas interrogações, encontrando-se para isso estruturado segundo uma lógica de identificação de conceitos abrangentes, terminando em definições objectivas.

Assim iremos efectuar uma viagem pelo estudo dos conflitos, onde serão percorridos diferentes patamares. Começando por definir o que entendemos ser um conflito, através de uma definição própria, em sentido lato, desenvolveremos o nosso trabalho no sentido de definirmos os seus diferentes tipos, através da apresentação de um espectro, por nós formulado.

Finalmente, conhecendo os diferentes tipos de conflitos, podemos iniciar uma análise no sentido de identificarmos as suas possíveis causas ou origens. Causas essas, que, por sua vez, possibilitarão a construção de um modelo de detecção de conflitos.

Após a sua apresentação e ensaio, poderemos responder ao desafio a nós próprios colocado, e com o qual este trabalho terminará.



Definição do Objectivo da Investigação

Perante o tema proposto, “Uma nova abordagem metodológica da Polemologia e sua aplicação ao caso dos Balcãs”, pretende-se fundamentalmente apresentar um espectro que nos permita classificar qualquer tipo de conflito, e não apenas aqueles, cuja intensidade com que decorrem, faz com que sejam considerados guerras, já que, actualmente, somente este tipo de conflitos pode ser classificado, através do espectro da guerra que actualmente é utilizado em Portugal, para os estudos nas diferentes áreas do conhecimento militar.

Pretendemos ainda apresentar um modelo de detecção de conflitos, que possa ser aplicado facilmente em qualquer parte do globo, seja uma região, um Estado, ou apenas uma área dentro de um determinado país, e que detecte a possibilidade de ocorrerem conflitos antes destes eclodirem.

Importância do Estudo

Se ao longo da história os conflitos foram uma constante, após a queda do Muro de Berlim³, tem-se assistido a uma verdadeira proliferação, existindo actualmente conflitos em todas as regiões do globo, com consequentes pressões sobre as relações internacionais e a economia mundial.

Um exemplo claro desta situação, surgiu sob a forma de um atentado terrorista que marcou de forma indelével a entrada no novo milénio, quando o território continental dos Estados Unidos foi pela primeira vez atacado, a 11 de Setembro de 2001. Os Estados Unidos reagiram de imediato aos acontecimentos, sob a forma de declaração de guerra ao terrorismo, ficando deste modo aberta mais uma frente no espectro da conflitualidade actual.

Consideramos assim, de vital importância o estudo deste fenómeno, de modo a podermos entender a sua importância e significado e, em segundo lugar, que estes se possam prever, recorrendo para isso a um modelo que ao ser aplicado a uma dada zona do globo e tendo em conta factores de ordem geográfica, económica, histórica, social e política, não só detecte possíveis conflitos antes destes surgirem, mas que também possa auxiliar na compreensão e acompanhamento dos já existentes.

³ 09 de Novembro de 1989, para muitos autores simboliza o fim da guerra fria.



Delimitação do Estudo

O modelo de detecção de conflitos que pretendemos criar, irá ser constituído por um conjunto de indicadores gerados através da análise de um determinado número de conflitos.

Colocava-se então uma questão: que conflitos analisar? Decidimos considerar apenas para esta análise aqueles que decorrem actualmente com maior intensidade, e onde as acções das partes em confronto ocorrem de um modo mais regular e perceptível, sejam elas de carácter político, militar ou diplomático.

Em nossa opinião conflitos com estas características, são os que melhor representam o espectro da conflitualidade actual e conseqüentemente podem gerar os indicadores mais precisos e que sejam transversais a todo o tipo de conflitos.

Após termos obtido o nosso modelo, é necessário proceder à sua experimentação. Para isso vamos aplicá-lo a uma dada zona do globo onde actualmente exista um conflito, mas num espaço temporal onde este ainda não ocorresse, considerando que o modelo é passível de ser utilizado, se de facto detectar a possibilidade de aí vir a surgir o conflito em questão.

Sendo necessário seleccionar uma área com estas características, decidimos optar pela região dos Balcãs, no entanto, para que melhor se compreendam os resultados alcançados através da aplicação do modelo a uma região perfeitamente definida e delimitada, decidimos aplicá-lo exclusivamente à antiga Jugoslávia.

Definição de Termos

Neste trabalho foram considerados os seguintes termos:

Polemologia: “*Visa a sistematização, classificação e análise de todos os tipos de conflitos que a história regista, em particular das suas causas e das suas incidências sociais.*”;⁴

Sistema Político Internacional: “*Conjunto de centros independentes de decisões políticas que interactivam com regularidade e frequência.*”;⁵

Actor do Sistema Político Internacional: Autoridade, organização, grupo ou indivíduo capaz de desempenhar um papel no Sistema Político Internacional;

Nação: “*Comunidade humana que possui uma certa unidade cultural, linguística e histórica, que tem consciência desta unidade e a quer preservar.*”;⁶

⁴ Gen Pezarat Correia, 2002, p. 42.

⁵ Gen Cabral Couto, 1988, p. 19.

⁶ Boniface, 1997, p. 214. Pascal Boniface, Director do Institut de Relations Internationales e Stratégiques, Paris.



Estado: “Uma população vivendo num território dirigido por um governo. A condição essencial da existência do Estado é a soberania.”⁷ É o principal Actor do Sistema Político Internacional, pode também ser designado por país;

Estado Nação: Estado cuja totalidade ou a grande maioria da sua população, corresponde a uma só nação;

Poder: Capacidade de que cada Actor do Sistema Político Internacional dispõe para influenciar as actividades de outro (s) actor (es) ou mesmo impor a sua vontade.

Metodologia

A metodologia a seguir para a realização do presente trabalho, assentará fundamentalmente numa pesquisa documental, que permitirá estabelecer um enquadramento conceptual, o qual constitui a base do nosso estudo. De seguida, iremos classificar os conflitos através de um espectro de conflitos, tendo como ponto de partida uma análise crítica do actual espectro da guerra.

Finalmente e seguindo um racional similar ao utilizado pelo General Jesus Bispo, que nos apresenta dois modelos de análise de conflitos,⁸ e ao utilizado por Mariano Aguirre e por Montserrat Guibernau, que descrevem e analisam, uma série de possíveis causas ou origens para o fenómeno da conflitualidade,⁹ iremos formular um modelo próprio de detecção de conflitos.

Posteriormente, este modelo será aplicado à situação vivida na antiga Jugoslávia no final da década de 80 de forma a ser testado, consideramos que o modelo poderá ser utilizado se detectar o conflito aí surgido no início dos anos 90.

No entanto, este desiderato só será possível se todos os conflitos tiverem origens comuns, já que o conjunto de indicadores que constitui o modelo foi criado a partir da análise de vários conflitos.

Deste modo, definimos como questão central: **“Até que ponto é possível fazer a detecção de conflitos tendo por base um conjunto de indicadores?”**

⁷ Idem, p. 137.

⁸ In “*Elementos para uma Teoria do Conflito Político*”.

⁹ Mariano Aguirre, director de Estudos sobre Conflitos do Centro de Investigação para a Paz, de Madrid, in “*Raíces de los Conflictos Armados*”. Montserrat Guibernau, Professora de Ciência Política, in “*Nacionalismos: O Estado Nacional e o Nacionalismo no Séc.XX*”.



Foram levantadas hipóteses orientadoras do estudo, com base na percepção pessoal de que:

- Os conflitos, mesmo os aparentemente mais díspares, têm origens comuns;
- Um modelo de detecção de conflitos só é válido, se experimentalmente detectar conflitos.

Organização e Conteúdo do Estudo

O presente trabalho será organizado em sete capítulos, inicialmente identificaremos possíveis contributos de outras áreas do conhecimento para o tema, de modo a começarmos a construir uma base conceptual suficientemente alargada.

No segundo capítulo, e com base na literatura por nós considerada, faremos um enquadramento conceptual, onde será analisado um conjunto de conceitos, permitindo chegarmos a uma definição de conflito em sentido lato.

Esta definição, será o primeiro pilar para podermos então classificar os conflitos nos seus diferentes tipos. Deste modo, o terceiro capítulo constará da criação de um espectro dos conflitos, que terá por base os objectivos dos intervenientes em confronto, e não como no espectro da guerra actualmente utilizado nos estudos nesta área, com base nos intervenientes e no nível de coacção. Passaremos pois a poder utilizar um espectro que nos permitirá classificar todos os conflitos considerados neste trabalho e que posteriormente serão objecto de análise.

No capítulo seguinte, identificaremos diferentes conflitos que actualmente ocorrem nas mais variadas regiões do globo, tentando compreender a sua importância e consequências para a região do globo onde se localizam.

Posteriormente, e tendo por base o conhecimento dos referidos conflitos, partiremos para uma análise mais global, numa tentativa de perceber a sua influência nas relações de poder actualmente existentes, e o seu contributo para a formação de novos equilíbrios, que se irão estabelecer no futuro.

Assim, através de uma análise geográfica, económica, histórica, política e social de um conjunto de conflitos, e tendo em conta o espectro levantado anteriormente, pretende-se criar um modelo que possa ser utilizado na detecção de conflitos. Depois de termos definido conflito e identificado os seus diferentes tipos, poderemos abordar e analisar as suas causas que se irão constituir em indicadores e irão formar o nosso modelo.



Factor importante para um melhor entendimento do que nos propomos realizar, é o conhecimento de que os diferentes tipos de conflito serão classificados segundo o modo como decorrem, e não tendo em conta as suas causas ou origens.

De seguida, iremos testar esse modelo tendo como base o conflito dos Balcãs, por ser um conflito actual, conhecido por todos e estar localizado numa região vital para as questões de segurança e defesa europeias, e onde o nosso país tem colaborado na sua resolução, através da presença de contingentes nacionais, nas forças de apoio à paz que estão na região.

Depois de estarmos na posse de um modelo já testado, julgámos indispensável para que o nosso estudo fique de facto completo, utilizá-lo uma vez mais, mas agora de um modo prospectivo, tentando identificar duas regiões em que num futuro relativamente próximo, poderão vir a ocorrer conflitos. É o que faremos no sétimo capítulo, através da aplicação do modelo a uma Palestina independente e à Ásia Central.

Finalmente, iremos verificar se é possível estender a aplicação do nosso modelo a qualquer parte do globo, não só para a detecção de possíveis conflitos, mas também para ajudar a compreender os já existentes.

I. CONTRIBUIÇÕES DE OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

I.1. Generalidades

Os conflitos são uma constante incontornável dos nossos dias, tendo-se verificado uma necessidade cada vez maior de recorrer a outras áreas do conhecimento, no sentido de recolher elementos e análises que possibilitem uma melhor compreensão e interpretação dos factos.

Assim, e porque entendemos que a abordagem ao fenómeno da conflitualidade é de natureza multidisciplinar, julgamos ser interessante obter o contributo de outras áreas do conhecimento, fundamentalmente da Sociologia e da Estratégia, como primeiro passo do caminho que nos propusemos percorrer no estudo da conflitualidade.

De qualquer modo, esta abordagem terá de ser necessariamente breve, pois entendemos que estes contributos são apenas uma primeira abordagem no sentido de criarmos uma base conceptual suficientemente sólida, que nos permita posteriormente, um estudo mais objectivo.



I.2. Da Sociologia

Para a Sociologia o estudo e observação dos conflitos são particularmente importantes, uma vez que estes se constituem como momentos de incerteza essenciais para a mudança social. Por outras palavras, criando novos valores, novos direitos, novas leis ou até mesmo novas instituições. Em suma, os conflitos contribuem de forma decisiva para a transformação das sociedades.

A Sociologia começou por abordar a conflitualidade segundo as denominadas visões clássicas: a comportamental, centrada no indivíduo, e a contemporânea, centrada fundamentalmente no grupo.¹⁰ Apesar de diferentes, as duas teorias têm uma base comum, uma vez que consideram que na origem dos conflitos está a competição pela conquista de poder e pela posse de recursos.

A Micro teoria do conflito, centrada no indivíduo, estabelece uma relação entre este, a sua existência e a influência do meio ambiente, considerando que o homem possui características biológicas ou psicológicas que o predispõem para a agressão.

A Macro teoria do conflito considera como conceito central o uso e exercício do poder, podendo este expressar-se sob a forma política, económica, militar ou até mesmo cultural.

No fim dos anos 80, surgiu a “*Teoria do Sistema Inimigo*”¹¹, que se fundamenta no pressuposto do ser humano ter necessidade de possuir inimigos e aliados, tanto a nível do indivíduo como dos grupos, este aspecto é fundamental para o entendimento da formação e do comportamento de grupos de carácter étnico e nacionalista.

I.3. Da Estratégia

Dos inúmeros contributos da Estratégia para o estudo da conflitualidade, consideramos fundamental conhecer, aquele que caracteriza o conflito como englobando os conceitos de tensão, crise e guerra.¹²

Como podemos observar, segundo esta concepção, entende-se por conflito tudo o que está para lá da paz absoluta, começando por uma situação de tensão, englobando o conceito de

¹⁰ In <http://cain.ulst.ac.uk/conflict/cunningham.htm>, apresentação da tese de mestrado de William G. Cunningham Jr., “*Conflict Theory and Conflict in Northern Ireland*”.

¹¹ Idem. Segundo a mesma fonte esta teoria foi desenvolvida nos anos 80 no seio do antigo American National Security Council e no Departamento de Estado Norte Americano.

¹² Gen Cabral Couto, Op Cit (5), p.153.



desenvolvimento de crise, e terminando na guerra absoluta, num aumento constante de hostilidade.

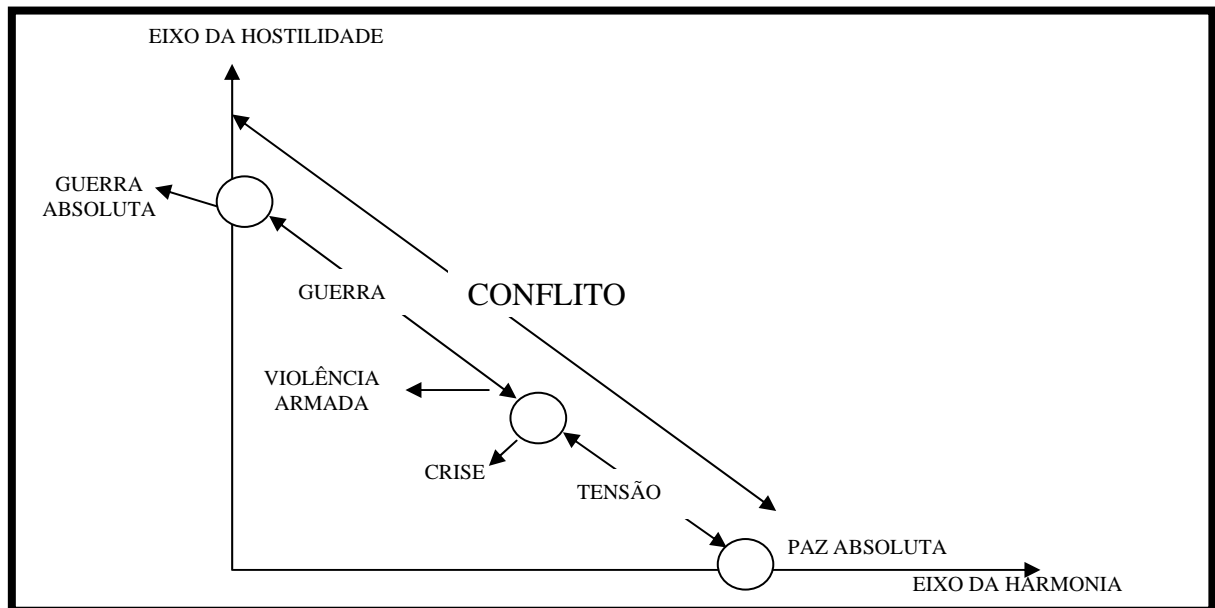


Fig. 1 – Caracterização do conceito de conflito

II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

II.1. Generalidades

As relações internacionais têm como protagonistas os Actores do Sistema Político Internacional, que procuram defender os seus interesses utilizando, para isso, o poder de que dispõem. Assim, o factor mais marcante das relações entre os diferentes actores será sem qualquer margem de dúvida, a natureza convergente ou divergente em relação aos interesses em questão, pois tal como nos é transmitido pela célebre frase de Sir Winston Churchill,¹³ “*Nas relações internacionais não há amigos mas sim interesses*”.

Quando os interesses são idênticos, as relações são de cooperação, já que os actores vão tentar atingir esses interesses cooperando mutuamente, no sentido de os atingirem o mais rapidamente possível.

As relações serão de acomodação, se os interesses forem complementares, isto é, se um determinado actor atingir os seus objectivos, e o outro actor em presença também atingir os seus, apesar dos objectivos serem diferentes.

¹³ Sir Winston Churchill, foi Primeiro-ministro da Grã-Bretanha de 1940 a 1945.



Finalmente, vão emergir relações de conflito entre os actores da cena internacional, se os interesses forem incompatíveis, ou seja, se um actor atingir um determinado objectivo, fazendo com que outro actor, não possa por sua vez atingir o objectivo a que se tinha proposto.

II.2. O Conflito

Importa então conseguir definir claramente o que se entende por conflito. Para Pascal Boniface, um conflito designa “*uma oposição de interesses que não se traduz, forçosamente pelo emprego da força armada*”.¹⁴ Segundo esta definição parece claro que conflito e guerra são dois conceitos distintos.

Existem, no entanto, outros autores com diferentes abordagens em relação ao mesmo tema. Assim, Julien Freund¹⁵ começa por dizer que “*os conflitos são originados por interesses concretos opostos*”¹⁶, acrescentando “*que os conflitos são precisamente confrontos ou provas de força, que umas vezes levam a rivalidade até ao fim, até à derrota de uma das partes, e outras contentam-se com um compromisso*”.¹⁷ Neste caso, o autor em questão traça duas ideias chave, a primeira, é a de considerar que os conflitos têm origem em interesses opostos, (aliás como já tínhamos abordado no início deste capítulo), a segunda é a de considerar que o conflito por vezes pode evoluir até à derrota de uma das partes.

Já para o Direito Internacional, conflito é um desacordo sobre um ponto de direito, uma contradição, uma oposição de teses jurídicas ou de interesses entre dois Estados ou actores da cena internacional, aqui, surge um conceito virado para as questões do Direito.

Podemos pois concluir que existem fundamentalmente dois tipos de conflitos quanto à sua natureza. Os de natureza jurídica, quando a aplicação do Direito Internacional não é aceite pelos dois intervenientes, mas que podem ser resolvidos pelas instâncias internacionais, e os conflitos de natureza política, onde o Direito Internacional Público é manifestamente impotente para resolver os desacordos quando estes se agravam. Tais desacordos constituem-se assim, numa ameaça à estabilidade e à paz, e onde se dá lugar à utilização de um maior leque de forças, percorrendo patamares em que as hostilidades se agudizam, podendo, em casos limites, conduzir a situações de guerra.

¹⁴ Boniface, Op Cit (6), P. 165.

¹⁵ Julien Freund, falecido Sociólogo e Filósofo Francês.

¹⁶ Freund, 1977, p.103.

¹⁷ Idem, p.161.



II.3. Os *Frozen Conflicts*

Um outro conceito, tem sido actualmente frequentemente referido, o de *Frozen Conflicts*, existindo fundamentalmente dois tipos de definição associados a este conceito:

- Conflitos que ocorrem ciclicamente nos mesmos locais e provocados pelas mesmas causas, alternando períodos de elevada intensidade com os períodos de intensidade reduzida que os caracterizam, e durante os quais estes ficam como que no esquecimento.¹⁸
- Conflitos que só se evidenciam, quando aumenta de um modo repentino o seu nível de intensidade, pois até aí não tinham sobre eles a atenção da comunidade internacional. Tendo o Embaixador Seixas da Costa a este respeito, referido ainda a situação do Nagorno Carabach, como sendo um exemplo típico de um *Frozen Conflict*.¹⁹

Estas são duas definições, que caracterizam os *Frozen Conflicts* como sendo aparentemente inexistentes, e dos quais está arredada a atenção da comunidade internacional até ao momento em que eclodem, devido à ocorrência de um determinado acontecimento.

Estamos assim, perante um conceito caracterizador de conflitos, que se encontram certamente num patamar mais elevado que o de mera divergência, passando de um modo repentino para o patamar da crise ou até mesmo para o da guerra.

II.4. A Crise

Invariavelmente ligado ao conceito de conflito surge um outro, o de crise. Existem inúmeras interpretações deste conceito como por exemplo a do General Pezarat Correia que refere “*a situação de crise é, por princípio, típica de épocas em que ocorrem profundas transformações políticas e sociais. E isto é verdade tanto para as crises nacionais (rupturas internas), como para as crises internacionais (rupturas no sistema de relações internacionais). Todas as grandes transições históricas se têm processado em situações de crise*”.²⁰

¹⁸ Definição sugerida pelo Embaixador António Martins da Cruz, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros durante a Presidência Portuguesa da OSCE, na conferência Regional da União Europeia para a Prevenção de Conflitos, em Helsingborg a 29 e 30 de Agosto de 2002.

¹⁹ Aquando da apresentação de uma conferência no IAEM em 26 de Março de 2003, subordinada ao tema: “Contextos Regionais, a OSCE”. O Nagorno Carabach é um antigo território da URSS, sendo actualmente um enclave Arménio no Azerbaijão

²⁰ Gen Pezarat Correia, Op Cit (4), p. 45.



Este autor separa claramente o conceito de crise em duas vertentes, a interna e a internacional, no entanto, quer num caso quer noutro, considera que as crises ocorridas ao longo da história contribuíram directamente para as grandes transições que ocorreram.

Em 31 de Janeiro de 2003, a Direcção Geral de Política de Defesa Nacional propôs a seguinte definição para crise “*Situação anormal, decorrente de uma ocorrência grave ou de um conflito de interesses, em que pelo menos uma das partes, lhe confere carácter de essencialidade e, perante a qual, a Sociedade reconhece um perigo, um risco ou ameaça comum a interesses nacionais, muito importantes ou vitais.*

Situação essa, em que a surpresa, a incerteza e a necessidade e urgência de decisões e de acções imediatas e a aplicação de meios adequados, no sentido do restabelecimento do estado inicial, ou da salvaguarda desses interesses, constituem factores determinantes.

*Caracteriza-se ainda pelo seu espectro de incidência variar entre desastres e/ou acidentes naturais, que se constituem como anormalidade grave e uma situação estratégica de risco, decorrente de um aumento da tensão internacional, que perturba o fluir normal das relações entre actores naquele âmbito e, na qual, passa a existir uma alta probabilidade de emprego da coacção militar”.*²¹

Nesta definição, surgem duas vertentes fundamentais em relação ao conceito de crise. A primeira, é a crise associada ou com origem em desastres e acidentes naturais, vertente esta que não se enquadra no âmbito deste trabalho. A segunda vertente, considera como origem de uma crise um aumento de tensão internacional, que poderá levar à utilização da coacção militar por parte dos actores em questão.

Para Pascal Boniface “*crise designa ela própria, uma situação em que o equilíbrio entre dois ou vários Estados se acha desfeito ou uma situação em que a estabilidade do sistema internacional, no seu todo, é posta em causa*”.²²

Para o então TCor Valença Pinto, “*a crise é uma sequência de interacções entre governos de dois ou mais Estados em conflito intenso perto da iminência da guerra, porém com a percepção do perigo que representa uma elevada probabilidade de guerra*”.²³ Estamos perante duas definições que nos permitem caracterizar a situação de crise, como sendo uma situação de desequilíbrio ou instabilidade entre dois ou mais intervenientes e que poderá

²¹ Definição apresentada pelo Gen Pinto Ramalho numa conferência proferida no IAEM em 24 de Junho de 2003, subordinada ao tema: “A Direcção Geral de Política de Defesa Nacional”.

²² Boniface, Op Cit (6), P. 166.

²³ TCor Valença Pinto, 1987, p. 1.



desencadear uma guerra. Surge então um novo conceito que deveremos abordar, o conceito de guerra.

II.5. A Guerra

E como se poderá definir guerra? Segundo Clausewitz,²⁴ guerra “*é um acto de força destinado a obrigar o adversário a aceitar a nossa vontade*”,²⁵ ou de outro modo “*é a simples continuação da política com outros meios*”.²⁶

Para Gaston Bouthoul²⁷ guerra “*é a luta armada e sangrenta entre grupos organizados*”.²⁸

O General Cabral Couto define guerra “*como uma violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares*”.²⁹

Estas três definições permitem interpretar o conceito de guerra, como sendo o último patamar de um conflito, é conduzida pela política, e tem como objectivo final a derrota do oponente.

II.6. Definição de Conflito

Face ao conjunto de conceitos que acabámos de analisar, consideramos importante para a elaboração deste trabalho, proceder à sua integração, no sentido de termos uma percepção perfeitamente clara, do que consideramos ser um conflito.

Por conflito entendemos então:

Ser uma divergência, decorrida da incompatibilidade de interesses entre dois ou mais actores, podendo conduzir a uma situação de hostilidade crescente e que em situações limites se traduz por ocorrência de guerra.

Esta é pois uma definição abrangente, incorporando no mesmo conceito, não só o de mera incompatibilidade, mas também os conceitos de crise e de guerra. Consideramos assim, que no conceito de conflito existem quatro patamares, num grau crescente de intensidade e

²⁴ Carlos Von Clausewitz, estrategista Prussiano, foi Director da Academia Militar de Berlim, falecido em 28 de Novembro de 1831.

²⁵ Clausewitz, 1980, p.27.

²⁶ Idem, p.43.

²⁷ Gaston Bouthoul, (1896-1980) é considerado o fundador da Polemologia.

²⁸ Bouthoul, 1970, p.103.

²⁹ Gen Cabral Couto, Op Cit (5), p.148.

hostilidade, num primeiro patamar encontramos o conceito de divergência, num segundo patamar o conceito de “Frozen Conflict”, num terceiro patamar a crise, e finalmente no último patamar, o conceito de guerra.

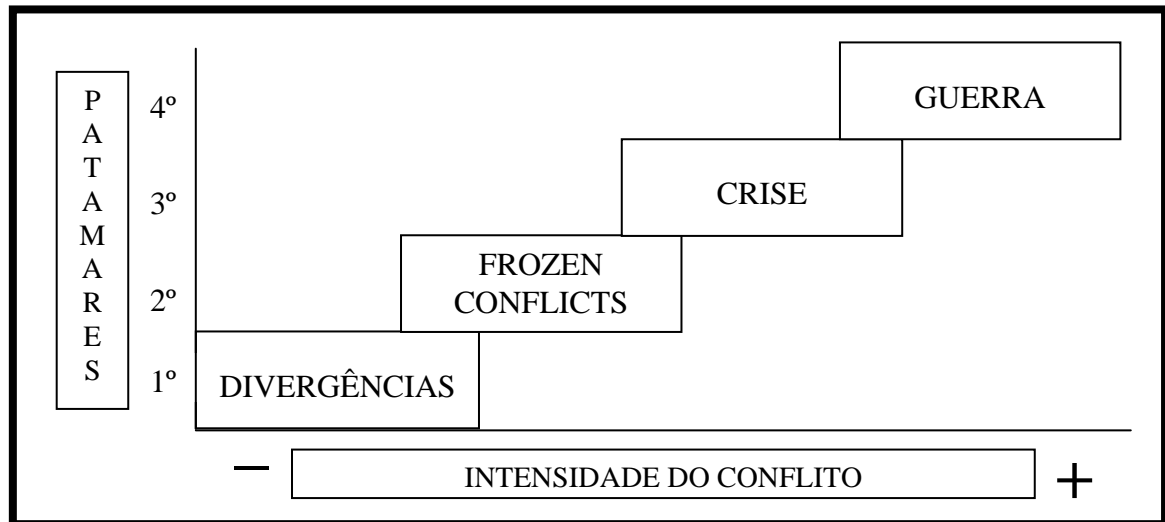


Fig. 2 – Representação gráfica do conceito de conflito

III. ESPECTRO DOS CONFLITOS

III.1. Análise do Espectro da Guerra

Depois de termos apresentado a nossa interpretação do conceito de conflito, pretendemos agora analisar esse mesmo conceito e verificar de que modo este se poderá classificar ou dividir, e conseqüentemente, elaborar um espectro que possa ser aplicado na interpretação e análise dos futuros conflitos.

Verifica-se, no entanto, que os mais variados autores classificam apenas quase exclusivamente o conceito de guerra, e nunca o de conflito.

Gaston Bouthoul sugere uma abordagem em duas vertentes para a classificação das guerras, uma primeira vertente, segundo uma perspectiva Política, e outra, numa perspectiva Psico-política.

No primeiro caso, este autor considera a existência de:

- *“Guerras internacionais, como sendo o modelo de guerra mais clássico no qual se enfrentam dois grupos soberanos, considerando-se cada um como entidade de Direito Internacional, absolutamente independente;*



- **Guerras civis**, nome dado aos conflitos armados que ocorrem entre cidadãos do mesmo Estado;
- **Guerras coloniais**, as guerras entre povos de civilização diferente, podendo-se identificar essa diferença e no que às hostilidades propriamente ditas dizem respeito, na diferença, de armamentos e organização militar”.³⁰

Estamos perante três definições que se diferenciam fundamentalmente, pelos actores em presença. Se forem dois Estados, a guerra será internacional. Se for uma guerra que ocorra dentro de um único Estado e conduzida por cidadãos desse mesmo Estado, estamos perante uma guerra civil. Finalmente, se é um conflito conduzido por populações que aspiram à independência e contra um país tecnologicamente mais evoluído, estamos perante guerras coloniais, surgindo, nesta última definição, uma primeira referência aos meios utilizados.

Estas são pois definições sob uma perspectiva política, segundo a perspectiva Psico-política, o mesmo autor defende a existência de:

- **Guerra ofensiva**, pois é impossível que o desejo de avançar para a guerra seja rigorosamente igual nos dois campos adversários, havendo sempre um com maior paciência por combate. Para o beligerante que toma a iniciativa com propósito deliberado, a guerra ofensiva é a guerra vista pelo lado do agressor: Não pensando este em defender-se, mas sim em atacar. Numa palavra, é a guerra que têm um mais elevado impulso belicoso;
- **Guerra defensiva**, é a guerra de quem não a deseja e se vê obrigado a combater porque é atacado. Resumindo, guerra em que o impulso belicoso é menor ou inexistente. É apenas um reflexo defensivo vital;
- **Paz armada e corrida aos armamentos**, existem períodos em que o espírito belicoso aumenta e se generaliza. A ameaça contra os vizinhos é franca e converte-se num constante estado psicológico. Reinam a instabilidade e a inquietude. Multiplicam-se os pontos nevrálgicos, as fronteiras discutidas e as recordações de velhas querelas. (...) A corrida aos armamentos é uma espécie de guerra económica e, em que cada um pretende esgotar os recursos do outro, em concorrência ruínosa;
- **Guerra de nervos**, neste caso a propaganda submete o adversário elegido a uma espécie de bombardeamento de notícias falsas, de ameaças e de promessas,

³⁰ Bouthoul, Op Cit (28), p.648 a 650.



alternadas com declarações amistosas e amenizadoras, com o objectivo de fatigar e provocar o desconcerto e a confusão nos ânimos;

- **Guerra preventiva**, *consiste em tomar a dianteira e ser o primeiro a atacar, para beneficiar dos efeitos de surpresa e de uma melhor preparação, contra um vizinho que pode converter-se num inimigo ameaçador. Dito de outro modo, a guerra preventiva prevê os efeitos de um crescimento demográfico, económico e técnico de um adversário em potência*.³¹

Estas são definições que têm por base, fundamentalmente o modo como os intervenientes vão actuar, se tomam a iniciativa, ou se ficam na expectativa e reagem às acções do oponente, bem como ainda, o modo como essas acções são praticadas.

Repare-se que, em nenhuma destas definições é sequer afluído o aspecto dos interesses e objectivos³² das partes em conflito. No mesmo sentido, parece apontar o Espectro da Guerra que nos é apresentado no RC 130-1.³³

O referido regulamento começa por referir que *“Se uma guerra tiver origem num conflito entre dois Estados, essa guerra terá um carácter de Guerra Internacional. Se, pelo contrário, for resultante de um conflito no interior de um Estado, decorrente de divergências no âmbito da política interna, terá então um carácter de Guerra Interna”*.³⁴

Esta é a primeira grande classificação entre Guerras Internacionais e Internas, e onde todos os outros conceitos de guerra se irão inserir. No entanto, logo aqui se poderá levantar uma dúvida: Será possível, que num mundo cada vez mais pequeno, em que cada acontecimento surge de imediato nos ecrãs de televisão, onde os diferentes países são frequentemente chamados a tomar posição sobre os mais diversos acontecimentos, dizer que uma determinada guerra é interna?

Existirá actualmente algum conflito, em que não haja participação de outros Estados para além daquele em que o conflito se desenrola? Seja essa participação directa através do emprego de forças, ou indirecta através do apoio de determinadas posições nas instituições internacionais.

³¹ Bouthoul, Op Cit (28), p.653 a 657.

³² Interesses: tudo o que se traduz em vantagens para um dado actor; Objectivos: aquilo que um actor pretende obter ou situação que ele deseje ver instalada.

³³ Ver Anexo A.

³⁴ RC 130-1, Vol 1, p. 1-3.



A nós parece-nos claramente que não, se olharmos para o que se passa actualmente na República Democrática do Congo ou na Colômbia,³⁵ poderemos verificar que só aparentemente estes dois conflitos se poderiam definir por guerras internas.

Aliás, é no próprio RC 130-1, na descrição detalhada das diferentes guerras internas, que surge referido *“embora tenham lugar no interior de um Estado e adquiram a aparência de um problema interno, as guerras internas podem ser, exclusivamente internas, de origem interna mas apoiadas do exterior ou, ainda, fomentadas e impulsionadas fundamentalmente do exterior. As guerras internas tanto podem não ter consequências internacionais visíveis, como, em certas circunstâncias, acarretar significativas incidências de nível regional ou mesmo mundial. Algumas, na sua evolução, podem transformar-se ou combinar-se com guerras internacionais”*.³⁶

Por tudo isto parece-nos que actualmente o conceito de guerra interna ou internacional, são difíceis de delimitar.

O RC 130-1, refere também que *“entre as guerras internacionais situam-se os conflitos em que os Estados exercem quaisquer formas de coacção mas sem recorrerem à coacção militar, cuja ameaça de emprego se mantém, porém, latente.*

Esta forma de guerra, que se situa num dos extremos do espectro, denomina-se Guerra Fria. A Guerra Quente corresponderá portanto, ao conjunto de conflitos internacionais em que a força militar é aplicada com carácter efectivo. A forma mais violenta de aplicação da força militar é a Guerra Nuclear Ilimitada que, por isso, se situa no extremo oposto do espectro das guerras internacionais. Entre os dois extremos considerados, e fazendo ainda parte das formas de guerra quente, situam-se a Guerra Clássica ou Convencional e a Guerra Nuclear Limitada”.³⁷

Podemos pois constatar, que todos os tipos de guerra, que se inscrevem nas guerras internacionais aqui apresentados, têm na base da sua definição o nível de coacção utilizado pelos intervenientes, relacionado directamente com os meios que estes empregam.

De igual modo podemos observar, que na definição destes conceitos é utilizado repetidamente o termo conflito. Então porque não classificar conflitos, já que estes integram as diferentes classificações de guerra?

³⁵ Ver Anexo C

³⁶ Op Cit (34), p. 1-5.

³⁷ Op Cit (34), p. 1-3 e 1-4



Acresce ainda, o facto de, como já verificámos anteriormente, o principal factor gerador de conflitos ser o antagonismo de interesses, pelo que consideramos de todo importante a elaboração de um espectro dos conflitos que tenha por base, os interesses dos intervenientes e os objectivos que lhes estão directamente ligados, é o que nos propomos fazer de seguida.

III.2. Definição do Espectro de Conflitos

Consideramos fundamental que, antes de se aprofundar o nosso estudo sobre as causas dos conflitos, possamos em primeiro lugar classificá-los. Iremos então apresentar um espectro, capaz de classificar e caracterizar os conflitos, e que se irá constituir num importante auxiliar do nosso trabalho.

Espectro dos conflitos e não espectro da guerra, porque de acordo com a definição anteriormente apresentada, muito mais abrangente, este não se cingirá apenas ao último patamar numa escala de hostilidade.

Para se poder classificar um conflito tem de existir sempre um ponto de partida, como o nosso espectro tem por base os objectivos dos actores em confronto, esse ponto será o objectivo de quem desencadeou o conflito.

Em nossa opinião os conflitos dividem-se em quatro tipos fundamentais:³⁸

- DEFINIÇÃO DE FRONTEIRAS, quando um país alarga as suas próprias fronteiras, à custa de território que não lhe pertencia inicialmente. Normalmente estes conflitos surgem em regiões onde as fronteiras são relativamente recentes;
- IMPOSIÇÃO, quando um ou mais intervenientes no conflito, forçam terceiros a tomar uma determinada opção, preservando estes, no entanto, a sua independência;
- LIBERTAÇÃO, sempre que um país ou região que se encontram sob domínio de um determinado Estado, aspira(m) à independência;
- DEFINIÇÃO DE PODER, conflitos onde um ou mais intervenientes procuram assumir o poder, podendo lutar, quer contra um poder instituído, quer entre si.

Estas são pois, as quatro principais classificações de conflito, e nas quais se inserem todos os seus diferentes tipos.

Nos conflitos de DEFINIÇÃO DE FRONTEIRAS podemos encontrar:

³⁸ Tal como já foi referido na introdução, os diferentes tipos de conflito caracterizam o modo como estes decorrem e não as causas que estão na sua origem.



- CONQUISTA DE PAÍSES, conflitos onde um dos intervenientes pretende alargar as suas fronteiras a todo o território do opositor, fazendo com que este deixe de ser um Estado independente e soberano;
- CONQUISTA DE TERRITÓRIOS, quando essa pretensão não abarca a totalidade do território do oponente, não pondo em causa a sua existência como Estado independente.

Nos conflitos de IMPOSIÇÃO, podemos identificar:

- IMPOSIÇÃO DE GOVERNO, conflitos em que se pretende impor ao oponente, um novo governo e uma nova forma de governação, sem se pretender por em causa a sua individualidade ou independência;
- IMPOSIÇÃO DE VONTADE, quando se pretende forçar o oponente a tomar uma determinada medida ou acção.

Nos conflitos que consideramos serem de LIBERTAÇÃO, podemos considerar:

- LIBERTAÇÃO DE PAÍSES, quando um determinado país que já foi independente e que se encontra ocupado, tendo sido integrado nas fronteiras de outro Estado, assume sozinho ou com auxílio do exterior, um desejo expresso de voltar a ser um Estado livre e soberano;
- INDEPENDÊNCIA, conflitos em que a entidade que assume o desejo de se constituir como um Estado livre e soberano, nunca o foi no passado.

Finalmente, nos conflitos de DEFINIÇÃO DE PODER, poderemos encontrar:

- DEFINIÇÃO DE PODER NACIONAL, conflito conduzido por grupos que pretendem assumir o poder e a governação no seio de um determinado Estado;
- DEFINIÇÃO DE PODER REGIONAL, quando um determinado Estado pretende assumir uma posição dominante numa dada região;
- DEFINIÇÃO DE PODER GLOBAL, se essa posição dominante for à escala planetária.

Este é pois o espectro de conflitos que nos propusemos apresentar, e com o qual consideramos ser possível classificar todo o tipo de conflitos que possam vir a ocorrer. Entendemos não dar exemplos de conflitos para cada uma das definições apresentadas, pois pretendemos utilizar a descrição dos conflitos que iremos analisar neste trabalho, para exemplificar o modo como se utiliza o nosso espectro.³⁹

³⁹ Ver Anexos B e C.

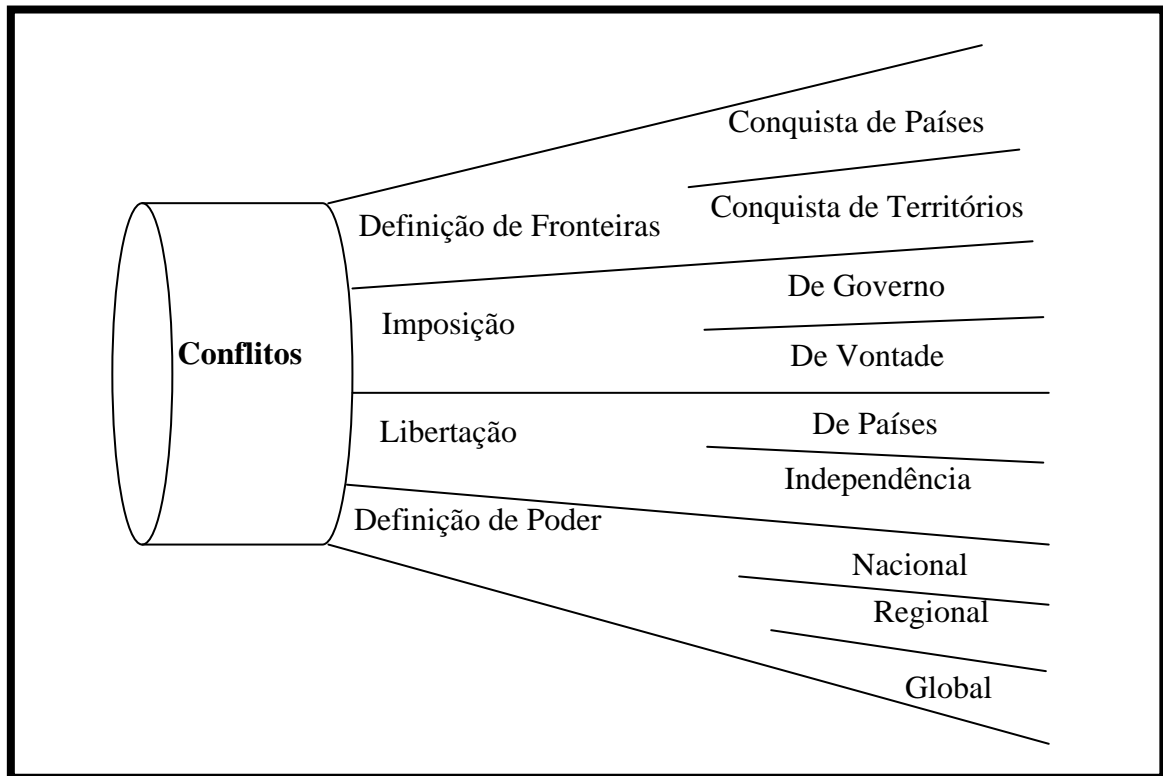


Fig. 3 – Espectro dos Conflitos

IV. ANÁLISE DE CONFLITOS

A primeira conclusão a retirar da análise dos conflitos que serviram de base ao nosso estudo, é a de podermos verificar que dos 24 conflitos por nós analisados a maioria, são de Definição do Poder Nacional e de Independência.

Os de Definição do Poder Nacional encontram-se fundamentalmente centrados na África Subsariana e os de Independência na Ásia, isto permite desde logo concluir que a África Subsariana é uma região de países recentes, que procuram ainda encontrar estabilidade governativa, e que a Ásia é uma região de formação de novos países.



		ESPECTRO DE CONFLITOS								
		Definição de Fronteiras		Imposição		Libertação		Definição de Poder		
		Conquista	Conquista	De	De	De	Inde-	Nacional	Regional	Global
		Países	Territórios	Governo	Vontade	Países	pendência			
CONFLITOS	Angola (Cabinda)						X			
	Argélia							X		
	Burundi							X		
	Libéria							X		
	RD Congo ex-Zaire							X		
	Ruanda							X		
	Somália							X		
	Sudão (Sul do Sudão)						X			
	Colômbia							X		
	Peru							X		
	Afganistão			X						
	Caxemira								X	
	China (Tibete)	X								
	Filipinas (Mindanao)						X			
	Índia (Assam)						X			
	Indonésia (Aceh)						X			
	Mianmar (Karen)						X			
	Nepal							X		
	Rússia (Chechénia)						X			
	Sri Lanka (Eelam)						X			
Irão							X			
Iraque			X							
Israel (Palestina)						X				
Turquia (Curdistão)						X				

Fig. 4 – Classificação dos actuais conflitos

De qualquer modo, pensamos ser indispensável que depois de conhecermos os conflitos que vamos utilizar como geradores de indicadores, os analisemos no seu conjunto, tendo em conta factores geográficos, económicos, históricos, políticos e sociais, que consideramos fundamentais para a sua interpretação e que irão possibilitar à posteriori a elaboração de um modelo de detecção de conflitos.

IV.1. Factores Geográficos

A geografia, surge-nos sem dúvida, como o factor mais caracterizador dos estados, e também como sendo o mais imutável.

Podemos verificar que na sua grande maioria, estes conflitos inscrevem-se numa faixa que Nicholas K. Spykman⁴⁰ chamou de “*Rimland*”, e cuja posse era para ele fundamental para dominar a Eurásia e, em consequência disso mesmo, controlar o mundo.

A faixa anteriormente referida, envolve também a região que para Zbigniew Brzezinski⁴¹ constitui o “*Espaço Central*”, espaço esse que, se os EUA quisessem prevalecer como grande potência mundial, teriam de atrair para o Ocidente, num primeiro possível cenário. Se olharmos para a influência que os EUA têm actualmente em Israel, Turquia,

⁴⁰ Nicholas K. Spykman, pensador geopolítico que estudou o período pós 2ª Guerra Mundial.

⁴¹ Zbigniew Brzezinski, antigo Professor da Universidade de Columbia e Conselheiro Nacional de Segurança durante a administração Carter, nos Estados Unidos.



Filipinas, ou na Indonésia, e mais recentemente no Afeganistão e no Iraque, verificamos como que um cercar do espaço central, por países onde os Estados Unidos são fortemente influentes.

Pensamos, que os EUA procuram estender a sua influência a vários países chave nos espaços sul e oriental, numa tentativa de evitarem que o espaço central possa vir a estabelecer relações preferenciais com estes espaços, em detrimento do ocidental, eliminando assim à partida os três restantes cenários traçados por Brzezinski, onde os EUA perderiam a sua primazia mundial.⁴²

Podemos pois concluir, que as regiões referidas por estes dois pensadores, são vitais para as ligações e relações a estabelecer entre o centro-norte da Ásia e todas as regiões que o envolvem a sul e a oeste.

Por outro lado, verificamos que grande parte destes conflitos se inscreve em redor do oceano Índico, em locais muito importantes para o controlo de estreitos e pontos de passagem obrigatória, para a navegação. Assim, o Sudão e a Somália assumem especial destaque no controlo do Mar Vermelho e Golfo de Aden, controlando indirectamente todo o tráfego marítimo que passa pelo Canal Suez. O mesmo se passa com o Irão em relação ao Golfo Pérsico e Estreito de Ormuz; com a região de Aceh na Ilha de Sumatra, em relação ao Estreito de Malaca; com a região de Eelam no Sri Lanka em relação ao Estreito de Palk e Golfo de Mannar; e com a Ilha de Mindanao em relação ao Mar das Celebes e ao Mar das Filipinas (Mar de Joló). Também a Colômbia é o único país da América do Sul a ter uma costa de dimensões consideráveis tanto no Atlântico, como no Pacífico, a uma relativa proximidade do Canal do Panamá.

São ainda facilmente identificáveis, várias regiões onde ocorrem conflitos e que são centrais, relativamente ao continente a que pertencem, como são os casos dos conflitos subsarianos e do Tibete.

Finalmente, consideramos que um factor geográfico a não desprezar, prende-se com a existência de conflitos em regiões separadas fisicamente do Estado a que pertencem, e do qual se querem tornar independentes, como são os casos de Cabinda em Angola e da região de Assam na Índia.

⁴²Brzezinski, na sua obra *O Grande Tabuleiro de Xadrez*, preconiza a existência de 4 cenários de evolução para a geopolítica do pós guerra-fria. Mantendo os Estados Unidos uma posição de primazia no 1º cenário e perdendo essa posição nos restantes.



IV.2. Factores Económicos

A competição pelos recursos naturais constituirá cada vez mais um factor de conflitualidade, à medida que as fontes de matérias-primas vitais, designadamente água, recursos energéticos e terra arável, se tornarem mais escassas.

Actualmente, muitas regiões do Norte de África, Médio Oriente e Ásia, sofrem de escassez permanente de água, e o número de países que vão estar sob esta ameaça deverá duplicar nos próximos 25 anos.⁴³ Os conflitos no Sul do Sudão e na região dos Grandes Lagos,⁴⁴ estão localizados numa das maiores reservas de água doce de África. Também os recursos hídricos dos rios Tibre e Eufrates, com nascentes no Curdistão Turco e que têm a sua maior extensão no Iraque, são fundamentais para a região onde se inserem.

No que diz respeito ao petróleo, alguns relatórios prospectivos apontam para um domínio completo, do mercado mundial desta matéria-prima, por parte dos países produtores da região do Golfo, antes do final desta década.⁴⁵ Será esta situação, geradora dos inúmeros conflitos que ocorrem na zona?

Só o facto de enormes reservas petrolíferas estarem ali localizadas já significa que o mundo vai ficar muito dependente desta região, com o previsível aumento da procura deste recurso, isto, pode de facto, levar a um conflito com os principais importadores. Ao olharmos para o que está a acontecer no Afeganistão, Iraque e Irão somos tentados a pensar que esse conflito já começou.

De igual modo, a dependência cada vez maior da Europa em relação aos fornecimentos de gás a partir do Norte de África e da Rússia, pode vir também a constituir uma fonte geradora de conflitualidade.

Se a isto, associarmos o facto do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ter colocado a Ásia Central, sob o mesmo comando unificado que o Golfo Pérsico, pode-se perceber que a bacia do Mar Cáspio ganhou importância, passando a ser conjuntamente com a região do Golfo, o centro de gravidade da produção de petróleo a nível mundial.

Tudo isto acarretará, como é evidente, consequências a outros níveis em particular para a Europa, que pode ser afectada de várias formas. Pela imigração, oriunda sobretudo da África e do Médio Oriente, onde os conflitos em torno da escassez de recursos se ampliam, ou

⁴³ In www.centroatl.pt/edigest/edicoes2001.

⁴⁴ Boniface, 2000, p. 147.

⁴⁵ Op Cit (43).



até mesmo numa situação limite, pela ruptura nos fornecimentos de petróleo e gás natural em virtude dos conflitos nas regiões, de onde estas matérias provêm.

Grande parte dos conflitos apresentados, inscrevem-se então em regiões de vital importância económica, pois encontram-se em zonas muito ricas em recursos naturais.

Assim a Argélia é muito rica em gás natural (do qual aliás Portugal depende), a região do Curdistão, o Iraque e o Irão dispõem de grandes reservas petrolíferas, e a região de Aceh detém uma enorme parte das reservas de gás natural e de petróleo da Indonésia.

A tudo isto, acresce ainda o facto de grande parte dos fluxos de petróleo, gás e de outros bens que mantêm em funcionamento a economia mundial em geral, e a das regiões onde se localizam em particular, passarem por pontos estrategicamente privilegiados, onde a existência de conflitos pode interferir com esses fluxos.

Também importante, é verificar que todos os conflitos em análise, sem excepção, se localizam em áreas onde o subdesenvolvimento e a pobreza são regra, podendo este ser um factor determinante na origem de conflitos, pois em situações desesperadas, o recurso à violência ou a permissividade à mesma, pode ser visto como a derradeira esperança das populações.

IV.3. Factores Históricos

Aparentemente, não são factores históricos que estão na origem de conflitos que actualmente ocorram. No entanto, se verificarmos que ao longo da história da humanidade sempre que se formam novos países, eles são, até atingirem aquilo que podemos designar de maturidade, áreas onde é normal existirem conflitos, quer com os países vizinhos numa questão de definição de fronteiras, quer pela definição das políticas internas de cada um desses novos países, então pode-se afirmar, que um país recente seja uma origem potencial de conflitos.

Se repararmos que de todos os conflitos aqui analisados, a sua grande maioria ocorre em países tornados independentes já depois da 2ª Guerra Mundial, então somos levados a acreditar que a relativa pouca importância do factor histórico era apenas aparente. Até porque, para lá das possíveis origens de conflitos ligadas à “juventude” dos Estados, poderemos encontrar outras raízes históricas nos conflitos em análise. Muitos destes conflitos localizam-se em regiões onde as fronteiras resultam de descolonizações e de acordos então realizados, sem se ter olhado às realidades locais.



De igual modo, podemos verificar que alguns dos conflitos em análise, decorrem em regiões que até muito recentemente pertenciam a impérios, seja o caso do Império Otomano,⁴⁶ ou de antigos territórios da URSS.

Finalmente, observam-se também conflitos em vários países onde o principal responsável pela governação, esteve no poder durante longos períodos de tempo e consequentemente o regime político foi do tipo ditatorial, e nos quais a transição para a democracia, se tem revelado difícil e geradora de disputas.

IV.4. Factores Políticos

Indissociáveis das relações entre os diferentes actores, são as políticas que estes conduzem, no sentido de poderem atingir os objectivos a que se propuseram.

Podemos verificar que alguns destes conflitos se caracterizam pela definição da governação num determinado país, com maior influência do exterior como nos casos do Afeganistão e do Iraque, ou menor influência do exterior como no caso de Mianmar. Factor decisivo para a existência deste tipo de conflitos, parece ser o facto do regime dos países em questão, ter conduzido políticas que os isolou do exterior, o que tem originado desconfianças sérias por parte dos principais actores da cena internacional, em virtude de desconhecerem o que se passa nesses Estados, que tipo de actividades estes desenvolvem e no modo como podem afectar a segurança internacional.

Face a esta situação, tem-se assistido a uma intervenção cada vez maior de países ocidentais, nomeadamente dos EUA, actuando de um modo preventivo e tendo como justificação o estabelecimento da democracia, foi o que, a título de exemplo aconteceu no Afeganistão e no Iraque.

Existem ainda conflitos cujas principais causas são a existência de grupos de índole fundamentalista, seja ela política, como no caso do Peru, Colômbia e Nepal, ou religiosa, como na Argélia, que tentam por todos os meios estabelecer regimes políticos que traduzam os seus ideais.

Por último, encontramos o caso de um Estado que pelo facto de não ter estruturas de defesa próprias minimamente credíveis, ou porque não se protegeu ao abrigo de uma aliança com um país mais poderoso, se viu invadido por outro Estado que, ao sentir nas suas

⁴⁶O Império Otomano dissolveu-se após a 1ª Guerra Mundial em 1918, e a ele pertenciam: A actual Turquia, Israel, Palestina e o Iraque.



fronteiras um vazio de poder, o teve de ocupar antes que este pudesse vir ser ocupado por outrem, referimo-nos naturalmente ao caso do Tibete, que abdicou da sua própria defesa.

IV.5. Factores Sociais

O conceito do “*choque de civilizações*”, de Samuel Huntington⁴⁷, é uma visão teórica ou pode efectivamente gerar conflitos no futuro? Os actuais conflitos no sub-continente indiano em Caxemira e em Assam, ou no Sul do Sudão, terão alguns ingredientes deste tipo, com civilizações diferentes como a muçulmana e a hindu ou a muçulmana e cristã, coabitando o mesmo espaço?

De facto, podemos observar a existência de alguns dos conflitos apresentados, exactamente sobre as fronteiras definidas por Huntington,⁴⁸ o do Sul do Sudão, os de Caxemira e de Assam no sub-continente indiano, ou os da Chechénia, Tibete, Nepal e Aceh.

No entanto, apesar de não se encontrarem neste grupo, também se deverão referir como sendo conflitos onde o choque de civilizações está bem patente, os conflitos de Mindanao nas Filipinas e o de Israel (Palestina), pois têm exactamente as mesmas características civilizacionais, nomeadamente no que à religião diz respeito. De salientar que os conflitos acabados de referir têm uma característica comum, em todos eles existem pretensões de independência por parte de uma das facções.

Também os conflitos na região dos Grandes Lagos e o de Karen em Mianmar, se podem inscrever nas mesmas características civilizacionais, mas neste caso por motivos étnicos.

Podemos pois concluir, que os factores étnicos e religiosos têm sido fonte de conflitos, sejam entre Estados, sejam no interior dos próprios Estados, tendo-se verificado que Estados onde a população é heterogénea, têm tido enormes dificuldades em manterem a sua unidade e identidade nacionais. Porque parte da sua população ambiciona ela própria ser um Estado, ou então deseja fazer parte de um país vizinho, situação que normalmente é aproveitada por esse Estado vizinho para fazer valer as suas pretensões sobre a área onde essas populações residem, ou pura e simplesmente, por se achar maioritária ou culturalmente mais evoluída, tenta ser ela a determinar os destinos do seu país, assumindo o poder.

⁴⁷ Samuel P. Huntington, Director do Instituto de Estudos Estratégicos na Universidade de Harvard.

⁴⁸ Ver Anexo D.



V. MODELO DE DETECÇÃO DE CONFLITOS

Antes de iniciarmos a descrição do modelo de detecção de conflitos, que consideramos ser a parte fulcral do nosso trabalho, gostaríamos de apresentar resumidamente, os modelos nos quais nos inspirámos para a sua construção.

V.1. Modelos de Referência

Na obra *Elementos para uma Teoria do Conflito Político*, do General Jesus Bispo são apresentados, após descrição dos conflitos da actualidade e uma análise de conceitos, dois modelos de conflitos.

O Modelo do Conflito Interno, onde são apresentados e analisados um conjunto de indicadores caracterizadores das classes sociais, e o Modelo do Conflito Internacional, onde os indicadores são caracterizadores das Nações ou grupos de Nações em conflito.

Em ambos os modelos, os indicadores apresentados são mensuráveis, o que possibilita o tratamento e análise matemática dos conflitos em questão, através de meios informáticos, programados de modo a poderem indicar o sentido de evolução do conflito.

Mariano Aguirre na sua obra *Raices de los Conflictos Armados*, apresenta um modelo, constituído por aquelas que considera serem as sete principais causas ou origens para a existência de conflitos:

- *Recursos naturais*, originam disputas por territórios ricos em recursos minerais importantes;
- *Separatismo e nacionalismo*, quando um grupo étnico nacionalista procura constituir o seu próprio Estado-nação;
- *Disputas regionais*, quando Estados entram em conflito pela posse de territórios, aos quais é atribuído um domínio histórico;
- *Ideais em favor da Democracia*, provocam conflitos resultantes de um ideal anti-clonista, reivindicações democráticas ou reconhecimento de identidades indígenas;
- *Convicções revolucionárias ou fundamentalistas*, estão na origem do surgimento de grupos políticos extremistas que procuram conquistar o poder;
- *Fanatismos étnicos ou religiosos*, provocam o aparecimento de grupos ligados a uma determinada etnia ou religião que pretendem dominar as restantes;



- *Sentimentos irredentistas*, estão na origem da disputa por parte de grupos étnicos de territórios que consideram pertencer à sua etnia.

Finalmente, Montserrat Guibernau no seu livro *Nacionalismos: O Estado Nacional e o Nacionalismo no Séc.XX*, apresenta um estudo muito detalhado sobre as origens de conflitos ligadas aos nacionalismos, etnias e identidades dos povos. Neste estudo, os conflitos são analisados e apresentados segundo uma perspectiva em que as suas causas ou origens, os colocam em dois grupos distintos.

Num primeiro grupo, são analisados aqueles que decorrem em Estados que não são representativos das populações que neles vivem, e estas não se revêem em absoluto no Estado a que pertencem.

No segundo grupo, encontramos os conflitos cujas causas estão relacionadas com os povos que devido às suas características e afinidades étnicas, deveriam eles próprios também constituírem Estados.

V.2. O Modelo de Detecção de Conflitos

Tendo então como ponto de partida a análise realizada no capítulo anterior, bem como os modelos de referência, o que agora nos propomos apresentar é uma sistematização, que procura estabelecer termos de comparação entre os diversos conflitos, no sentido de tentar compreender o que poderá ter estado na sua origem, definindo assim possíveis causas e criando um modelo que poderá, prever a eclosão de conflitos.

De referir ainda, que tentaremos demonstrar, que para cada conflito não existe apenas uma só causa ou origem, mas sim várias, e quantas mais um conflito tiver, de mais difícil resolução ele será.

Consideramos, de acordo com a análise anteriormente realizada, existirem indicadores de índole geográfica, económica, histórica, política e social. Estes indicadores são formulados, de modo a poderem permitir que facilmente se verifique se estão, ou não, na origem de um determinado conflito.

De modo a facilitar a compreensão do nosso modelo, para cada indicador são apresentados os conflitos, que em nossa opinião, tiveram o referido indicador na sua origem.



V.2.1. Indicadores de Índole Geográfica

São indicadores onde o factor geográfico é predominante, seja na caracterização do território a analisar, seja na análise da importância da localização desse mesmo território ao nível do globo.

V.2.1.1. Locais Chave

Existem áreas no globo terrestre que devido à sua localização específica se revestem de natural valor, devido às potencialidades económicas dessa região ou à sua importância estratégica. Referimo-nos a locais situados em pontos que permitem controlar rotas marítimas e terrestres, ou a zonas centrais, a partir das quais são facilitados os acessos a outras regiões. Estas características fazem com que este tipo de áreas sejam bastante disputadas, podendo essa contenda traduzir-se, em movimentos independentistas apoiados por países que pretendem estender a sua influência a esse ponto do globo, ou mesmo em disputas territoriais entre Estados.

Como exemplos, podemos citar: Somália, Afeganistão, Caxemira, China (Tibete), Filipinas (Ilha de Mindanao), Indonésia (Região de Aceh), Rússia (República da Chechénia), Sri Lanka (Região de Eelam) e Irão.

V.2.1.2. Descontinuidade Territorial

Quando um determinado país tem uma descontinuidade territorial, esta pode originar que mesmo não existindo quaisquer diferenças étnicas ou religiosas entre as regiões, uma delas possa aspirar a ser independente, alegando normalmente razões de desfavorecimento, face às regiões mais centrais onde normalmente se encontram os centros de poder.

Como exemplos, podemos citar: Angola (Cabinda), Filipinas (Ilha de Mindanao) e Índia (Região de Assam).

V.2.2. Indicadores de Índole Económica

São indicadores fundamentalmente ligados aos recursos, sejam eles naturais, energéticos ou financeiros, indispensáveis ao desenvolvimento e mesmo sobrevivência dos Estados e das suas populações.



V.2.2.1. Recursos Naturais

Territórios ricos em recursos naturais ou matérias-primas como por exemplo petróleo, ouro, diamantes, cobre, carvão, ferro, entre outros, importantes para o desenvolvimento económico ou mesmo considerados fundamentais para a sobrevivência de determinados Estados, são normalmente origem de disputas. Estas tanto podem surgir no interior do próprio Estado a que esse território pertence, através de movimentos independentistas, ou de tentativas de determinados grupos da sociedade tomarem o poder, no sentido de poderem usufruir directamente dessa riqueza, como originadas por outros Estados que pretendam ver esses territórios integrados nas suas fronteiras, ou então que apenas prestem apoio aos referidos grupos.

Como exemplos, podemos citar: Angola (Cabinda), Argélia, Libéria, República Democrática do Congo, Sudão (Sul do Sudão), Índia (Região de Assam), Indonésia (Região de Aceh), Rússia (República da Chechénia), Irão, Iraque e Turquia (Curdistão).

V.2.2.2. Recursos Hídricos

Recurso indispensável à sobrevivência humana e ao desenvolvimento dos povos, a água, devido à sua escassez cada vez maior, tem-se constituído em causa de conflitos, em áreas onde este recurso é limitado, ou em regiões onde nascem rios, cujo caudal é fundamental à sobrevivência de povos que se encontrem a jusante. Este factor é tanto mais potenciado, quanto mais as regiões envolventes da área onde existem recursos hídricos, forem deficitárias neste bem.

Como exemplos, podemos citar: Burundi, República Democrática do Congo, Ruanda, Sudão (Sul do Sudão), Caxemira, China (Tibete), Israel (Palestina) e Turquia (Curdistão).

V.2.2.3. Pobreza Extrema

Regiões onde a pobreza e o subdesenvolvimento são uma das principais características, constituem-se tendencialmente em zonas onde eclodem conflitos, quer motivados pelas próprias populações, numa tentativa por vezes quase que desesperada de obterem melhores condições de vida, quer com origem em classes dirigentes que, a coberto do fraco desenvolvimento cultural da população, se digladiam entre si na luta pelo poder.



Consideramos que todas as regiões onde se localizam os conflitos anteriormente apresentados, com maior ou menor incidência neste aspecto, podem ser citadas como exemplo.

V.2.3. Indicadores de Índole Histórica

São indicadores directamente ligados a factos ocorridos no passado, sejam eles acordos estabelecidos, alterações da geografia política de cada região ou acontecimentos que motivaram evoluções na política interna dos Estados.

V.2.3.1. Soberania Histórica

Regiões pertencentes a um determinado Estado e sobre as quais outro país considera ter um domínio histórico, fundamentalmente motivado por essa região no passado ter estado ligada ao território que esteve na sua origem, ou por antigos tratados políticos.

Como exemplos, podemos citar: Caxemira, China (Tibete) e Israel (Palestina).

V.2.3.2. Fronteiras Impostas

Regiões cujas fronteiras resultam de acordos internacionais ou descolonizações, que não olharam às características da geografia e das populações locais, tendo como principais consequências a criação de países com fronteiras não naturais entre si e a existência de populações que deveriam estar integradas noutra país, são normalmente origem de conflitos.

Como exemplos, podemos citar: Burundi, Ruanda, Caxemira e Israel (Palestina).

V.2.3.3. Independências Recentes

Estados cuja independência pode ser considerada historicamente recente, são origem de conflitos, normalmente, em três vertentes:

- Pela definição do poder interno nesses Estados;
- Por regiões que aspiravam a também elas serem independentes e tendo sido integradas no novo Estado passaram a lutar pela independência;
- Por Estados vizinhos que contestam essa mesma independência e tentam controlar o Estado mais recente.



A maioria dos Estados onde se localizam os conflitos por nós analisados, são Estados de independência recente. As exceções são: Libéria, Colômbia, Peru, Afeganistão, China, Rússia, Irão e Turquia.

V.2.3.4. Pós Impérios

Uma das principais consequências da desagregação de um império, é o surgimento de vários Estados que passam a tentar assegurar a sua independência face aos países vizinhos, e a consolidar as suas fronteiras.

Também aqui consideramos antigas federações cujo regime político não democrático, mantinha os Estados a elas pertencentes unidos pela força. Quando essa força deixa de ser exercida, normalmente por motivos de alteração de políticas, verifica-se que existem Estados que iniciam disputas com o país que herdou as fronteiras da federação, no sentido de obterem a sua independência. Esta origem de conflitos pode ser agravada, se por acaso é concedida a independência a algum outro Estado pertencente à antiga federação.

Como exemplos, podemos citar: Rússia (República da Chechénia), Turquia (Curdistão), Iraque e Israel (Palestina).⁴⁹

V.2.3.5. Pós Ditaduras

Estados cujos governos foram ditaduras, mais ou menos evidentes ou pelo menos regimes não totalmente democráticos, durante um período de tempo relativamente alargado são normalmente origem de conflitos, verificando-se que após a abertura do regime político surgem disputas onde se procura definir um novo tipo de governação, bem como uma nova classe dirigente.

De igual modo podem surgir movimentos independentistas em regiões desses Estados, que até aí não tinham mostrado qualquer actividade fruto da opressão política, e que ao abrigo da instabilidade própria da transição para um regime político mais aberto, passaram a desenvolver as suas actividades.

Como exemplos, podemos citar: Argélia, Libéria, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Filipinas, Indonésia e Nepal.

⁴⁹ Estes conflitos encontram-se em regiões que num passado recente pertenceram a federações, caso da Rússia (Chechénia) ou a impérios, casos da Turquia (Curdistão), do Iraque e Israel (Palestina) ao Império Otomano.



V.2.4. Indicadores de Índole Política

São indicadores directamente ligados ao modo como se desenvolvem as políticas dos Estados, ou às acções conduzidas por grupos que pretendem assumir os destinos políticos dos países a que pertencem.

V.2.4.1. Imposição de Ideais

Quando grupos tentam impor a sua própria ideologia ou visão do mundo a todos os cidadãos de um país, necessitando para isso de conquistar o poder. Estes grupos ou movimentos podem ser de vertente política ou religiosa sendo, no primeiro caso apoiados normalmente por organizações criminosas que vêm na instabilidade assim criada, a liberdade necessária para desenvolverem as suas actividades e, no segundo caso, por países que pretendem através da religião aceder a outras regiões.

Como exemplos, podemos citar: Argélia, Colômbia, Peru e Nepal.

V.2.4.2. Estados sem Estrutura de Defesa

Quando um Estado abdica de manter um mínimo credível de forças destinadas à sua defesa, e dispõe nas suas fronteiras de um ou mais Estados que possuem uma estrutura militar considerável, corre sério risco de acabar por ser invadido, pois esse seu vizinho pode necessitar do seu território para projectar o seu poder, ou até mesmo evitar que seja outro a fazê-lo.

Exemplo disto mesmo é o caso da China (Tibete).

V.2.4.3. Estados Isolados

Estados cuja acção política dos seus governos os conduziu a um isolamento da comunidade internacional. São normalmente animados por radicalismos de origem política ou religiosa e podem-se constituir em base de grupos fundamentalistas ou anarquistas, cujas regiões de intervenção poderão ir desde os Estados vizinhos até todo o globo.

Esta origem de conflitos, será tanto mais grave, quanto o Estado em questão não pertença a Organizações Internacionais nas quais estejam integrados os Estados vizinhos, sejam elas organizações de segurança e defesa, ou económicas.

Como exemplos, podemos citar: Somália, Sudão, Afeganistão, Mianmar, Irão e Iraque.



V.2.5. Indicadores de Índole Social

São indicadores relacionados fundamentalmente com as características específicas das populações, e o modo como essas características influenciam os Estados onde cada população está integrada.

V.2.5.1. Nacionalismos Expansionistas

Quando grupos étnico-nacionalistas pretendem estender as fronteiras do seu Estado de origem, para englobar um outro território, dentro do qual vivem comunidades pertencentes ao seu grupo, ou seja, qualquer movimento que objective a unificação de povos da mesma origem étnica, ainda que politicamente ou territorialmente separados.

Como exemplo, podemos citar as pretensões do Paquistão sobre Caxemira.

V.2.5.2. Mosaicos Étnicos

Regiões onde existem pelo menos duas origens étnicas distintas nas populações locais, ocupando áreas específicas do território. Estas áreas podem variar em número e encontram-se misturadas entre si.

Quanto maior for a diversidade étnica ou o número de áreas que as diferentes etnias ocupam, mais problemática será esta origem de conflitos.

Como exemplos, podemos citar: Burundi, Libéria, Ruanda, Afeganistão, Caxemira e Israel (Palestina).

V.2.5.3. Nichos Étnicos

Região de pequenas dimensões, perfeitamente delimitada, onde a maioria da população pertence à mesma etnia, estando totalmente envolvida por áreas onde habitam povos de outras etnias em número muito superior.

Como exemplos, podemos citar: Índia (Região de Assam), Indonésia (Região de Aceh), Mianmar (Região de Karen), Sri Lanka (Região de Eelam).

V.2.5.4. Mosaicos Religiosos

Regiões onde as populações que tendo ou não a mesma origem étnica, professam pelo menos duas religiões distintas, ocupando estas populações diversas áreas misturadas entre si e onde cada uma das religiões é maioritária.



Este problema agudiza-se quanto maior for o número de religiões em presença, ou o número de áreas que ocupam.

Como exemplos, podemos citar: Caxemira e Israel (Palestina).

V.2.5.5. Nichos Religiosos

Região de pequenas dimensões e perfeitamente delimitada onde a maioria da população, independentemente das suas origens étnicas, professa um determinado credo, diferente do da população que a rodeia.

Como exemplos, podemos citar: Sudão (Sul do Sudão), Filipinas (Ilha de Mindanao), Sri Lanka (Região de Eelam).

V.2.5.6. Nações sem Estado

Regiões onde existem povos que pelo seu número, história comum e dimensão da área que ocupam, deveriam eles próprios no passado, terem sido constituídos em Estados independentes e não o tendo conseguido passaram a lutar por isso, sendo conseqüentemente fonte de conflitos.⁵⁰

Como exemplos, podemos citar: Rússia (República de Chechénia), Israel (Palestina) e Turquia (Curdistão).

V.2.5.7. Estados sem Nação

Estados cuja identidade e coesão são constantemente postas em causa devido à maioria das populações que os integram serem de origens históricas, de etnias ou credos diferentes e, que por assim serem não se revêem no Estado em que estão integradas.

Como exemplos, podemos citar: Burundi, Libéria e Ruanda.

V.3. Análise do Modelo de Detecção de Conflitos

Naturalmente estamos cientes da complexidade das múltiplas causas e origens dos conflitos, sendo por vezes difícil destrinçar se um determinado indicador é de origem predominantemente social ou económica, por exemplo. De qualquer modo, consideramos que o método utilizado para obtermos os indicadores que constituem o nosso modelo de detecção

⁵⁰ As Nações sem Estado distinguem-se dos Nichos Étnicos e Religiosos, fundamentalmente pela dimensão da área que ocupam e pelo número de habitantes dessa área.

de conflitos, possibilitou que tivéssemos chegado a um conjunto de indicadores, que consideramos serem de facto transversais a todos os conflitos que venham a ocorrer, pois foram deduzidos através da análise de um grupo de conflitos suficientemente alargado e consequentemente representativo do fenómeno da conflitualidade.

Verificando-se a existência de indicadores, que podem detectar o surgimento de conflitos, avaliando simultaneamente a interacção da região em análise com a sua envolvente externa, são os casos de: Locais Chave, Recursos Naturais e Hídricos, Soberania Histórica, Estados sem Estrutura de Defesa, Estados Isolados e Nacionalismos Expansionistas.

De referir ainda, que consideramos que este modelo permitirá para além de detectar possíveis conflitos, analisar o índice de dificuldade na sua resolução, o tempo que demorará a decorrer, bem como a intensidade com que se desenrolará, tendo em conta o número de indicadores considerados na sua origem. Consideramos também, que estes factores são directamente proporcionais entre si, pelo que entendemos que quanto maior o número de indicadores que estão na origem de um conflito, de mais difícil resolução este será, e maior será a sua duração.

Isto mesmo pode ser traduzido graficamente, não sendo certamente por coincidência, que de todos os conflitos por nós analisados, os de Caxemira e Israel (Palestina), sejam exactamente aqueles que apresentam um maior número de indicadores na sua origem, exactamente nove.⁵¹

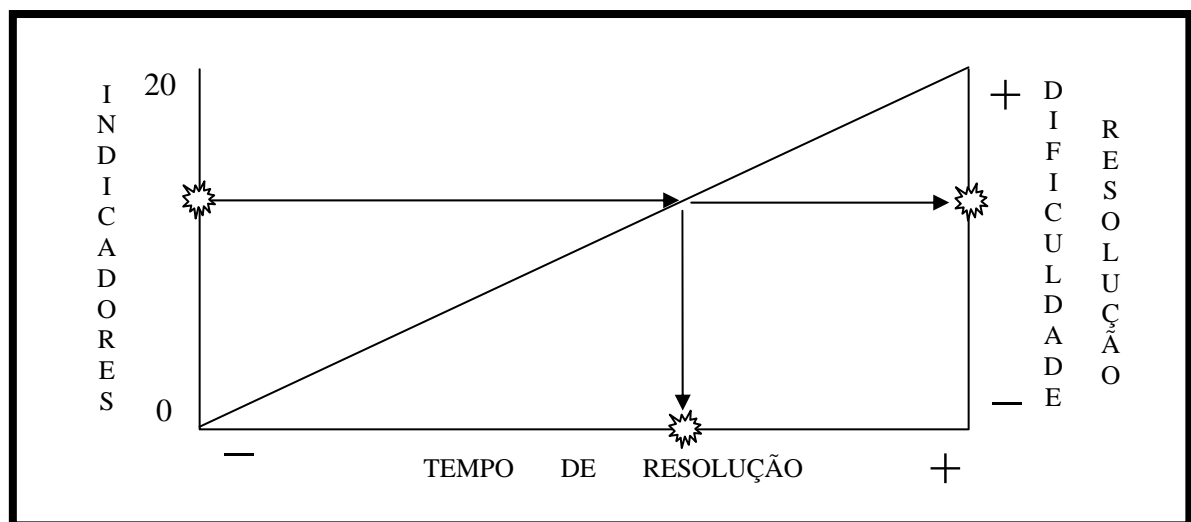


Fig. 5 – Gráfico de proporcionalidade entre número de indicadores verificados, tempo de resolução e dificuldade de resolução dos conflitos.

⁵¹ Ver Anexo E.



VI. APLICAÇÃO DO MODELO AO CONFLITO DOS BALCÃS

Tendo definido o modelo de detecção de conflitos, chegámos então à fase em que teremos de o aplicar a uma situação concreta, para podermos compreender o seu funcionamento e conseqüentemente a sua utilidade.

Começaremos por efectuar uma breve caracterização da antiga Jugoslávia, aplicando de seguida o nosso modelo, no final, pretendemos verificar se é possível detectar aquele que foi o mais grave conflito na Europa pós 2ª Guerra Mundial. Se conseguirmos este desiderato, podemos então considerar que o modelo de detecção de conflitos é passível de ser utilizado.

VI.1. Breve Caracterização da Antiga Jugoslávia no final da Década de 80

O território correspondente à antiga Jugoslávia, que foi ocupado pelos Eslavos cerca do ano 700 d. c., tem uma história complexa, na qual participaram muitas nações. Por aquele território passaram também fronteiras de todos os grandes impérios da Europa Ocidental e Oriental, como são os casos historicamente mais recentes dos Impérios Otomano e Austro-húngaro.

Uma vez terminada a 2ª Guerra Mundial, a antiga Jugoslávia, tornou-se uma república federal socialista liderada por Broz Tito, com capital em Belgrado, abrangendo seis unidades federais: as repúblicas da Bósnia-Herzegovina, Croácia, Macedónia, Montenegro, Eslovénia e Sérvia.

Após a morte do Marechal Tito, em 1980, as funções presidenciais passam a ser exercidas colegialmente, é também por essa altura que o país mergulha numa grave crise económica.

As inquietudes aliadas ao mal-estar social e económico favorecem o despertar dos nacionalismos, onde se misturam um profundo mal-estar relativamente a uma federação julgada demasiado centralizada para uns e descentralizada para outros, e a hostilidade entre nacionalidades. Em 1986 chega ao poder Slobodan Milosevic encabeçando a liga comunista sérvia, e as reivindicações nacionalistas radicalizam-se.⁵²

VI.2. Aplicação do Modelo de Detecção de Conflitos

Depois de conhecermos a situação na antiga Jugoslávia no final da década de 80 do século passado, podemos agora, aplicar a esta região o nosso modelo de detecção de conflitos.

⁵² Para um conhecimento mais detalhado da situação da Jugoslávia na década de 80, ver Anexos F, G, H e I.



Existem à partida duas possibilidades de aplicação do modelo. Uma primeira possibilidade, será a de analisarmos todos os indicadores em função duma região, e depois observar quais são os que de facto se verificam serem válidos nesse caso, para detectar um conflito. A segunda possibilidade será, a de seleccionarmos logo à partida um conjunto de indicadores que julgamos serem verificáveis numa dada região.

Decidimos optar pela primeira possibilidade, pois julgamos ser aquela que utiliza o modelo como um todo, não se correndo o risco de excluir à partida, algum indicador cuja verificação poderia ser menos evidente.

VI.2.1. Indicadores de Índole Geográfica

VI.2.1.1. Locais Chave

A região dos Balcãs tem sido desde tempos imemoriais utilizada pelos povos da Europa para chegarem ao Médio Oriente e vice-versa. É uma região que fica no centro da Europa e dispõe de ligações privilegiadas ao Mediterrâneo, sendo também fundamental às relações da Europa com o norte de África. Finalmente, se considerarmos a Europa e a bacia do Mediterrâneo como uma região única, verificamos de imediato que o centro geométrico dessa região é exactamente a antiga Jugoslávia.

Consideramos pois, que este indicador se verifica na região.

VI.2.1.2. Descontinuidade Territorial

Apesar de existirem muitas ilhas na costa da Dalmácia, estas devido à pequena extensão territorial que ocupam em relação à área do restante território, não podem ser motivo para considerarmos que existe alguma descontinuidade territorial na região.

VI.2.2. Indicadores de Índole Económica

VI.2.2.1. Recursos Naturais

Apesar do território possuir várias riquezas minerais nomeadamente o carvão e alguns metais, consideramos que isso não é suficiente para o considerar como um território de tal modo rico, cuja posse dos seus recursos naturais seja considerada fundamental, e como tal se possa constituir em origem de conflitos.



VI.2.2.2. Recursos Hídricos

Esta região não se distingue das que a envolvem pelos seus recursos hídricos, e nela também não se encontram nascentes cuja dimensão e caudal sejam fundamentais a outras regiões, ou aos países vizinhos.

VI.2.2.3. Pobreza Extrema

A região, apesar do desenvolvimento económico que conheceu nos anos 70, não era de facto das mais ricas e desenvolvidas da Europa. No final da década de 80 a antiga Jugoslávia, estava mergulhada numa grave crise económica. No entanto, estes aspectos não são suficientes para a considerarmos um país de extrema pobreza, até porque, face a alguns dos países vizinhos como por exemplo a Albânia, a Roménia ou até a Bulgária, era mais próspera, tendo inclusivamente em 1984 organizado os Jogos Olímpicos de Inverno em Sarajevo, evento desportivo só possível de realizar por países com um mínimo de recursos.

VI.2.3. Indicadores de Índole Histórica

VI.2.3.1. Soberania Histórica

Apesar de fazer fronteira com sete países,⁵³ não existia qualquer outro Estado que considerasse ter um domínio histórico, sobre a antiga Jugoslávia ou parte do seu território, pelo que este indicador não se verifica.

VI.2.3.2. Fronteiras Impostas

As fronteiras da antiga Jugoslávia não resultaram de acordos internacionais ou descolonizações, que não olhassem às características da geografia e das populações locais.

Pelo contrário a primeira designação daquele país como “Reino dos Sérvios Croatas e Eslovenos”, em 1918 no final da 1ª Guerra Mundial, traduz desde essa altura o cuidado em preservar a identidade própria de cada Nação.

O que se pode eventualmente questionar, é o porquê de os diferentes Estados não se terem assumido desde logo como entidades independentes? Ainda assim, consideramos que este indicador não se verifica.

⁵³ Itália, Áustria, Hungria, Roménia, Bulgária, Grécia e Albânia.



VI.2.3.3. Independências Recentes

A independência da antiga Jugoslávia deve ser considerada historicamente recente, pois os seus territórios só se uniram sob a mesma bandeira em 1918, com o nome de “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”, tendo essa designação sido trocada por Jugoslávia em 1929. Estamos pois a analisar um país, que no final da passada década de 80 tinha apenas cerca de 70 anos de existência.

Assim consideramos que este indicador se verifica.

VI.2.3.4. Pós Impérios

Se existe região no globo que possa ser considerada de Pós-Imperial é a antiga Jugoslávia, pois o seu território, ou partes dele, pertenceram ao longo da História, aos Império Helénico, Romano do Ocidente, Bizantino, Otomano e Austro-húngaro, interessando neste caso fundamentalmente o Império Austro-húngaro, que só se dissolveu após ter sido derrotado na 1ª Guerra Mundial em 1918, sendo nessa altura o único império que ainda tinha fronteiras na região.

Consideramos pois, que este indicador também se verifica.

VI.2.3.5. Pós Ditaduras

A antiga Jugoslávia tinha um regime político que era considerado como ditadura por uns, e como regime aberto por outros. O que é absolutamente indiscutível, é o facto do Marechal Tito ter estado no poder cerca de 36 anos (entre 1944 e 1980), o que logo à partida traduz a existência de um regime não democrático.

Esta situação, faria prever que surgissem desde logo disputas pela sua substituição, e pelo modo como seriam conduzidos os destinos do país, por estes motivos, consideramos que este indicador se verifica.

VI.2.4. Indicadores de Índole Política

VI.2.4.1. Imposição de Ideais

Apesar dos políticos da Sérvia terem tentado instalar no país, após a morte do Marechal Tito, um determinado tipo de governação, fundamentalmente tentando manter a união do país, não poderemos relacionar essa situação com a existência de quaisquer grupos,



cujo objectivo fosse o de impor a sua própria ideologia, ou visão do mundo na região, pelo que este indicador não se verifica.

VI.2.4.2. Estados sem Estrutura de Defesa

A antiga Jugoslávia sempre teve, após a 2ª Guerra Mundial, uma defesa bem organizada e estruturada. Inicialmente dependente do chamado bloco soviético, quer em doutrina, quer em equipamentos, com o desenvolvimento das políticas de Tito, o país foi-se afastando dessa influência, no entanto, isto não se repercutiu em quebras na proficiência dos seus meios de defesa, prevalecendo estes como um dos pilares da soberania da antiga Jugoslávia.

Consideramos pois que este indicador não se verifica.

VI.2.4.3. Estados Isolados

Apesar de não ser dos países mais abertos ao exterior, a antiga Jugoslávia não pode ser considerada de modo algum um Estado isolado, sendo de realçar nas suas actividades a nível internacional a participação, aliás fundamental, na formação do movimento dos países não alinhados.

De referir, no entanto, que a antiga Jugoslávia tinha dois vizinhos que deveriam ser considerados Estados isolados, eram os caos da Albânia de Enver Hoxha e da Roménia de Nicolae Ceausescu.⁵⁴

VI.2.5. Indicadores de Índole Social

VI.2.5.1. Nacionalismos Expansionistas

Na antiga Jugoslávia existiam várias etnias maioritárias, nas zonas onde habitavam e que tinham origens em países vizinhos.

Seria pois de considerar a possibilidade de alguns destes Estados vizinhos poderem reivindicar para si as áreas onde as populações com origem neles próprios são francamente maioritárias, como é o caso dos albaneses no Kosovo, ou pelo menos apoiarem as reivindicações autonómicas dessas populações.

Este é pois, um indicador que se verifica.

⁵⁴ Enver Hoxha faleceu em 1985 tendo a Albânia conhecido as primeiras eleições multipartidárias em 1991, Ceausescu foi deposto e executado em 1989.



VI.2.5.2. Mosaicos Étnicos

Na antiga Jugoslávia existiam cinco nacionalidades (Sérvios, Croatas, Eslovenos, Macedónios e Montenegrinos) e comunidades de Albaneses, Húngaros e Turcos para além de mais catorze grupos minoritários, sendo possível identificar e delimitar diversas áreas, misturadas entre si, em que cada uma destas nacionalidades é claramente maioritária.

Assim, a existir alguma região que possa servir de exemplo sobre o que é de facto um mosaico étnico, essa região é a antiga Jugoslávia, pelo que este indicador também se verifica.

VI.2.5.3. Nichos Étnicos

Sendo a antiga Jugoslávia, em toda a sua extensão, um mosaico étnico não se pode assinalar a existência de quaisquer nichos étnicos, já que isso se traduziria pela presença de apenas duas etnias numa dada área, em que uma delas seria francamente minoritária, ocupando somente uma pequena parcela do território.

VI.2.5.4. Mosaicos Religiosos

Existindo três religiões principais na Jugoslávia (Católica, Ortodoxa e Muçulmana),⁵⁵ e sendo possível definir e delimitar várias áreas, misturadas entre si, em que cada uma destas religiões é praticada pela maioria da população, podemos afirmar que estamos na presença de um mosaico religioso.

Assim este indicador também se verifica.

VI.2.5.5. Nichos Religiosos

Pelas mesmas razões de que não podemos encontrar nichos étnicos, também não se pode considerar a existência de nichos religiosos na antiga Jugoslávia.

VI.2.5.6. Nações sem Estado

Pode dizer-se que a antiga Jugoslávia, com excepção da Bósnia-Herzegovina, é mesmo um conjunto de Nações sem Estado. Quer os Sérvios, quer os Croatas, os Eslovenos, Montenegrinos ou Macedónios, são povos que pelo seu número, história comum e dimensão da área que ocupam, poderiam ser constituídos em Estados independentes.

⁵⁵A Religião Católica era praticada por Eslovenos e Croatas, a Ortodoxa por Sérvios, Montenegrinos e Macedónios e a Muçulmana por Bósnios e Albaneses.



À exceção da Bósnia-Herzegovia, porque consideramos que esta província da antiga Jugoslávia, devido ao número de nacionalidades que existem no seu território, e ao modo como estas se encontram misturadas entre si, não pode ser considerada de modo algum, uma Nação.

Consideramos pois, que este indicador se verifica

VI.2.5.7. Estados sem Nação

A antiga Jugoslávia é um exemplo típico do que é um Estado sem Nação, pois a maioria da sua população provém de origens históricas diferentes, pertencendo a etnias diferentes e professando diferentes religiões.

O facto anteriormente apresentado de que este país pode ser considerado como sendo formado por um conjunto de Nações, não se traduz obviamente na existência de uma identidade nacional.

Este é portanto mais um indicador que se verifica.

VI.3. Análise da Aplicação do Modelo de Detecção de Conflitos

Dos indicadores que constituem o nosso modelo de detecção de conflitos podemos constatar que existem vários que se verificam na antiga Jugoslávia, mais concretamente: Locais Chave; Independências Recentes; Pós Impérios; Pós Ditaduras; Nações sem Estado; Estados sem Nação; Nacionalismos Expansionistas; Mosaicos Étnicos; Mosaicos Religiosos, num total de nove indicadores.

Se considerarmos, como já atrás referimos, que conflitos como o de Caxemira ou o de Israel (Palestina) têm também nove indicadores na sua origem, estaremos pois no caso da antiga Jugoslávia, perante um conflito de dificuldade de resolução assinalável e que se deverá prolongar no tempo.

Poderemos também observar, que dos indicadores verificados a sua maior parte (Independências Recentes, Pós Impérios, Pós Ditaduras, Nações sem Estado, Estados sem Nação, Mosaicos Étnicos e Mosaicos Religiosos), preconiza uma origem de conflito a partir do interior da própria Jugoslávia, por razões fundamentalmente relacionadas com diferenças étnicas, religiosas e identidades nacionalistas.



Tendo em conta que foi exactamente isto que aconteceu na antiga Jugoslávia no início dos anos 90, consideramos que o nosso modelo de detecção de conflitos funciona de facto, sendo assim passível de ser utilizado.

VI. ANTEVISÃO DE NOVOS CONFLITOS

Após termos experimentado o nosso modelo, um desafio se poderá colocar. Porque não tentar identificar possíveis regiões onde, num futuro mais ou menos próximo, possam vir a ocorrer conflitos?

Esta é de facto a tarefa que nos propomos agora realizar. Para tal, vamos recorrer ao nosso modelo de detecção de conflitos, mas agora de um modo menos detalhado, procurando seguir aquela que consideramos ser a sua segunda possibilidade de aplicação. Deste modo, não o iremos aplicar directamente a uma dada região do globo, mas tentaremos identificar regiões que possam à partida conter alguns dos indicadores do modelo, o que se poderá traduzir pelo surgimento de conflitos nessas regiões.

É nosso desejo que o exercício que se segue seja encarado como uma visão prospectiva e não especulativa.

VII.1. A Palestina Independente

Considerando que por hipótese após várias décadas de conflito com Israel, a Palestina se constitua num Estado independente, este será formado por duas áreas territoriais distintas, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.⁵⁶

Quanto à localização da capital deste novo país, sabemos que actualmente, o Governo da Autoridade Palestiniana tem actuado fundamentalmente a partir da cidade de Ramallah, a norte de Jerusalém, onde o seu Presidente Yasser Arafat tem instalado o gabinete, no já famoso edifício conhecido por *Mukata*.⁵⁷ Também é conhecido o desejo que os palestinianos têm de ver a sua capital em Jerusalém, de qualquer modo em Jerusalém ou em Ramallah a sede do poder deste novo Estado será instalada previsivelmente na Cisjordânia.

De referir, que a análise que se segue será feita incidindo fundamentalmente sobre o novo país, evitando assim repetições desnecessárias com a análise do conflito Israel (Palestina), anteriormente realizada.

⁵⁶ Ver Anexo J.

⁵⁷ In www.estado.estadao.com.br/editoriais.



VII.1.1. Descontinuidade Territorial

A descontinuidade territorial, será desde logo uma das características mais evidentes deste novo Estado, o que poderá vir a originar uma nova vontade de independência, mas desta vez entre os dois territórios palestinianos.

A Faixa de Gaza, região mais pobre e de menores recursos, poderá, fruto da necessidade de desenvolvimento das suas populações, ver na sua independência a resolução dos seus problemas, face a uma Cisjordânia mais próspera e sede do poder.

Mas se ao invés, o governo do país for colocado em Gaza, isso pode provocar de igual modo que a Cisjordânia com mais recursos e provavelmente com apoios do exterior, tente agora ela obter a independência.

VII.1.2. Recursos Hídricos

Uma das principais características de toda esta região é a escassez de água, constituindo-se os poucos recursos hídricos aí existentes num bem extremamente cobiçado. Se a Faixa de Gaza é muito pobre em água, a Cisjordânia tem no seu território cerca de metade da extensão do Aquífero da Cisjordânia que produz anualmente 370 milhões de metros cúbicos de água, o que lhe permite ser um dos poucos territórios da região auto-suficiente neste precioso bem.⁵⁸

Esta situação originará certamente o desejo de Estados vizinhos reforçarem a sua influência, no sentido de poderem usufruir desse bem de forma privilegiada, podendo para isso apoiar grupos que desejem chegar à governação, ou se eventualmente a sede de governo for instalada em Gaza, uma luta independentista.

VII.1.3. Pobreza Extrema

A população Palestiniana é pobre e com graves carências em cuidados de saúde e educação, sendo estas certamente uma das primeiras dificuldades e barreiras ao desenvolvimento deste novo Estado. Uma população com estas características é passível de se ver envolvida em disputas pelo poder, no sentido de verem nessa situação a possível resolução dos seus problemas.

⁵⁸ Mapa da geopolítica do Médio Oriente, 2003.



VII.1.4. Independências Recentes

Esta será também uma das características mais evidentes deste novo Estado, sendo pois de esperar as naturais disputas pela definição do tipo de governação, e por quem vai liderar essa mesma governação.

VII.1.5. Pós Ditaduras

Como país recente que é, este não será o caso da Palestina, no entanto, os palestinianos têm sido liderados ao longo de décadas por Yasser Arafat, sendo muito provável que a substituição da liderança de Arafat, seja bastante problemática, até porque são conhecidos diversos grupos e organizações palestinianas,⁵⁹ que depois de lutarem pela independência do país podem passar a lutar entre si pela sua liderança.

VII.1.6. Imposição de Ideais

Algum ou alguns dos vários grupos e organizações palestinianas referidos anteriormente, sob o pretexto de terem participado na luta pela independência, podem pretender ver instalado um regime de acordo com os seus ideais, esta situação pode, como é evidente, traduzir-se em tentativas de derrubar o poder que tenha sido instituído.

Região que ao longo da história foi palco de inúmeros conflitos, um dos quais aliás já analisado neste trabalho, poderá no futuro conhecer outro, existindo possibilidades de como pudemos constatar, face aos indicadores verificados, este surgir, desta vez entre palestinianos.

VII.2. A Ásia Central

Não é unânime a definição de Ásia Central, nomeadamente no que diz respeito aos países que a integram, tendo nós optado pela definição de Pascal Boniface que a refere como sendo constituída por cinco Estados, antigas repúblicas da União Soviética.⁶⁰

Esta região, com excepção do conflito ocorrido no Tajiquistão entre 1992 e 1998, onde o movimento Oposição Tajik Unida e o Movimento para a Paz no Tajiquistão, tentaram através das armas assumir a governação do país,⁶¹ tem sido pacífica.

⁵⁹ Além da OLP de Arafat existem a Fatah, o Hamas, a Jihad islâmica e as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa.

⁶⁰ Cazaquistão, Usbequistão, Quirguistão, Turquemenistão e Tajiquistão (Op. Cit em 6, p. 36). Existem obras que consideram o Afeganistão como também fazendo parte da Ásia Central.

⁶¹ Mapa dos Conflitos Armados 2003.



Mas como passaremos a observar existem vários indicadores do nosso modelo, que ao verificarem-se, indiciam uma eventual eclosão de conflito(s) nesta área do globo.

VII.2.1. Locais Chave

A Ásia Central foi percorrida desde tempos imemoriais por caravanas que transportavam produtos para o ocidente, naquela que ficou conhecida pela Rota da Seda, sendo assim desde a antiguidade, uma região muito importante para as relações entre o Ocidente e o Oriente. Recentemente, esta designação tem sido novamente utilizada, mas desta vez para descrever um comércio menos lícito, com produtos provenientes do crime organizado e do tráfico de drogas.

A região tem vindo a ganhar importância internacional, motivada pela sua localização geográfica privilegiada, sendo de salientar a sua proximidade de áreas como Caxemira, ou de possuir uma fronteira de dimensão considerável com o Afeganistão, o que pode trazer implicações geoestratégicas num futuro próximo, particularmente se levarmos em conta a crescente influência norte-americana no governo deste país.

VII.2.2. Recursos Naturais

A Ásia Central é muito rica em petróleo e gás natural, começando a perfilar-se como uma alternativa de abastecimento destes produtos, libertando o Ocidente da excessiva dependência energética do Médio Oriente.

Cabe aqui destacar os seus territórios na costa do Mar Cáspio, onde está situada a maior reserva inexplorada de petróleo do mundo, e o facto de a ela pertencer o Deserto de Kara Kum, onde existem importantes jazidas de gás natural, é pois de prever, que num futuro próximo esta região venha a ser muito disputada.

VII.2.3. Recursos Hídricos

A região é extremamente carente neste tipo de recursos, o que agrava a necessidade de controlar os poucos existentes, nomeadamente os caudais dos rios Amu Darya e Syr Darya que alimentavam o Mar Aral, que actualmente viu a sua extensão reduzida em 70% face aos anos 60,⁶² exactamente por os referidos caudais terem sido desviados para a rega das plantações de algodão, sendo este um dos maiores desastres ambientais dos nossos tempos.

⁶² National Geographic Society, 1995, p. 128.



A escassez de água poderá ter consequências políticas e económicas, podendo até chegar ao conflito aberto entre os países da região.

VII.2.4. Pobreza Extrema

As populações da Ásia Central registam elevados índices de pobreza, sendo de destacar a elevada taxa de analfabetismo e as deficientes condições sanitárias, tendo esta situação vindo a contribuir para o crescimento do radicalismo Islâmico e para o surgimento de organizações terroristas, com grupos de suporte a operarem em estreita ligação com as redes internacionais de crime organizado.

VII.2.5. Soberania Histórica

Tendo os seus territórios sido conquistados pela Rússia entre 1854 e 1873,⁶³ a Ásia Central pode ver de novo, o seu vizinho do norte alegar este tipo de fundamentos para intervenções na região, numa tentativa de pelo menos a manter sob a sua alçada de influência.

Têm também existido reivindicações por parte da China sobre determinados territórios fronteiriços, nomeadamente na região do Lago Isyk Kul, área que lhe pertenceu até ao século XVIII.

VII.2.6. Independências Recentes

Os cinco países que compõem a região são de independências extremamente recentes,⁶⁴ sendo pois muito provável o surgimento de disputas internas pelo poder, das quais o conflito no Tajiquistão, anteriormente referido, possa ser apenas o primeiro exemplo.

VII.2.7. Pós Impérios

Toda a região pertenceu durante cerca de 150 anos ao Império Russo e depois Soviético, pelo que esta é uma das principais características da região, e que se pode vir a traduzir na necessidade de se reorganizar as fronteiras, sendo de destacar, neste particular, a existência de enclaves do Usbequistão e do Tajiquistão em território do Quirguistão.

⁶³ Boniface, Op Cit (44), p. 107.

⁶⁴ Usbequistão e Quirguistão independentes em 31AGO91, Turquemenistão 01SET91, Tajiquistão 09SET91 e o Cazaquistão em 16DEZ91.



VII.2.8. Pós Ditaduras

Os regimes vigentes nos países da região têm sido do tipo ditatorial, o que é mais evidente nos casos do Turquemenistão e Quirguistão, estando os seus líderes no poder desde a independência, o que no futuro pode originar disputas, seja pela sua substituição, seja porque estes decidiram conduzir reformas no sentido da abertura política.

Recentemente, têm surgido grupos radicais Islâmicos a coberto da lenta transição para regimes políticos mais abertos, nomeadamente no Cazaquistão, Usbequistão e Tajiquistão.

VII.2.9. Imposição de Ideais

O surgimento de vários grupos que professam o fundamentalismo Islâmico, deixa antever a possibilidade destes tentarem assumir o poder pela força nos países da Ásia Central. De referir que as políticas repressivas levadas a cabo pelos diferentes governos da região, têm conduzido a uma aproximação das populações a esses grupos, o que lhes tem permitido alargar a sua base de apoio.

VII.2.10. Nacionalismos Expansionistas

Como se pode constatar pela carta étnica da região,⁶⁵ existem junto às zonas fronteiriças várias áreas em que a maioria da população é de uma etnia originária de um país vizinho. A coberto deste pretexto, qualquer um dos países da região pode tentar alargar as suas fronteiras integrando essas áreas no seu território.

VII.2.11. Mosaicos Étnicos

Como também é facilmente perceptível pela distribuição étnica da região, esta é um mosaico étnico, já que existem áreas do território perfeitamente delimitadas, onde uma dada etnia é maioritária, misturadas entre si, isto poderá ser gerador de confrontos entre as populações das diferentes etnias.

Estamos pois perante uma região muito problemática, face ao número de indicadores verificados, e onde poderão ocorrer num futuro relativamente próximo, conflitos pelas razões que acabamos de apresentar. Podendo a cada vez maior influência dos Estados Unidos na região, ser interpretada como um modo destes estarem a actuar preventivamente.

⁶⁵ Ver Anexo L.



Conclusões

No início deste trabalho tínhamos colocado várias questões, sobre o fenómeno da conflitualidade e sobre a necessidade de conseguirmos entender a razão da existência dos conflitos, conhecendo o porquê da sua ocorrência, os motivos que levaram os actores em presença a intervir e compreender a razão da sua localização geográfica.

Não sendo possível responder a estas questões sem se identificar o conceito de conflito, e tendo verificado que na realidade não existia uma definição unânime deste termo, optámos por sermos nós próprios a elaborar uma definição em sentido lato, com o objectivo de criarmos uma base a partir da qual pudéssemos desenvolver o nosso estudo. Nesse exercício, foi possível integrar as diferentes definições associadas ao termo conflito, com base em quatro denominadores, divergências, frozen conflicts, crise e guerra, o que nos permite concluir que podemos definir conflito englobando estes conceitos, que assim, se constituem nos quatro patamares de intensidade com que os conflitos poderão vir a decorrer.

Na posse de uma definição de conflito em sentido lato, tornava-se fundamental podermos classificar os conflitos, para melhor compreendermos o fenómeno da conflitualidade. Assim, desenvolvemos um espectro, com o qual poderíamos então classificar qualquer conflito, com base nos objectivos dos intervenientes e não nas suas origens ou causas, grau de intensidade ou mesmo nível de coacção tendo em conta os meios em presença.

Optámos por classificar os conflitos segundo os objectivos dos actores, porque pensamos ser fundamental que quando se efectua a análise de um dado conflito, possamos compreender logo à partida o que está de facto em questão, se uma necessidade de alargamento de territórios, uma vontade expressa de impor uma determinada situação, um movimento de libertação ou a definição de quem é o detentor do poder a um determinado nível.

Ao classificarmos os vários conflitos, que decidimos considerar neste trabalho, pudemos constatar que na sua maioria estes são de Definição do Poder Nacional e de Independência, tendo a utilização de um espectro, que classifica conflitos quanto aos objectivos dos actores, possibilitado que pudéssemos de imediato compreender, que actualmente a maioria dos conflitos está relacionada com a existência de países recentes, que ainda não conseguiram encontrar uma organização política suficientemente estável, e com a vontade de muitas populações se constituírem elas próprias em Estados independentes.



Tendo em perspectiva o aprofundamento do nosso estudo, analisámos as causas dos conflitos segundo cinco factores, geográfico, económico, histórico, político e social, escolhemos estes factores, por pensarmos que eles representam aquilo que melhor define e caracteriza a existência de qualquer Estado ou região, a sua geografia, história, realidades e possibilidades económicas, políticas que conduzem e os povos que neles habitam.

Conseguindo classificar os conflitos e compreendendo as suas causas, consideramos poder concluir que estes se têm manifestado com grande amplitude, seja nas lutas de povos ou nações em busca da sua própria liberdade, nas acções conduzidas por grupos radicais, com vista à conquista de territórios e poder, ou na disputa de novos espaços, ricos em recursos naturais.

Depois de serem conhecidas as diferentes causas ou origens, tínhamos levantado a questão, será que estas são transversais a todos os conflitos? E se forem, será então possível detectá-los, utilizando para o efeito um modelo construído a partir de um conjunto de indicadores?

A definição de um modelo com estas características, torna-se assim indispensável, tendo sido apresentado um modelo constituído por aquelas que, em nossa opinião são as vinte causas fundamentais para a ocorrência de conflitos, se considerarmos que estas foram deduzidas, tendo por base um conjunto suficientemente alargado de conflitos, que por sua vez foram analisados segundo os cinco factores referidos anteriormente, somos levados a acreditar, que estaríamos na posse de um modelo com condições de realizar aquilo a que nos tínhamos proposto, detectar conflitos.

INDICADORES				
Índole Geográfica	Índole Económica	Índole Histórica	Índole Política	Índole Social
▶ Locais Chave ▶ Descontinuidade Territorial	▶ Recursos Naturais ▶ Recursos Hídricos ▶ Pobreza Extrema	▶ Soberania Histórica ▶ Fronteiras Impostas ▶ Independências Recentes ▶ Pós Impérios ▶ Pós Ditaduras	▶ Imposição de Ideais ▶ Estados sem Estrutura de Defesa ▶ Estados Isolados	▶ Nacionalismos Expansionistas ▶ Mosaicos Étnicos ▶ Nichos Étnicos ▶ Mosaicos Religiosos ▶ Nichos Religiosos ▶ Nações sem Estado ▶ Estados sem Nação

Fig. 6 – Modelo de Detecção de Conflitos



Qualquer modelo experimental, deve ser testado de modo a ser possível observar as suas possibilidades e validade, sendo neste caso necessário aplicá-lo a uma determinada região, no sentido de verificarmos se ele detectava um conflito que aí pudesse vir a ocorrer, tendo nós optado por o aplicar à antiga Jugoslávia.

Necessariamente, quando se aplica um modelo deste tipo a uma determinada região ou estado, é fundamental conhecer de um modo tão detalhado quanto possível as principais características desses locais, para que possamos aplicar o modelo de modo fundamentado e objectivo. Ao ser aplicado à antiga Jugoslávia, o modelo detectou de facto a possibilidade de aí vir a ocorrer um conflito, com origens que vão desde uma grave crise interna política e económica, como a que o país atravessava no final da década de 80 do passado século, ao reacender de nacionalismos que conduziriam à sua fragmentação.

Pensamos assim, poder considerar, que é possível detectarmos um conflito com base num modelo constituído por indicadores transversais ou causas comuns, porque tal como conseguimos demonstrar, com o exemplo da antiga Jugoslávia, identificámos um conflito antes deste eclodir, utilizando para o efeito um modelo deste tipo.

Aplicando o modelo, mas agora de um modo prospectivo, a duas regiões do globo, a uma Palestina hipoteticamente independente e à Ásia Central, foi possível observar que nos dois casos, vários indicadores se verificaram, o que traduz uma possibilidade futura de ocorrência de conflitos nestas duas regiões, que se tivermos em conta os indicadores em questão, poderão ser de Definição do Poder Nacional no primeiro caso, e Regional no segundo.

Os conflitos surgem-nos pois como um indicador que devemos saber interpretar, no sentido de compreendermos as motivações dos diferentes actores para neles participarem, em função das metas a que se propuseram, e assumem-se, como uma constante incontornável nos nossos dias, recomendando-se que sejam estudados e analisados nos meios académicos, utilizando referenciais e modelos que melhor possibilitem a sua compreensão.

O presente trabalho pretendeu ser uma modesta contribuição para esse estudo, através da apresentação de um espectro suficientemente abrangente, que permite classificar todo o tipo de conflitos e não só aqueles cujo desenrolar os catapultou para o último patamar de intensidade, o da guerra, e de um modelo, que para além de detectar um conflito, tem a possibilidade de fornecer vários elementos, nomeadamente, o grau de dificuldade na sua resolução e o seu tempo de duração.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- BONIFACE, Pascal, *Dicionário das Relações Internacionais*, Plátano Edições Técnicas, Lisboa, 1997.
- BOUTHOU, Gaston, *Tratado de Polemologia*, 1970, Ediciones Ejercito, Fuenlabrada, 1984.
- CLAUSEWITZ, Carlos Von, *De la Guerra*, 1831, Ediciones Ejercito, Madrid, 1980.
- CABRAL COUTO, General Abel, *Elementos de Estratégia*, Vol I, IAEM, Lisboa, 1988.
- PEZARAT CORREIA, General Pedro de, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia Vol I-Conceitos, Teorias e Doutrinas*, Quarteto Editora, Coimbra, 2002.
- FREUND, Julien, *O que é a Política?*, trad. Emílio Campos de Lima, Editorial Futura, Lisboa, 1977.
- NYE Jr, Joseph S., *Compreender os Conflitos Internacionais*, Gradiva, Lisboa, 2002.

Manuais

- VALENÇA PINTO, Ten Coronel Luís, *Notas sobre Teoria das Crises*, IAEM CO-70-70-30, 1987.
- *MC 130-1, Regulamento de Operações*, Volume I, Exército Português, Lisboa, 1987.

Bibliografia auxiliar

Obras de referência

- JESUS BISPO, General António, *Elementos para uma Teoria do Conflito Político*, IPCE, Lisboa, 1998.



- AGUIRRE, Mariano, *Raices de los Conflictos Armados*, CIP/Icaria, Barcelona, 1996.
- GUIBERNAU, Montserrat, *Nacionalismos : O Estado Nacional e o Nacionalismo no Séc.XX*, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1997.
- BALENCIE, Jean-Marc, LA GRANGE, Arnaud de, RUFIN, Jean-Christophe, *Mondes rebelles guerres civiles et violences politiques - L'Encyclopedie des conflits*, Éditions Michalon, Paris, 1999.

Obras específicas sobre o tema

- KAGAN, Donald, *On the Origins of War*, Doubleday, New York, 1996.
- NOGUEIRA PINTO, Jaime, *“Causas” e Conflitos no Séc. XX*, Fundação Luso-Africana para a Cultura, Lisboa, 1999.

Outras obras consultadas e relacionadas com o tema

- BONIFACE, Pascal, *Atlas das Relações Internacionais*, Plátano Edições Técnicas, Lisboa, 2000.
- BRZEZINSKI, Zbigniew, *The Grand Chessboard*, Basic Books, New Cork, 1997.
- HUNTINGTON, Samuel P., *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Editora Gradiva, Lisboa, 1999.
- KISSINGER, Henry A., *Diplomacia*, Editora Gradiva, Lisboa, 1996.
- LOUREIRO DOS SANTOS, General, *Segurança e Defesa na Viragem do Milénio, Reflexões de Estratégia II*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 2001.
- LOUREIRO DOS SANTOS, General, *Reflexões sobre Estratégia. Temas de Segurança e Defesa*, IAEM/Publicações Europa-América, Mem Martins, 2000.



Trabalhos

- LOPES, Major José Augusto Amaral, *Contributos para a implementação de um Sistema Nacional de gestão de Crises*. TILD do Curso de Estado Maior 2001-2003, IAEM, Lisboa, 2003.

Enciclopédias

- *Enciclopédia Larousse*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1995.
- *Geografia Universal Grolier*, Volume Europa, Grolier Portugal, 1985.
- *Grande Atlas Mundial*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1978.
- *National Geographic Atlas of the World*. Revised Sixth Edition. National Geographic Society. Washington, D.C., 1995.

Documentos

- *Mapa da geopolítica do Médio Oriente 2003*, DN 49111 de 10 de Setembro de 2003, Diário de Notícias e IPRIS, Lisboa, 2002.
- *Mapa dos Conflitos Armados 2003*, DN 49112 de 11 de Setembro de 2003, Diário de Notícias e IPRIS, Lisboa, 2002.

Sites da Internet

- www.geographic.org. Caracterização de Países. Consultado em 3 de Maio de 2003.
- www.countryreports.com. Caracterização de Países. Consultado em 4 de Maio de 2003.
- www.cia.gov. Dados estatísticos dos diferentes Países. Consultado em 10 de Maio de 2003.
- www.geocities.com. Dados estatísticos e caracterização dos diferentes Países. Consultado em 10 de Maio de 2003.



- www.vol.eti.br/geo/MostraPais.asp. Descrição de conflitos. Consultado em 7 de Junho de 2003.
- www.facom.ufba.br/com. Descrição de conflitos. Consultado em 7 de Junho de 2003.
- www.centroatl.pt/edigest/edicoes2001. Descrição de conflitos. Consultado em 20 de Junho de 2003.
- www.eduqnet.na-web.net. Descrição de conflitos. Consultado em 21 de Junho de 2003.
- www.estado.estadao.com.br/edicao/pano. Descrição de conflitos. Consultado em 22 de Junho de 2003.
- www.relnet.com.br/pgn. Descrição de conflitos. Consultado em 2 de Agosto de 2003.
- www.iris-bg.org/publications/Maps-En. Cartas de antigos Impérios. Consultado em 25 de Agosto de 2003.
- <http://members.rogers.com/>. Cartas de antigos Impérios. Consultado em 25 de Agosto de 2003.
- <http://bss.sfsu.edu/tygiel/Hist/427/>. Cartas de antigos Impérios. Consultado em 25 de Agosto de 2003.
- www.teachtci.com/essays. Cartas de antigos Impérios. Consultado em 25 de Agosto de 2003.
- www.globalsecurity.org. Cartografia actual. Consultado em 26 de Setembro de 2003.
- www.gl.iit.edu/govdocs/maps. Cartografia actual. Consultado em 27 de Setembro de 2003.



- www.lib.extras.edu. Estudo de etnias. Consultado em 28 de Setembro de 2003.
- www.estado.estadao.com.br/editoriais. Conflito Israel (Palestina). Consultado em 02 de Outubro de 2003.
- www.harpercollege.edu. Carta de Angola. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.osmapas.hpg.ig.com.br. Carta da Argélia. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.wordpress.org/maps. Carta do Burundi. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.lonelyplanet.com. Carta da Libéria Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.moles.org. Carta da RDCongo. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.prsp.watch.de. Carta do Ruanda. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.caa.org.au. Carta da Somália. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- <http://news.bbc.co.uk>. Carta do Sudão. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- <http://go.hrw.com/atlas>. Cartas dos diferentes países. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.army.mil/usor/images. Carta do Afeganistão. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.1folha.uol.com.br. Carta de Caxemira. Consultado em 05 de Outubro de 2003.
- www.cofides.es. Carta das Filipinas. Consultado em 07 de Outubro de 2003.



- <http://news.bbc.co.uk>. Carta de Assam. Consultado em 07 de Outubro de 2003.
- www.lib.utexas.edu. Carta de Mianmar. Consultado em 07 de Outubro de 2003.
- www.tpenepal.org.np. Carta do Nepal. Consultado em 08 de Outubro de 2003.
- www.europe.cnn.com. Carta da Chechénia. Consultado em 08 de Outubro de 2003.
- www.dalitstan.org. Carta de Eelam. Consultado em 08 de Outubro de 2003.
- www.dti.gov.za. Carta do Iraque. Consultado em 08 de Outubro de 2003.
- www.hartford.hwp.com. Carta do Curdistão. Consultado em 08 de Outubro de 2003.
- <http://cain.ulst.ac.uk/conflict/cunningham.htm>. Apresentação da tese de mestrado de William G. Cunningham Jr., *Conflict Theory and Conflict in Northern Ireland*. Consultado em 27 de Outubro de 2003.
- www.min-nestrangeiros.pt/mne/osce/2002. Discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros Português, Embaixador António Martins da Cruz, na Conferencia Regional da União Europeia para a Prevenção de Conflitos. Consultado em 27 de Outubro de 2003.



ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

Abel Cabral Couto	4, 8, 13
António Jesus Bispo	5, 27
António Martins da Cruz	11

C

Carlos Von Clausewitz	13
-----------------------------	----

G

Gaston Bouthoul	13, 14, 15, 16
-----------------------	----------------

J

José Luís Pinto Ramalho	12
Joseph S. Nye Jr.	1, C16
Julien Freund	10

L

Luís Valença Pinto	12
--------------------------	----

M

Mariano Aguirre	5, 27
Montserrat Guibernau	5, 28

N

Nicholas K. Spykman	21
---------------------------	----

P

Pascal Boniface	4, 10, 12, 23, 46, 48, C6, C10, C15, C17
Pedro de Pezarat Correia	4, 11



S

Samuel P. Huntington 26, D2

Seixas da Costa 11

W

William G. Cunningham Jr. 8

Winston Churchill 9

Z

Zbigniew Brzezinski 21, 22



ÍNDICE REMISSIVO

A

Aceh (região da Indónesia).....	22
Actor do Sistema Político Internacional	4, 5, 9
AND (organização sudanesa)	C7
Afeganistão	22, 23, 46, 47, C16
África	23, C2
África Ocidental	C5
África Subsariana	20
Al-Qaeda	C9
Albânia	39, 41, H10
Albaneses	42
Alemanha	H3
Alpes Austriacos	H10
Alpes Dináricos	H10, H11, H12
Alpes Julianos	H10
América do Sul	22
América Latina	C8
Américas	C7
Angola	C5
Apocus (organização curda).....	C17
Argélia	24
Ásia	20, 23, C9, C11
Ásia Central	7, 23, 46, 47, 48, 52



Áustria	H10
B	
Bakar (localidade da antiga Jugoslávia).....	H9
Balcãs	3, 4, 37, 38
Bangladesh	C11
Banja Luka (localidade da antiga Jugoslávia)	H4, H11
Bar (localidade da antiga Jugoslávia)	H9
Bélgica	C4
Belgrado	37, H3, H4, H7, H9
Bitola (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4
Bor (localidade da antiga Jugoslávia).....	H7
Bósnia-Herzegovina	37, 42, 43, H2, H3, H4, H7, H8, H10
Brigadas dos Mártires al-Aqsa (organização palestina).....	46
Bulgária	39, H10
C	
Canal do Panamá	22
Canal Suez	22
Cazaquistão	46, 48, 49
CEE	H7
Chetniks (movimento de resistência à invasão alemã da antiga Jugoslávia).....	H3
China	48, C13, C17
Choque de Civilizações	26
Cisjordânia	44, 45, C16, C17
Civilização Africana	D2



Civilização Confucianista	D2
Civilização Eslava – Ortodoxa	D2
Civilização Hindu	D2
Civilização Islâmica	D2
Civilização Japonesa	D2
Civilização Latino – Americana	D2
Civilização Ocidental	D2
Classificação dos Actuais Conflitos	21
Coacção Militar	12
Colômbia	22
Comecon	H7
Conflito	8, 9, 10, 11, 13
Conflito: Angola (Cabinda)	21, 22, 29, 30, B2, C2, D2, E2
Conflito: Argélia	21, 25, 30, 32, 33, B2, C3, D2, E2
Conflito: Burundi	21, 30, 31, 34, 35, B2, C4, D2, E2
Conflito: Libéria	21, 30, 32, 34, 35, B2, C4, D2, E2
Conflito: República Democrática do Congo	17, 21, 30, 32, B2, C5, D2, E2
Conflito: Ruanda	21, 30, 31, 32, 34, 35, B2, C5, D2, E2
Conflito: Somália	21, 29, 32, 33, B2, C6, D2, E2
Conflito: Sudão (Sul do Sudão)	21, 23, 25, 26, 30, 33, 35, B2, C7, D2, E2
Conflito: Colômbia	17, 21, 25, 32, 33, B2, C8, D2, E2
Conflito: Peru	21, 25, 32, 33, B2, C8, D2, E2
Conflito: Afeganistão	21, 25, 29, 32, 33, 34, B2, C9, D2, E2
Conflito: Caxemira	21, 26, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 43, 47, B2, C10, D2, E2



Conflito: China (Tibete)	21, 22, 26, 29, 30, 31, 32, 33, B2, C10, D2, E2
Conflito: Filipinas (Mindanao)	21, 26, 29, 32, 35, B2, C11, D2, E2
Conflito: Índia (Assam)	21, 22, 26, 29, 30, 34, B2, C11, D2, E2
Conflito: Indonésia (Aceh)	21, 26, 29, 30, 32, 34, B2, C12, D2, E2
Conflito: Mianmar (Karen)	21, 26, 33, 34, B2, C12, D2, E2
Conflito: Nepal	21, 25, 26, 32, 33, B2, C13, D2, E2
Conflito: Rússia (Chechénia)	21, 26, 29, 30, 32, 35, B2, C13, D2, E2
Conflito: Sri Lanka (Eelam)	21, 29, 34, 35, B2, C14, D2, E2
Conflito: Irão	21, 29, 30, 32, 33, B2, C15, D2, E2
Conflito: Iraque	21, 25, 30, 32, 33, B2, C9, C15, D2, E2
Conflito: Israel (Palestina)	21, 26, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 43, 44, B2, C16, D2, E2
Conflito: Turquia (Curdistão)	21, 30, 32, 35, B2, C17, D2, E2
Conflito de Conquista de Países	19, 20, 21, C11
Conflito de Conquista de Territórios	19, 20, 21
Conflito de Definição de Fronteiras	18, 19, 20, 21
Conflito de Definição de Poder	18, 19, 20, 21
Conflito de Definição de Poder Nacional	19, 20, 21, 50, 52, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9, C13, C15
Conflito de Definição de Poder Regional	19, 20, 21, 52, C10
Conflito de Definição de Poder Global	19, 20, 21
Conflito de Imposição	18, 19, 20, 21
Conflito de Imposição de Governo	19, 20, 21, C9, C16
Conflito de Imposição de Vontade	19, 20, 21
Conflito de Interesses	12



Conflito Internacional	1
Conflito de Libertação	18, 19, 20, 21
Conflito de Libertação e Independência ...	19, 20, 21, 50, C3, C7, C11, C12, C13, C14, C17
Conflito de Libertação de Países	19, 20, 21
Conselho Popular de Redenção	C4
Cordilheira dos Himalaias	C10
Coreia do Norte	C17
CPN-M (organização nepalesa).....	C13
Crise	9, 11, 12, 14
Crises Internacionais	11
Crises Nacionais	11
Croácia	37, H2, H3, H4, H8
Croatas	42, H4
Curdistão	23, 24
D	
Dalmácia (região da antiga Jugoslávia).....	38, H2, H12
Darjeeling (localidade da Índia).....	C12
Departamento de Defesa dos Estados Unidos	23
Deserto de Kara Kum (na Ásia Central).....	47
Descontinuidade Territorial	29, 38, 45, 51, E2
Dharamsala (localidade da Índia).....	C10
Dinastia Gorkha (Nepal).....	C13
Dinastia Phlavi (Irão).....	C15
Direcção Geral de Política de Defesa Nacional	12



Direito Internacional	10, 14
Divergência	11, 13, 14
Dubrovnik (localidade da antiga Jugoslávia).....	H2, H9
E	
ECO-MOG (missão internacional na Libéria).....	C5
Eelam (região do Sri Lanka).....	22
Eixo da Harmonia	9
Eixo da Hostilidade	9
ELN (organização colombiana).....	C8
Equador (país).....	C9
Eslavónia (região da antiga Jugoslávia).....	H4, H6, H8, H12
Eslavos	37, H2
Eslovénia	37, H2, H3, H4, H7, H8, H9, H10, H12
Eslovenos	42, H4
Espaço Central	21
Espanha	C17
Espectro da Guerra	14, 18
Espectro dos Conflitos	14, 18, 20
Estado	5
Estado Nação	5
Estados Isolados	33, 41, 51, E2
Estados sem Estrutura de Defesa	33, 41, 51, E2
Estados sem Nação	35, 43, 51, E2
Estados Unidos	3, 21, 22, 25, 49, C8, C9, C15, C16



Estratégia	7, 8
Estreito de Malaca (no Oceano Índico).....	22, C12
Estreito de Palk (no Oceano Índico).....	22, C14
Estreito de Ormuz (no Oceano Índico).....	22, C15
Etiópia	C7
Europa	23, 37, 38, 39, C3, C16, C17, H8, H10
F	
Faixa de Gaza	44, 45, C16
FARC (organização colombiana).....	C8
Fatah (organização palestina).....	46, C16
Filipinas	22
FIS (organização argelina).....	C3
FLEC (organização de Cabinda).....	C2
FPR (organização ruandesa).....	C6
França	C17
Fronteiras Impostas	31, 39, 51, E2
Frozen Conflict	11, 14
Fundamentalismo Islâmico	49
G	
GAM (organização da região de Aceh na Indonésia).....	C12
GIA (organização argelina).....	C3
Golfo de Aden (no Oceano Índico).....	22, C6
Golfo de Mannar (no Oceano Índico).....	22, C14
Golfo Pérsico	22, 23, C15



Golpe de Estado	A2
Governo da Autoridade Palestiniana	44
Grã-bretanha	C13
Grandes Lagos (em África).....	23, 25, 26
Grécia	H10
Guerra	9, 11, 12, 13, 14
Guerra Absoluta	9
Guerra Clássica ou Convencional	17, A2
Guerra de Nervos	15
Guerra Defensiva	15
Guerras Civis	15, A2
Guerras Coloniais	15
Guerra Fria	17, A2, C7
Guerras Internas	16, 17, A2
Guerras Internacionais	14, 16, 17, A2
Guerra Nuclear	A2
Guerra Nuclear Ilimitada	17, A2
Guerra Nuclear Limitada	17, A2
Guerra Ofensiva	15
Guerra Preventiva	16
Guerra Quente	17, A2
Guerra Sob Ameaça Nuclear	A2
Guerra Subversiva	A2



H

Hamas (organização palestina).....	46, C16
Húngaros	42
Hungria	H10
Hutus	C4, C5

I

Ilha de Mindanao (nas Filipinas).....	22
Ilha de Sumatra (na Indonésia).....	22, C12
Império Austro-húngaro	37, 40
Império Bizantino	40
Império Helénico	40
Império Otomano	25, 32, 37, 40
Império Romano	40
Imposição de Ideais	33, 40, 45, 49, 51, E2
Independências Recentes	31, 40, 43, 45, 48, 51, E2
Índia	C10, C13, C14
Indicadores de Índole Económica	29, 38, 51
Indicadores de Índole Geográfica	29, 38, 51
Indicadores de Índole Histórica	31, 39, 51
Indicadores de Índole Política	33, 40, 51
Indicadores de Índole Social	34, 41, 51
Indonésia	22, 24
Insurreição	A2
Intensidade do Conflito	14



Interesses	9, 10
Iraque	22, 23, 24, C17
Irão	22, 23, 24, C9, C16, C17
Irlanda do Norte	C17
Israel	21, 44
Ístria (região da antiga Jugoslávia).....	H7
Itália	H10
J	
Jerusalém	44
Jihad Islâmica	46, C16
Jugoslávia	4, 5, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 52, H2, H3, H4, H7, H8, H9, H10, H11, H12
K	
Karawanken (localidade da antiga Jugoslávia)	H10
KNU (organização da região de Karen em Mianmar).....	C12
Koper (localidade da antiga Jugoslávia)	H9
Kosmet (localidade da antiga Jugoslávia)	H2
Kosovo	41, H2, H3, H4, H6, H7
Kragujevac (localidade da antiga Jugoslávia)	H4
Kumanovo (localidade da antiga Jugoslávia)	H7
L	
Lago Escutari (na antiga Jugoslávia).....	H10
Lago Isyk Kul (na Ásia Central).....	48



Liubliana (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H7, H8, H10
Locais Chave	29, 38, 43, 47, 51, E2
LTTE (organização da região de Eelam no Sri Lanka).....	C14
LURD (organização liberiana).....	C5
M	
Macedónia	37, H2, H3, H4, H6, H7, H12
Macedónios	42, H4
Macro Teoria do Conflito	8
Makarska (localidade da antiga Jugoslávia).....	H11
Mar Adriático	H9, H10, H11, H12
Mar Aral	47
Mar Cáspio	23, 47, C13
Mar das Celebes	22, C11
Mar Egeu	H11
Mar de Joló	22, C11
Mar Mediterrâneo	38, C17, H11
Mar Vermelho	22, C6
Maribor (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H7
Marselha	H3
Médio Oriente	23, 38, 47, C14, C16
Micro Teoria do Conflito	8
MILF (organização da Ilha de Mindanao nas Filipinas).....	C11
Modelo de Detecção de Conflitos	27, 28
Modelo do Conflito Internacional	27



Modelo do Conflito Interno	27
Montenegro	37, H2, H3, H4, H7, H9, H10
Montenegrinos	42, H4
Montes Golã	C17
Mosaicos Étnicos	34, 42, 43, 49, 51, E2
Mosaicos Religiosos	34, 42, 43, 51, E2
Moscovo	C13
Mostar (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H8
Movimento para a Paz no Tajiquistão	46
Movimento Revolucionário Tupac Amaru (organização peruana).....	C8
MPLA	C2
Muro de Berlim	3
N	
Nação	4
Nações sem Estado	35, 42, 43, 51, E2
Nacionalismos Expansionistas	34, 41, 43, 49, 51, E2
NDFB (organização da região de Assam na Índia).....	C11
Namíbia	C5
Nichos Étnicos	34, 42, 51, E2
Nichos Religiosos	35, 42, 51, E2
Nis (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H7
Norte de África	23, 38
Novi Sad (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H12



O

Oceano Atlântico	22
Oceano Pacífico	22
OLP (organização palestina).....	46, C16
ONU	C13
Onze de Setembro (atentado).....	3
Operação Restaurar a Esperança (na Somália).....	C6
Oposição Tajik Unida	46
Osijek (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4

P

Paeonia (antigo reino nos Balcãs).....	H2
Panónia (região da antiga Jugoslávia).....	H12
Palestina	7, 44, 45, 46, 52
Pancevo (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4
Paquistão	34, C10
Partisans (movimento de resistência à invasão alemã da antiga Jugoslávia).....	H3
Paz Absoluta	9
Paz Armada	15
PKK (organização curda).....	C17
Ploce (localidade da antiga Jugoslávia).....	H9
Pobreza Extrema	30, 39, 45, 48, 51, E2
Poder	5
Podrinje (localidade da antiga Jugoslávia)	H7
Polemologia	3, 4



Portugal	24
Pós Ditaduras	32, 40, 43, 45, 49, 51, E2
Pós Impérios	32, 40, 43, 48, 51, E2
Prémio Nobel da Paz	C10, C12
Primeira Guerra Mundial	39, 40, H2
Pristina (localidade da antiga Jugoslávia).....	H2, H4
Q	
Quénia	C7
Quirguistão	46, 48, 49
R	
Radicalismo Islâmico	48
Ramallah (localidade da Cisjordânia).....	44
Recursos Hídricos	30, 39, 45, 47, 51, E2
Recursos Naturais	30, 38, 47, 51, E2
Reino dos Sérvios Croatas e Eslovenos	39, 40, H2
Relações de Acomodação	9
Relações de Cooperação	9
Relações Internacionais	9, 11
Religião Católica	42, H4
Religião Católica Ortodoxa	42, H4
Religião Muçulmana	42, H4
República Democrática do Congo	C3, C4
Revolta Militar	A2
Rijeka (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H9, H10



Rimland (teoria de Nicholas K. Spykman).....	21
Rio Amu Darya (na Ásia Central).....	47
Rio Bósnia (na antiga Jugoslávia).....	H8
Rio Cetina (na antiga Jugoslávia).....	H8
Rio Congo	C3
Rio Danúbio	H8, H10
Rio Drin (na antiga Jugoslávia).....	H8
Rio Drina (na antiga Jugoslávia).....	H8
Rio Eufrates	23
Rio Morávia (na antiga Jugoslávia).....	H11
Rio Neretva (na antiga Jugoslávia).....	H8, H9, H10
Rio Nisava (na antiga Jugoslávia).....	H11
Rio Sava (na antiga Jugoslávia).....	H10
Rio Syr Darya (na Ásia Central).....	47
Rio Tibre	23
Rio Una (na antiga Jugoslávia).....	H8
Rio Vardar (na antiga Jugoslávia).....	H11, H12
Rio Zeta (na antiga Jugoslávia).....	H8
Roménia	39, 41, H10
Rota da Seda	47
Ruanda	C4, C5
Rússia	23, 48
S	
Sarajevo	39, H2, H4, H7, H12



SAIRI (organização xiita iraquiana).....	C15, C16
Segunda Guerra Mundial	24, 37, 41, H3
Sendero Luminoso (organização peruana).....	C8
Senegal	C17
Sérvia	37, 40, H2, H3, H7, H8, H10, H11, H12
Sérvios	42, H4
Shan (região de Mianmar).....	C13
Sistema Político Internacional	4
Skopia (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H7, H8, H9, H11, H12
Soberania Histórica	31, 39, 48, 51, E2
Sociologia	7, 8
Sófia	H11
Somália	22
Split (localidade da antiga Jugoslávia).....	H2, H4
SPLM (organização do Sul do Sudão).....	C7
Stobi (localidade da antiga Jugoslávia).....	H2
Subotica (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4
Sudão	22
Sumadija (localidade da antiga Jugoslávia).....	H11
T	
Tailândia	C12
Taiwan	C17
Tajiquistão	46, 48, 49
Tanzânia	C4



Tensão	9
Teoria do Sistema Inimigo	8
Titograd (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4, H8, H11
Togo (país).....	C5
Trogir (localidade da antiga Jugoslávia).....	H2
Turcos	42
Turquemenistão	46, 48, 49
Turquia	22
Tutsis	C4, C5
Tuzla (localidade da antiga Jugoslávia).....	H4
U	
Uganda	C5, C17
Ulcinj (localidade da antiga Jugoslávia).....	H10
ULFA (organização da região de Assam na Índia).....	C11
UNITA	C2
URSS	25, 46, H3
Usbequistão	46, 48, 49
V	
Vares (localidade da antiga Jugoslávia).....	H7
Vale do Rio Jordão	C17
Valjevo (localidade da antiga Jugoslávia).....	H10
Veneza	H2
Violência Armada	9
Voivodina (localidade da antiga Jugoslávia).....	H3, H4, H6, H8, H11, H12



W

Washington C10

Y

Yangun (Capital de Mianmar) C12

Z

Zadar (localidade da antiga Jugoslávia)..... H2

Zagreb H4, H7

Zimbabwe C5

Zrenjanin (localidade da antiga Jugoslávia)..... H4



ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – O Espectro da Guerra Actualmente Considerado em Portugal

Anexo B – Carta dos Conflitos Analisados

Anexo C – Os Conflitos Analisados

Anexo D – Os Conflitos Analisados e as Fronteiras Civilizacionais de Samuel Huntington

Anexo E – Conflitos Analisados e Indicadores Verificados

Anexo F – Cartas da Antiga Jugoslávia

Anexo G – Etnias da Antiga Jugoslávia

Anexo H – Caracterização da Antiga Jugoslávia na Década de 80

Anexo I – Cartas dos Impérios com Fronteiras nos Balcãs

Anexo J – Carta da Cisjordânia e Faixa de Gaza

Anexo K – Carta da Ásia Central

Anexo L – Etnias da Ásia Central

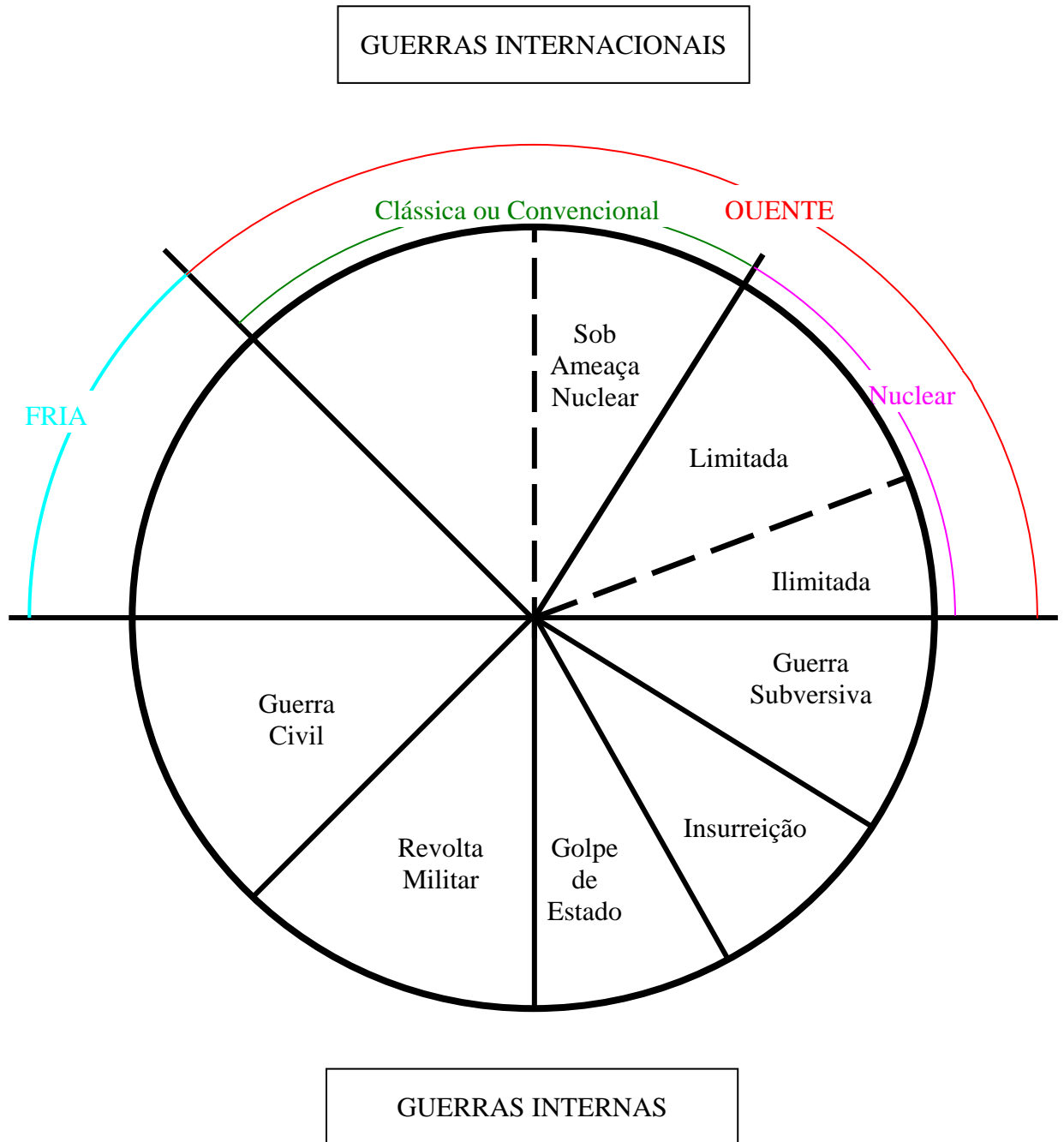


Anexo A

O Espectro da Guerra Actualmente Considerado em Portugal



ANEXO A – O Espectro da Guerra Actualmente Considerado em Portugal



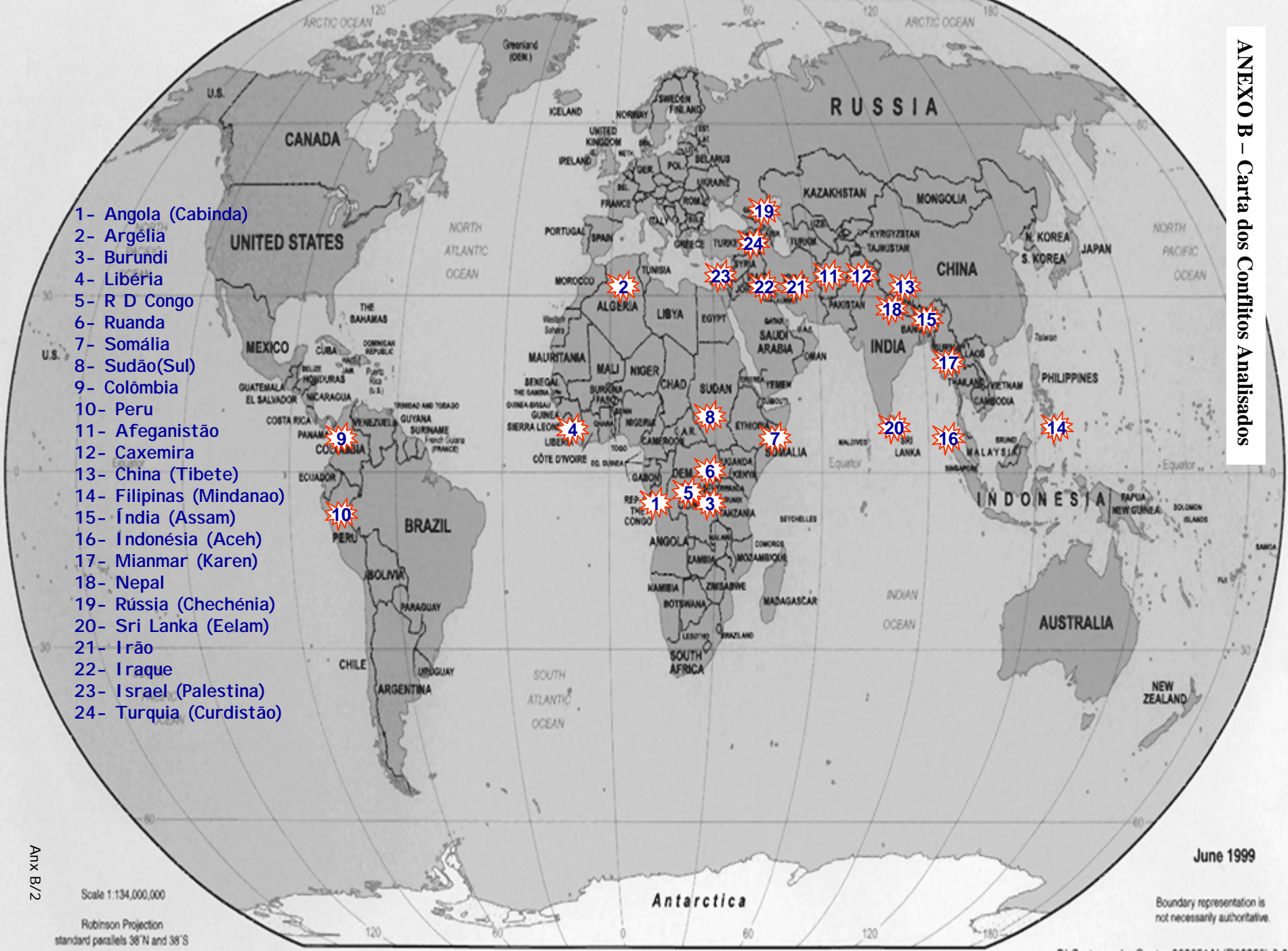
FONTE: RC 130-1 Operações Vol I, p. 1-3



Anexo B

Carta dos Conflitos Analisados

- 1- Angola (Cabinda)
- 2- Argélia
- 3- Burundi
- 4- Libéria
- 5- R D Congo
- 6- Ruanda
- 7- Somália
- 8- Sudão(Sul)
- 9- Colômbia
- 10- Peru
- 11- Afeganistão
- 12- Caxemira
- 13- China (Tibete)
- 14- Filipinas (Mindanao)
- 15- Índia (Assam)
- 16- Indonésia (Aceh)
- 17- Mianmar (Karen)
- 18- Nepal
- 19- Rússia (Chechénia)
- 20- Sri Lanka (Eelam)
- 21- Irão
- 22- Iraque
- 23- Israel (Palestina)
- 24- Turquia (Curdistão)



Anx B/2

Scale 1:134,000,000
Robinson Projection
standard parallels 38°N and 38°S

June 1999

Boundary representation is not necessarily authoritative.



Anexo C

Os Conflitos Analisados



ANEXO C – Os Conflitos Analisados

I. GENERALIDADES

No presente anexo pretendemos enumerar vários conflitos, no sentido de conseguirmos obter uma base suficientemente alargada, de modo a podermos posteriormente conseguir determinar o maior número possível de indicadores, que irão constituir o nosso modelo de detecção de conflitos.

Coloca-se então uma dúvida: que conflitos considerar? Optámos por estudar alguns dos conflitos que ocorrem actualmente nas mais diferentes partes do globo, tendo especial atenção à sua origem, evolução e situação actual, tentando interpretar o significado de cada um deles, não só para o país em que ocorrem, mas também para a região em que se inserem.

Iremos ainda aproveitar a descrição de cada um destes conflitos, para os classificarmos de acordo com o espectro por nós apresentado, o que provará a utilidade do referido espectro, bem como poderá auxiliar a uma melhor compreensão das definições teóricas de cada tipo de conflito.

II. ÁFRICA

Continente onde a grande maioria dos países é de independência recente, dispõe de elevados recursos naturais, designadamente diamantes e petróleo. Caracteriza-se ainda por uma enorme diversidade de etnias, com conseqüente diferenciação cultural e religiosa. Apesar de dispor de enormes recursos, o continente Africano é uma das regiões mais pobres do mundo, e é frequentemente apontada em termos continentais, como um dos principais focos de tensão do mundo actual.

II.1. Angola (Cabinda)

Depois de terminada uma longa guerra civil entre o MPLA, no poder, e a UNITA, um conflito persiste ainda em Angola, mais concretamente em Cabinda, tendo como principal interveniente a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC).

Organização que pretende a independência do



Fonte: www.harpercollege.edu



território de Cabinda, tendo iniciado as suas acções, após a independência de Angola em 11 de Novembro de 1965,¹ fundamentando as suas pretensões em diferenças étnicas e motivos históricos.

Este enclave caracteriza-se por estar separado geograficamente do restante território Angolano, pela foz do Rio Congo (Zaire) e pela pequena região costeira da República Democrática do Congo, e nele existirem as maiores jazidas de petróleo de Angola.²

Classificação: Conflito de Independência.

II.2. Argélia

Tendo obtido a sua independência em 1962, este país é a segunda maior nação do continente africano. Rica em gás natural, tem sido palco de um conflito entre fundamentalistas islâmicos, representados pela Frente Islâmica de Salvação Nacional (FIS), que quer implementar um Estado com base na religião Islâmica. O início deste conflito coincidiu com a abertura política de 1989, na sequência de uma ditadura militar liderada primeiro por Boumediene (1965 – 1978) e depois por Chadli (1978 – 1989).³



Fonte: www.osmapas.hpg.ig.com.br

Em 1991 a FIS venceu as eleições e preparava-se para assumir a governação, quando o Exército leva a cabo um golpe de estado, impedindo a FIS de assumir o poder, este golpe teve o apoio velado do Ocidente, em especial, da França, a antiga potencia colonial que é actualmente o maior importador de gás argelino e o maior parceiro comercial da Argélia.

Entretanto surge o Grupo Islâmico Armado (GIA), que apoia a FIS na luta contra o regime.⁴ Em 1997 a FIS renuncia à luta armada anunciando uma ruptura com o GIA, que desde então assume a luta armada não só contra o governo de Argel, mas também contra a própria FIS. Ao ser um dos principais fornecedores de gás natural, da Europa, a Argélia constitui-se, de fundamental importância para este continente.⁵

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

¹ Enciclopédia Larousse, 1995, p. 586.

² L'Encyclopedie des conflits, 1999, p. 620.

³ Op Cit (1), p. 552.

⁴ In www.vol.eti.br/geo/MostraPais.asp.

⁵ Op Cit (2), p. 1037 a 1062.



II.3. Burundi

O conflito étnico entre Hutus (85% da população) e Tutsis (14%)⁶ ocorre no país desde 1962, ano de sua independência da Bélgica.⁷ O conflito cresceu de intensidade após a morte do presidente hutu Cyprien Ntaryamira, em 1994, no mesmo atentado que vitimou o presidente do Ruanda, surgindo então uma nova fase de violência entre as duas etnias. Em meados de 1995, o Exército do Burundi, dominado por tutsis, desencadeia um golpe de estado, nomeando presidente Pierre Buyoya. Estima-se que este conflito já tenha provocado 400 mil refugiados hutus nos países vizinhos, República Democrática do Congo, Ruanda e Tanzânia.⁸



Fonte: www.worldpress.org/maps

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

II.4. Libéria

Este país foi governado por William Tubman, entre 1944 e 1971, tendo o seu vice-presidente assumido o poder após a sua morte. Em 1980 o presidente Tolbert é assassinado e o Sargento-chefe Samuel K. Doe, à frente de um Conselho Popular de Redenção, toma o poder. Em 1984, o multipartidarismo é restabelecido, o Conselho Popular de Redenção é dissolvido e é aprovada em referendo uma nova constituição, que só entrará em vigor em 1986. Em 1985 Doe é eleito para a Presidência da República, em eleições de legalidade muito contestada, sucedem-se de imediato várias tentativas de golpe de estado que são duramente reprimidas.



Fonte: www.lonelyplanet.com

Em 1990 Charles Taylor e Prince Johnson conduzem uma guerra civil para derrubar Doe, este é deposto passando Taylor e Johnson a digladiarem-se entre si, juntando-se a estes

⁶ In www.facom.ufba.br/com.

⁷ Op Cit (1), p. 581.

⁸ Op Cit (2), p. 395 a 410.



confrontos, os partidários de Doe que entretanto se reorganizaram.⁹ Os países da África Ocidental colocaram no país uma força de interposição ECO-MOG, mas sem êxito.

Em 2000 surge o movimento Liberianos Unidos para a Reconciliação e Democracia (LURD), que também contesta o governo de Taylor. Em Junho de 2003 a violência recrudescer de novo, e é enviada nova missão militar dos países da África Ocidental.

Apesar de possuir como principais recursos a produção de diamantes e borracha, a Libéria é um dos países mais pobres do mundo. Existe também um enorme número de navios registados sob pavilhão liberiano, mas destes muito poucos são propriedade liberiana. A Libéria tem apenas cerca de três milhões de habitantes, mas pertencentes a 16 etnias distintas.¹⁰

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

II.5. República Democrática do Congo (Ex-Zaire)

Tendo obtido a sua independência em 1960, é actualmente um dos maiores países de África. Após vários anos de confronto, em que um movimento guerrilheiro liderado por Laurent Kabila lutou contra o regime de Mobutu Sese Seko (que liderava o país desde 1965),¹¹ este foge para o exílio no Togo em 1997. Tendo os guerrilheiros assumido o poder sob a liderança de



Kabila e formado um governo de salvação nacional, o Zaire passa-se a denominar desde então República Democrática do Congo. Entretanto, surgem sectores descontentes com a política implementada e o conflito reinicia-se com a intervenção de outros países, como Angola, Namíbia, Zimbabwe, Uganda e Ruanda,¹² que pretendem ver no poder um governo do seu agrado, podendo assim aceder de um modo privilegiado aos imensos recursos naturais de que dispõe a R. D. do Congo designadamente água e diamantes.¹³

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

⁹ Op Cit (1), p. 566.

¹⁰ Op Cit (2), p. 289 a 311.

¹¹ Op Cit (1), p. 574.

¹² In www.relnet.com.br/pgn.

¹³ Op Cit (2), p. 412 a 451.



II.6. Ruanda

As duas principais etnias do país Hutu e Tutsi, vivem em conflito desde a independência em 1962. O país conheceu um regime ditatorial liderado por um presidente hutu, Juvenal Habyariman (desde 1973), que conduziu uma abertura política em 1991, tendo no entanto continuado na presidência. Com a democratização esperava-se que o conflito pudesse evoluir no sentido da paz, mas a morte do presidente na queda de um avião provocada por um míssil em 1994,¹⁴ faz recrudescer os confrontos. Como represália, tropas da etnia hutu (90% da população) passam a massacrar a minoria tutsi (9%).¹⁵ A Frente Patriótica Ruandesa (FPR), formada por extremistas tutsis exilados no Uganda, inicia uma ofensiva que termina com a tomada do poder três meses depois e com o massacre de 800 mil hutus.



Fonte: www.prsp.watch.de

Este conflito já provocou mais de 2,2 milhões de refugiados nos países vizinhos, o que tem provocado uma pressão cada vez maior sobre os escassos recursos desses países. Entretanto com as eleições realizadas em 25 de Agosto de 2003 e com a vitória do moderado de etnia tutsi, Paul Kagame, o país parece caminhar no sentido da estabilidade governativa e entendimento inter-étnico.¹⁶

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

II.7. Somália

País independente desde 1960, está localizado numa posição estratégica muito importante, para o controlo da circulação no Mar Vermelho e Golfo de Adén. Desde 1991, com a queda do presidente Siyad Barre, que estava no poder desde 1969,¹⁷ o país tem sido palco de confrontos entre clãs armados. Sem qualquer solução para o conflito, as últimas tropas norte-americanas no âmbito da Operação



Fonte: www.caa.org.au

¹⁴ Boniface, 2000, p. 147.

¹⁵ Op Cit (6).

¹⁶ Op Cit (2), p. 356 a 392.

¹⁷ Op Cit (1), p. 578.



Restaurar a Esperança, deixam a Somália em 1994. A fome originada pelos confrontos, seca, estagnação da produção interna e pela intercepção das ajudas humanitárias por grupos armados, resultou em mais de 500 mil refugiados na Etiópia e Quênia.¹⁸ Esta situação originou graves problemas a estes países na sustentação de tão elevado número de pessoas. Mais recentemente, e sem qualquer influência visível do exterior, a situação tem evoluído no sentido da paz e estabilidade.¹⁹

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

II.8. Sudão (Sul do Sudão)

Com início em 1980, este conflito tem como principal interveniente a Aliança Democrática Nacional (ADN) onde se inclui o Movimento de Libertação do Povo Sudanês (SPLM), pretendendo a ADN a autonomia da região Sul do Sudão de maioria cristã e a não aplicação da *charia*,²⁰ ao mesmo tempo que contesta o regime fundamentalista Islâmico que se encontra no poder. De salientar, que o Sul do Sudão para além de ser uma região rica em petróleo, possui também enormes reservas de água, sendo a sua posse fundamental, numa área do globo onde este recurso é escasso.²¹



Fonte: <http://news.bbc.co.uk/>

Classificação: Conflito de Independência.

III. AMÉRICAS

O continente já foi palco (sobretudo na época da Guerra-fria) de inúmeros conflitos, com destaque para os movimentos guerrilheiros que se opunham aos governos locais. Actualmente, pode dizer-se que a maior parte desses conflitos terminou, através da assinatura de vários acordos de paz, no entanto, dois focos de tensão persistem neste continente.

¹⁸ Op Cit (4).

¹⁹ Op Cit (2), p. 524 a 539.

²⁰ Op Cit (1), p. 563.

²¹ Op Cit (2), p. 572 a 587.



III.1. Colômbia

Pode afirmar-se que este país corresponde a um dos principais focos de instabilidade do continente, pois é palco de um dos mais antigos conflitos da América Latina. Na verdade, trata-se de uma herança dos choques entre conservadores e liberais na luta pelo poder. Os liberais, fundam nos anos 60 as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), para lutar pela implantação de um Estado socialista,²² este movimento actualmente ocupa 40% do território do país. Mais tarde, surgiu outro grupo denominado Exército de Libertação Nacional (ELN) com os mesmos princípios. A partir das décadas de 80 e 90, o conflito entra numa nova fase, com o surgimento do tráfico de drogas, estimando-se que actualmente as FARC e o ELN arrecadem por ano, cerca de 500 milhões de euros provenientes deste tipo de actividade.



Fonte: <http://go.hrw.com/atlas>

Os EUA como principal destino da droga colombiana, criaram o “Plano Colômbia” de luta contra as drogas, numa tentativa de acabar com este tráfico. O referido plano destina-se a apoiar o governo colombiano com 1,3 biliões de euros, de ajuda económica e militar, com vista à criação de grupos paramilitares para combaterem as FARC e o ELN.²³

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

III.2. Peru

Existem dois movimentos guerrilheiros neste país, o Sendero Luminoso, movimento maoista, fundado em 1975, que pratica uma guerrilha nas zonas rurais, e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru,²⁴ inspirado nas ideias de Che Guevara, que concentrou as suas actividades nas cidades. A actuação do governo, prendendo os principais líderes desses movimentos, fez recrudescer as actividades guerrilheiras no país no final da década de 90.



Fonte: <http://go.hrw.com/atlas>

²² Op Cit (1), p. 539.

²³ Op Cit (2), p. 117 a 141.

²⁴ Op Cit (1), p. 546.



Além desses problemas internos, o Peru em 1998 esteve em conflito com o seu vizinho Equador, na sequência de uma situação litigiosa fronteiriça, o que tem obrigado o país a manter um forte contingente militar junto à fronteira, reduzindo conseqüentemente os efectivos que lutam contra os dois movimentos.²⁵

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

IV. ÁSIA

Sendo o maior continente do planeta é natural que seja aquele onde podemos encontrar a maior diversidade cultural, religiosa e étnica nas suas populações. É também um continente com enormes recursos naturais e constituído por países muito heterogêneos no que diz respeito às suas origens históricas, e que desde à décadas tem vindo a ser palco de inúmeros conflitos.

IV.1. Afeganistão

Território onde ao longo da história ocorreram inúmeros conflitos, assiste presentemente a outro que opõe uma coligação internacional e o próprio Afeganistão à organização terrorista al-Qaeda. Estando agora no poder um governo reconhecido pela comunidade internacional, e fortemente apoiado pelos EUA, procuram-se actualmente vencer os últimos focos de resistência levada a cabo pelos Taliban, que até então tinham estado no poder²⁶ e que prestavam total apoio à al-Qaeda e aos seus membros.



Fonte: www.army.mil/usor/images

A posição dos EUA tanto poderá ser interpretada no âmbito do combate ao terrorismo, actuando sobre Estados absolutamente afastados e isolados da comunidade internacional e dos quais o Afeganistão era o maior exemplo, como com vista a criar condições geopolíticas para o controlo duma região que historicamente foi área de influência da Rússia, ou ainda e tendo em conta a intervenção no Iraque, exercer pressão sobre o Irão.²⁷

Classificação: Conflito de Imposição de Governo.

²⁵ Op Cit (2), p. 143 a 162.

²⁶ In www.eduquenet.na-web.net.

²⁷ Op Cit (2), p. 769 a 801.



IV.2. Caxemira

Desde que se tornaram independentes em 15 de Agosto de 1947, a Índia e o Paquistão travaram três guerras, duas delas foram motivadas pela disputa da região de Caxemira,²⁸ zona fronteiriça enquadrada na Cordilheira dos Himalaias. A população é de maioria muçulmana (70%), a Índia controla dois terços da região²⁹ e acusa o vizinho Paquistão de armar e treinar guerrilheiros separatistas muçulmanos. O Paquistão tem negado as acusações e diz fornecer apenas apoio moral e diplomático aos rebeldes Islâmicos. A rivalidade entre os dois países originou uma corrida aos armamentos, conduzindo a Índia e o Paquistão ao clube dos países nucleares.³⁰

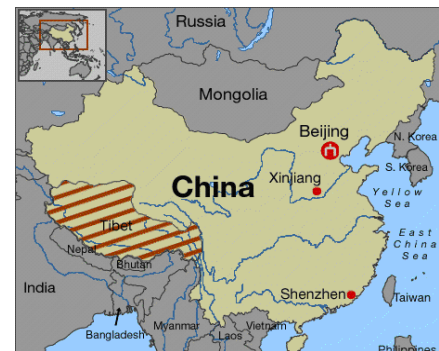


Fonte: www.1folha.uol.com.br

Classificação: Conflito de Definição de Poder Regional.

IV.3. China (Tibete)

País milenar e totalmente desmilitarizado, foi anexado pela China em 1950, tendo esta invocado razões históricas. Depois de tentar sem sucesso um movimento de libertação, o Dalai-Lama, líder espiritual e político do país, formou um governo no exílio em 1959, em Dharamsala na Índia, país que aliás tem desde o início prestado o seu apoio. Apesar da dificuldade em encontrar reconhecimento internacional para a sua causa, o Dalai-Lama tem obtido alguns sucessos pessoais, tendo por exemplo recebido o Prémio Nobel da Paz em 1989.³¹



Fonte: <http://edition.cnn.com>

Em 2000 foram restabelecidos contactos com o governo chinês, mas sem resultados visíveis. Este conflito regressou recentemente às primeiras páginas, aquando do encontro em 10 de Setembro de 2003, do Dalai-Lama com altos responsáveis da administração norte americana em Washington, tendo a China reagido de um modo muito desfavorável.

O interesse da China pelo Tibete, justifica-se fundamentalmente pela sua importância estratégica e possibilidades económicas. Território situado numa posição central no continente

²⁸ Op Cit (6).

²⁹ Boniface, Op Cit (14), p. 150.

³⁰ Op Cit (2), p. 660 a 679.

³¹ Op Cit (26).



asiático, nele está baseada actualmente, uma grande parte dos mísseis intercontinentais nucleares chineses. O Tibete para além de possuir abundância de minerais, é a região onde nascem os principais rios que banham o sul da Ásia.³²

Classificação: Conflito de Conquista de Países.

IV.4. Filipinas (Ilha de Mindanao)

Independente desde 1946, este país foi governado por Ferdinando Marcos entre 1965 e 1986.³³ Em 1987 tem origem um conflito que teve como intervenientes, a Frente Moro de Libertação Islâmica (MILF) e o movimento Abu Sayyaf. Ambas as organizações pretendiam criar um Estado islâmico independente em Mindanao,³⁴ a segunda maior ilha do Arquipélago das Filipinas.



Fonte: www.cofides.es

Localizada a sul do referido arquipélago, Mindanao para lá da sua enorme riqueza em madeiras exóticas, possui uma posição estratégica privilegiada no que diz respeito ao controlo das rotas marítimas do Mar de Joló e do Mar das Celebes.³⁵

Classificação: Conflito de Independência.

IV.5. Índia (Região de Assam)

Com início em 1986, este conflito opõe o governo indiano à Frente Democrática Nacional de Bodoland (NDFB) e à Frente de Libertação de Assam (ULFA). Estas organizações pretendem a autonomia da região de Assam, fundamentando a sua luta em factores étnicos. Situada na zona leste da Índia a norte do Bangladesh, a região de Assam é muito rica, quer pela elevada produção agrícola, quer pelas suas jazidas de petróleo e gás natural.³⁶



Fonte: <http://news.bbc.co.uk>

³² Op Cit (2), p. 933 a 938.

³³ Op Cit (1), p. 499.

³⁴ Op Cit (4).

³⁵ Op Cit (2), p. 949 a 975.

³⁶ In www.geocities.com.



Esta região tem também a característica de estar quase separada do restante território Indiano, pois está ligada a ele apenas pelo estreito corredor de Darjeeling, com cerca de 40 Km de largura.³⁷

Classificação: Conflito de Independência.

IV.6. Indonésia (Região de Aceh)

Antiga colônia Holandesa viu reconhecida a sua independência em 1945. Este país até aos anos 90, conheceu apenas dois presidentes, Sukarno (1945-1965) e Suharto que destituiu o primeiro e governou até à década de 90.

Este conflito teve início em 1976, por razões de índole étnica, tendo como principal interveniente o Movimento para um Aceh Livre (GAM), que pretendia a independência da região de Aceh,³⁸ situada na área norte da ilha de Sumatra. Esta região onde se encontram algumas das maiores reservas de petróleo da Indonésia, é também muito rica em madeiras exóticas e encontra-se localizada numa zona estrategicamente importante para exercer o controlo sobre o Estreito de Malaca.³⁹



Fonte: <http://news.bbc.co.uk>

Classificação: Conflito de Independência.

IV.7. Mianmar – Ex-Birmânia (Região de Karen)

Além da oposição política de carácter democrático, que se opõe ao regime totalitário de Yangon (ex-Rangum), liderada pela Prémio Nobel da Paz Suu Kyi, o governo de Mianmar enfrenta desde 1948, a União Nacional de Karen (KNU), movimento de carácter étnico que pretende a independência da região de Karen,⁴⁰ na zona leste do país, junto à fronteira com a Tailândia.



Fonte: www.lib.utexas.edu

³⁷ Op Cit (2), p. 702 a 704.

³⁸ Op Cit (26).

³⁹ Op Cit (2), p. 992 e 993.

⁴⁰ Op Cit (36).



Sendo uma região pobre e de poucos recursos, Karen é olhada como um símbolo, de um povo que pretende ser livre e que quer traçar o seu futuro, tendo o seu exemplo passado a ser seguido pela população de Shan, região vizinha, a norte de Karen.⁴¹

Classificação: Conflito de Independência.

IV.8. Nepal

O actual reino do Nepal foi criado no fim do séc. XVIII, altura em que a Dinastia indo-nepalesa de Gorkha unifica o país. Depois de vários conflitos com o Tibete e com a China, o país estreita laços com a Grã-bretanha, e em 1959, Mahendra Bir Bikram após ter visto o seu país ser admitido na ONU, promulga uma constituição tipo parlamentar. Entretanto, face à dificuldade em aplicar um verdadeiro regime parlamentar, o soberano reforça os seus poderes em 1962. Sucede-lhe em 1972 o seu filho Birenda Bir Bikram, que em 1991 e após alguma abertura política, realiza as primeiras eleições partidárias em mais de 30 anos.⁴²



Fonte: www.coutryreports.org

Em 1996, os radicais de esquerda do Partido Comunista do Nepal-Maoísta (CPN-M), iniciam uma luta armada contra o soberano que pretendem destituir, instalando no Nepal um regime comunista do tipo maoísta.

O principal recurso do Nepal são as receitas do turismo, que têm decaído desde a eclosão do conflito. O país tem mantido sempre uma política de equilíbrio face às duas potências vizinhas, Índia e China.

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

IV.9. Rússia (República da Chechénia)

Com início em 1991, este conflito no Cáucaso opõe o governo de Moscovo à República da Chechénia, que reclama a sua independência.⁴³ Situada na bacia do Mar Cáspio, a Chechénia dispõe de recursos energéticos consideráveis, e por ela passam importantes oleodutos para



Fonte: www.europe.cnn.com

⁴¹ Op Cit (2), p. 839 a 843.

⁴² Op Cit (1), p. 487.

⁴³ Op Cit (1), p. 461.



distribuição de produtos petrolíferos, não só os que têm origem naquela região, mas também os têm origem no Médio Oriente. É ainda uma região riquíssima em recursos hídricos, podendo no futuro constituir-se como o principal fornecedor deste bem, às regiões vizinhas pobres em água.⁴⁴

Classificação: Conflito de Independência.

IV.10. Sri Lanka (Região de Eelam)

Com início em 1983, este conflito tem como principal interveniente o movimento Tigres de Libertação de Tamil Eelam (LTTE), que alegando diferenças étnicas, deseja a independência da região de Eelam na costa leste e norte do Sri Lanka. Com o recrudescimento dos combates em 1987, o governo do Sri Lanka convidou o governo Indiano a fazer parte de um processo de paz, que incluía uma série de concessões às exigências do LTTE.⁴⁵ Assim, a Índia deixou de prestar a ajuda que vinha dando àquele movimento e enviou forças militares, num total de 50 mil homens para ajudarem a restabelecer a ordem no norte e leste do país,⁴⁶ porém o LTTE não concordou com o envolvimento indiano, e os combates recomeçaram.



Fonte: www.dalitstan.org

A região de Eelam tem uma posição estrategicamente importante, para o controlo do intenso tráfego marítimo que passa junto à costa sul do sub-continente Indiano, através do Estreito de Palk e do Golfo de Mannar.⁴⁷

Classificação: Conflito de Independência.

V. MÉDIO ORIENTE

Apesar de ser parte integrante do continente Asiático, o Médio Oriente, pela importância dos recursos energéticos de que dispõe, e por ser uma permanente fonte de conflitos, deve ser em nossa opinião tratado separadamente.

⁴⁴ Op Cit (2), p. 1284 a 1298.

⁴⁵ Op Cit (4).

⁴⁶ Op Cit (26).

⁴⁷ Op Cit (2), p. 730 a 749.



V.1. Irão

País de origens milenares foi governado, pela Dinastia Pahlavi a partir de 1925, em 1979 o regime pró-occidental do Xá é derrubado e este é forçado ao exílio, na sequência de uma revolução xiita. Khomeini, líder religioso que conduziu a revolução, instala então no país um regime fundamentalista do qual foi a figura central até à sua morte em 1989.



Fonte: <http://go.hrw.com/atlas>

Khomeini ao assumir o poder, entrou de imediato em confronto com os Estados Unidos e manteve um conflito com o Iraque de 1980 a 1988.⁴⁸ Entretanto em 1979, e na sequência da revolução xiita, surge um conflito que tem como principais intervenientes os movimentos Mujahideen e Khalq, que pretendem derrubar o regime dos Ayatollah.

Tendo uma posição privilegiada em relação ao Golfo Pérsico e ao Estreito de Ormuz, o Irão caracteriza-se fundamentalmente por ser um dos principais produtores de petróleo e possuir uma das maiores reservas de gás natural, do mundo.⁴⁹

Classificação: Conflito de Definição de Poder Nacional.

V.2. Iraque

Para além do conflito com o seu vizinho Irão nos anos 80 e da guerra do Golfo em 1991,⁵⁰ o regime de Saddam Husayn enfrentou dois movimentos de oposição interna. No norte, os Curdos que pretendiam a independência do Curdistão, no sul, a Assembleia Suprema para a Revolução Islâmica no Iraque (SAIRI),⁵¹ que continua a pretender a instauração de um regime xiita.



Fonte: www.dti.gov.za

Presentemente, e após a queda do regime de Saddam Husayn como resultado de novo conflito com uma coligação liderada pelos EUA, e na sequência da campanha contra o

⁴⁸ Op Cit (1), p. 476.

⁴⁹ Op Cit (2), p. 1220 a 1234.

⁵⁰ Boniface, Op Cit (14), p. 84 e 85.

⁵¹ Op Cit (4).



terrorismo, que também tinha motivado a intervenção no Afeganistão, este país está actualmente numa fase de estabilização.

No entanto, as forças da coligação estão a encontrar forte resistência, talvez inesperada, por parte da população, após uma primeira parte de campanha bastante rápida e bem sucedida. Tem-se também assistido, a uma tentativa da SAIRI de assumir um claro protagonismo no futuro do país.

O Iraque tem das maiores jazidas de petróleo do mundo e, tal como as do Irão, são de fundamental importância para o equilíbrio do mercado deste produto. A importância geoestratégica do Iraque, aumentou substancialmente após a intervenção da coligação internacional no Afeganistão, pois a presença de tropas norte americanas nestes dois países pode traduzir-se numa posição de força em relação ao Irão.

Classificação: Conflito de Imposição de Governo.

V.3. Israel (Palestina)

Com início em 1948, este conflito tem por intervenientes para além do Estado de Israel, várias Organizações Palestinianas, nomeadamente: a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), a Ftah, o Hamas e a Jihad Islâmica, que pretendem a independência dos territórios palestinianos ocupados por Israel (Cisjordânia e Faixa de Gaza).⁵² Situada na fronteira da Europa com o Médio Oriente, esta região é palco de conflitos desde a antiguidade.⁵³



Fonte: <http://go.hrw.com/atlas>

Recentemente, foi estabelecido um roteiro para a paz, com forte intervenção diplomática dos Estados Unidos. No entanto, os constantes atentados, na sua maioria levados a cabo por suicidas, têm levado Israel a responder com uma política de eliminação selectiva, tentando atingir dirigentes de organizações Palestinianas, nomeadamente do Hamas, tendo inclusivamente o governo Israelita declarado pretender expulsar o Presidente da Autoridade Palestiniana Yasser Arafat da região, sob pretexto de que este por um lado negocia e por outro apoia os atentados terroristas. Tudo isto tem provocado, como é evidente, um constante adiar da aplicação do referido roteiro.

⁵² Op Cit (26).

⁵³ Nye, 2002, p. 208.



Sem recursos naturais de grande monta existe, no entanto, um bem que é escasso na região e que para o governo Israelita é considerado como sendo de segurança nacional, a água do Vale do Jordão, nascentes dos Montes Golã e Aquífero da Cisjordânia.

Classificação: Conflito de Independência.

V.4. Turquia (Curdistão)

Com início em 1974, este conflito tem como principal interveniente o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK ou Apocus),⁵⁴ que pretende a independência do Curdistão,⁵⁵ na região leste da Turquia e no norte do Iraque e do Irão. Região essa, onde se encontram as maiores reservas de água da Turquia e que dispõe de importantes jazidas de petróleo e gás natural.



Fonte: www.hartford.hwp.com

Também por ali passam vários oleodutos em direcção à Europa Ocidental e a vários portos do Mediterrâneo.

Classificação: Conflito de Independência.

Outros conflitos que ocorrem na actualidade ficaram por referir, como são por exemplo os casos da Espanha (País Basco), França (Córsega), Irlanda do Norte, Uganda, Senegal, China e Taiwan ou até o caso mais recente da Coreia do Norte. No entanto, estes são conflitos de baixa intensidade e onde as acções visíveis das partes em confronto não ocorrem com regularidade, e que por assim serem, foram por nós excluídos deste trabalho.

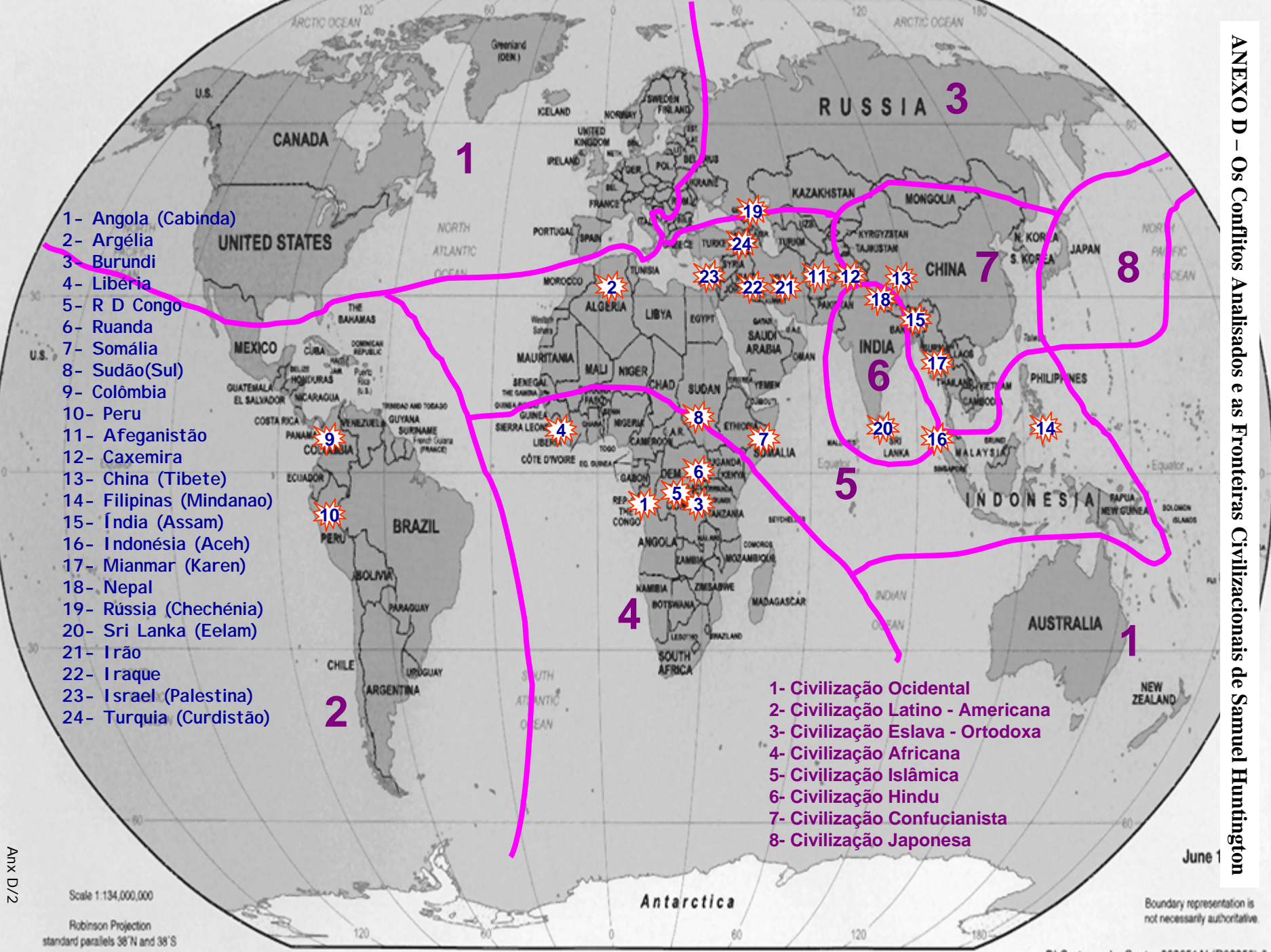
⁵⁴ Op Cit (2), p. 1197.

⁵⁵ Boniface, Op Cit (14), p. 139.



Anexo D

Os Conflitos Analisados e as Fronteiras Civilizacionais de Samuel Huntington



- 1- Angola (Cabinda)
- 2- Argélia
- 3- Burundi
- 4- Libéria
- 5- R D Congo
- 6- Ruanda
- 7- Somália
- 8- Sudão(Sul)
- 9- Colômbia
- 10- Peru
- 11- Afeganistão
- 12- Caxemira
- 13- China (Tibete)
- 14- Filipinas (Mindanao)
- 15- Índia (Assam)
- 16- Indonésia (Aceh)
- 17- Mianmar (Karen)
- 18- Nepal
- 19- Rússia (Chechénia)
- 20- Sri Lanka (Eelam)
- 21- Irão
- 22- Iraque
- 23- Israel (Palestina)
- 24- Turquia (Curdistão)

- 1- Civilização Ocidental
- 2- Civilização Latino - Americana
- 3- Civilização Eslava - Ortodoxa
- 4- Civilização Africana
- 5- Civilização Islâmica
- 6- Civilização Hindu
- 7- Civilização Confucianista
- 8- Civilização Japonesa

Anx D/2

Scale 1:134,000,000
Robinson Projection
standard parallels 38°N and 38°S

June 1

Boundary representation is not necessarily authoritative.



Anexo E

Conflitos Analisados e Indicadores Verificados



ANEXO E – Conflitos Analisados e Indicadores Verificados

		INDICADORES																			
		LC	DT	RN	RH	PE	SH	FI	IR	PI	PD	II	ESD	EI	NEx	ME	NE	MR	NR	NSE	ESN
C O N F L I T O S	Angola (Cabinda)		X	X		X			X												
	Argélia			X		X		X	X		X	X									
	Burundi				X	X			X							X					X
	Libéria			X		X					X					X					X
	RD Congo ex-Zaire			X	X	X			X		X										
	Ruanda				X	X		X	X		X					X					X
	Somália	X				X			X		X			X							
	Sudão (Sul do Sudão)			X	X	X								X					X		
	Colômbia					X						X									
	Peru					X						X									
	Afganistão	X				X								X		X					
	Caxemira	X			X	X	X	X	X						X	X			X		
	China (Tibete)	X			X	X	X						X								
	Filipinas (Mindanao)	X	X			X			X		X									X	
	Índia (Assam)		X	X		X			X								X				
	Indonésia (Aceh)	X		X		X			X		X						X				
	Mianmar (Karen)					X			X					X			X				
	Nepal					X					X	X									
	Rússia (Chechénia)	X		X		X				X											X
	Sri Lanka (Eelam)	X				X			X								X		X		
Irão	X		X		X								X								
Iraque			X		X			X	X				X								
Israel (Palestina)				X	X	X	X	X	X						X		X		X		
Turquia (Curdistão)			X	X	X				X											X	

Legenda:

LC – Locais Chave

DT – Descontinuidade Territorial

RN – Recursos Naturais

RH – Recursos Hídricos

PE – Pobreza Extrema

SH – Soberania Histórica

FI – Fronteiras Impostas

IR – Independências Recentes

PI – Pós Impérios

PD – Pós Ditaduras

II – Imposição de Ideais

ESD – Estados sem Estrutura de Defesa

EI – Estados Isolados

NEx – Nacionalismos Expansionistas

ME – Mosaicos Étnicos

NE – Nichos Étnicos

MR – Mosaicos Religiosos

NR – Nichos Religiosos

NSE – Nações Sem Estado

ESN – Estados Sem Nação

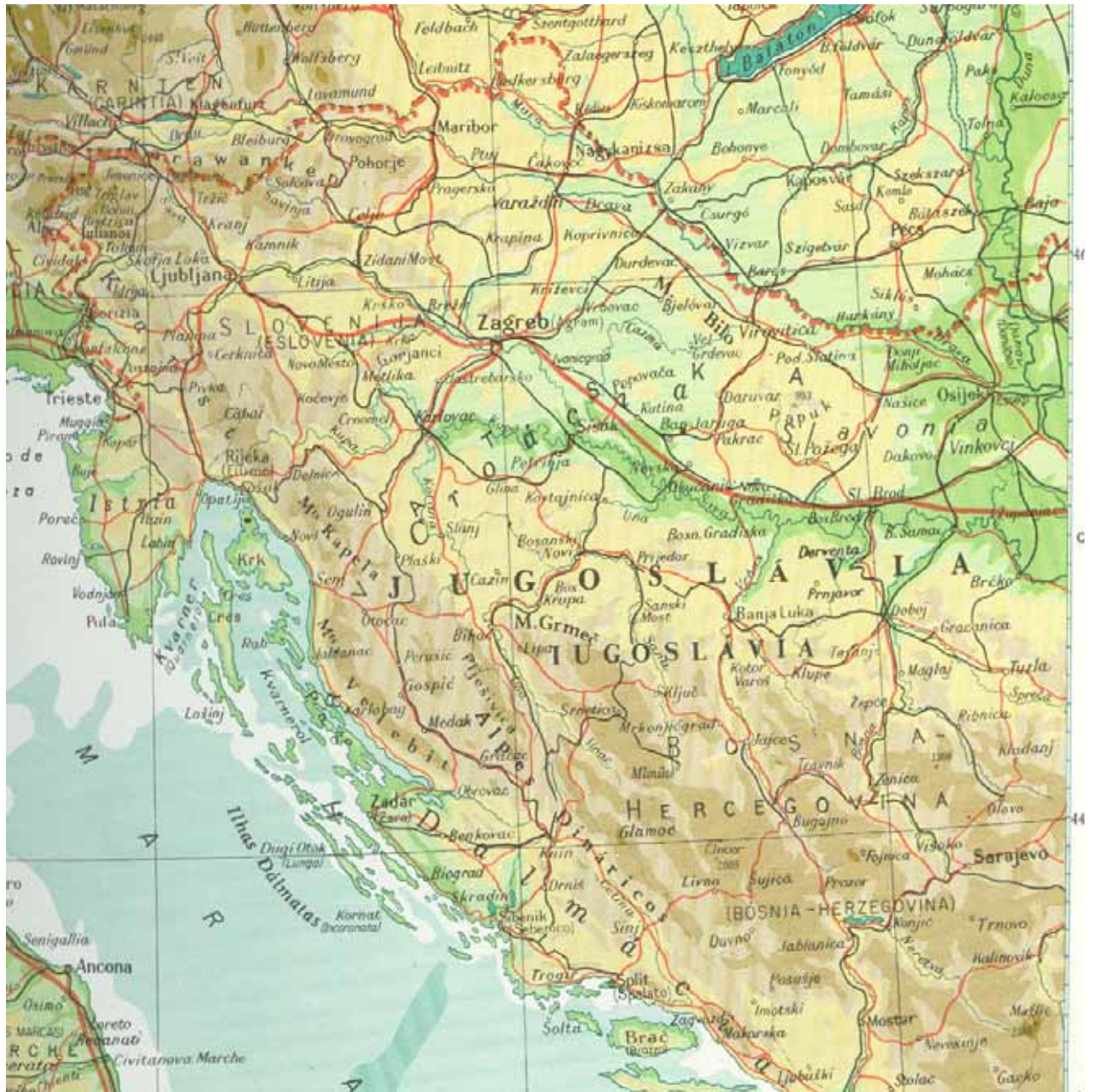


Anexo F

Cartas da Antiga Jugoslávia



Anexo F – Cartas da Antiga Jugoslávia



FONTE: Grande Atlas Mundial, p. 72



FONTE: Grande Atlas Mundial, p. 74 e 75

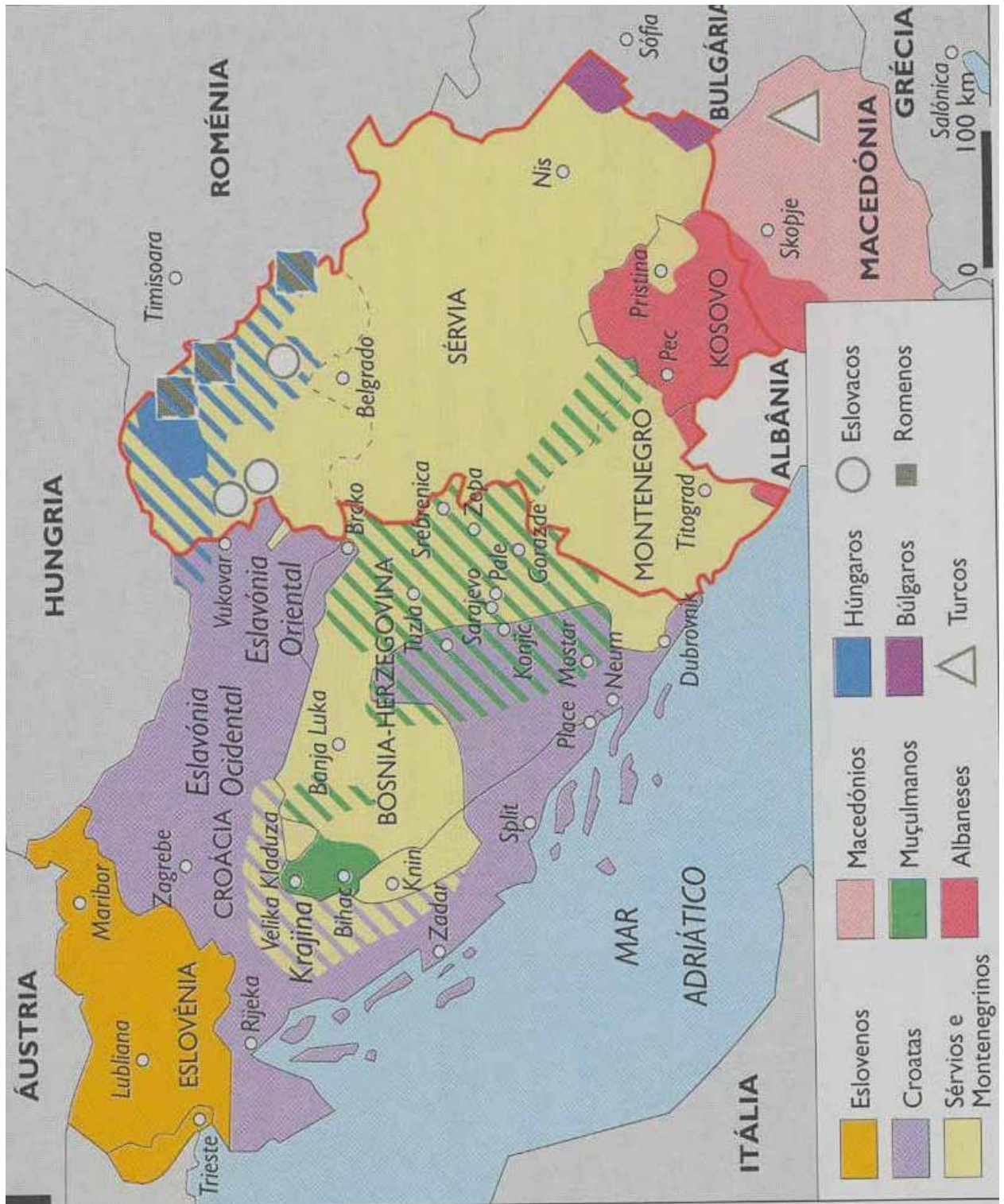


Anexo G

Etnias da Antiga Jugoslávia



ANEXO G – Etnias da Antiga Jugoslávia



FONTE: Atlas das Relações Internacionais, p. 103



Anexo H

Caracterização da Antiga Jugoslávia na Década de 80



ANEXO H – Caracterização da Antiga Jugoslávia na Década de 80

I. Generalidades

De seguida passaremos a apresentar e caracterizar de um modo tão profundo quanto possível, a realidade da antiga Jugoslávia na década de 80 do Século XX, para que melhor se possa compreender a aplicação do nosso modelo de detecção de conflitos e consequentemente os resultados alcançados após essa mesma aplicação.

II. Antecedentes Históricos

O território correspondente à antiga Jugoslávia, que foi ocupado pelos Eslavos cerca do ano 700 d.C., tem uma história complexa, na qual participaram muitas nações e impérios. Stobi, na Macedónia, é mais antiga do que sugerem os seus vestígios romanos; sob o reinado de Filipe II da Macedónia foi a capital da Paeonia (358 a.C.). Split conserva as impressionantes ruínas do grandioso palácio do imperador romano Diocleciano (245-313), que também nascera na Dalmácia. Edifícios em Zadar, Trogir e outras cidades, ao longo da costa da Dalmácia, datam da época do domínio Veneziano. A cidade muralhada de Dubrovnik floresceu noutros tempos como um Estado comercial independente. Nas imediações de Pristina, em Kosmet (Kosovo-Metohija), dois mausoléus turcos recordam a batalha de Kosovo (1389), na qual os Turcos Otomanos derrotaram a Sérvia. A maior parte do território ficou então sob domínio turco, embora Veneza tenha conservado os seus territórios na costa dalmática e Dubrovnik (Ragusa). Por sua vez o Montenegro, nunca chegou a estar completamente sob o controle Turco.¹

Em anos posteriores, a Croácia, Eslovénia e Bósnia-Herzegovina caíram sob o domínio dos Habsburgos. Em 1914, aquando do assassinio do Arquiduque Austríaco Francisco Fernando, em Sarajevo, que acabou por dar origem à 1ª Guerra Mundial, apenas a Sérvia e o Montenegro eram independentes. Depois daquela guerra em 1918, estes territórios uniram-se com o nome de “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”,² em 1929 essa designação foi trocada por Jugoslávia, com a estrutura do reino a manter-se centralizada, ocupando os Sérvios uma situação hegemónica e privilegiada, que os opõe às outras

¹ Geografia Universal Grolier, 1985, p. 143.

² Enciclopédia Larousse, 1995, p. 445.



nacionalidades e particularmente aos croatas, sendo o Rei Alexandre I assassinado em Marselha por um extremista Croata, em 1934.

Na 2ª Guerra Mundial a Alemanha nazi e os seus aliados ocuparam a Jugoslávia (1941). Surgiram então dois movimentos de resistência: os Chetniks monárquicos, dirigidos por Draza Mihailovich, e os Partisans, comunistas, chefiados por Broz Tito. Os Partizans estavam mais bem organizados e eram mais eficazes do que os Chetniks, e desde 1943 receberam um enorme apoio aliado. Mihailovich foi ignorado, para finalmente acabar capturado e morto pelos Partisans acusado de colaborar com os italianos (1946). Uma vez expulsos os alemães (1944), foi abolida a monarquia e instaurados na Jugoslávia um regime comunista dirigido por Tito, e a sua forma federal.³

Passando então a Jugoslávia, a ser uma república federal socialista, com capital em Belgrado, abrangendo seis unidades federais: as repúblicas da Bósnia-Herzegovina, Croácia, Macedónia, Montenegro, Eslovénia e Sérvia. A Sérvia por sua vez tinha ainda a região autónoma do Kosovo-Metohija e a província autónoma da Voivodina.⁴

Entretanto Tito entrou em conflito com Estaline, que exclui a Jugoslávia do mundo socialista, posteriormente Kroutchev retoma as relações com a Jugoslávia em 1955. No entanto, Tito compromete-se resolutamente com o movimento dos países não alinhados na conferência de Belgrado em 1961. Em 1971 Tito torna-se Presidente Vitalício da República. A nova constituição de 1974 vem reforçar os direitos das repúblicas e generaliza a auto-gestão.

Após a morte do Marechal Tito, em 1980, as funções presidenciais passam a ser exercidas colegialmente. A Jugoslávia mergulha então numa crise económica grave. As inquietudes aliadas ao mal-estar social e económico, favorecem o despertar dos nacionalismos, onde se misturam uma amargura relativamente a uma federação julgada demasiado centralizada para uns e descentralizada para outros, e a hostilidade entre nacionalidades. Em 1986 chega ao poder Slobodan Milosevic encabeçando a liga comunista Sérvia, e as reivindicações nacionalistas radicalizam-se.

III. População

Nenhum outro país europeu, à excepção da União Soviética, tinha uma população tão diversa. Os eslavos do sul constituíam mais de 82% da população, mas separados em cinco

³ In www.geographic.org.

⁴ In www.countryreports.com.



nacionalidades: Sérvios (os mais numerosos), Croatas, Eslovenos, Macedónios e Montenegrinos. Praticavam três religiões: católica (Croatas e Eslovenos), cristã ortodoxa (Sérvios, Macedónios e Montenegrinos) e muçulmana (em zonas anteriormente sob o domínio otomano, mais visível na Bósnia-Herzegovina). Tinham dois alfabetos: o latino (eslovenos e croatas) e o cirílico (Sérvios, Macedónios e Montenegrinos). Existiam ainda na região importantes comunidades de Albaneses, Húngaros, Turcos e outros catorze grupos minoritários.⁵

A maior parte da população vivia em aldeias. Grandes aldeias em núcleos nas planícies, pequenas aldeias também em núcleos na Eslavónia, Croácia e sudeste, e pequenas aldeias dispersas, nas montanhas. A maior cidade era a capital federal, Belgrado, que também era a capital da Sérvia. Outras grandes cidades eram Zagreb capital da Croácia, Skopja, capital da Macedónia, Sarajevo capital da Bósnia-Herzegovina, Liubliana capital da Eslovénia e Novi Sad na Voivodina. Entre outros centros importantes podem enumerar-se: Nis, cidade comercial e fabril, e os portos de Rijeka e Split; Titograd, capital do Montenegro, e centros regionais, como Maribor na Eslovénia, Kragujevac na Sérvia, Subotica, Zrenjanin e Pancevo na Voivodina, Pristina no Kosovo, Osijek na Croácia, Tuzla, Banja Luka e Mostar na Bósnia-Herzegovina e Bitola na Macedónia.⁶

Apesar da expansão moderna, são muitas as povoações e cidades que conservavam em grande parte o seu estilo arquitectónico original: “alpino” no noroeste, “húngaro” no norte, “turco” no sul e centro, e “veneziano” na costa.⁷

IV. Religião e Cultura

A Jugoslávia contava com mais de 30 grupos religiosos e para todos eles existia liberdade de culto, de acordo com a constituição e a lei. Os cristãos, na sua maioria, pertenciam às igrejas ortodoxas Sérvia e Macedónia, mas existiam grandes comunidades católicas, muçulmanas, protestantes (incluindo luteranos) e judaicas.

O ensino era obrigatório dos 6 aos 15 anos, mas ainda não se tinha conseguido extinguir completamente o analfabetismo. Existiam escolas especiais para as mais importantes minorias nacionais (Albanesa, Húngara, Búlgara, Checa, Eslovaca, Italiana, Romena e Turca). Cada grupo tinha a sua cultura própria, existindo uma grande difusão de vestuários

⁵ Op Cit (4).

⁶ Op Cit (3).

⁷ Op Cit (1), p. 143.



tradicionais, arte e música folclórica. Mais de 280 institutos e academias proporcionavam um ensino superior e especializado.⁸

V. Estrutura Governativa

Em 1971 o Estado passou a ser dirigido por um corpo directivo colectivo, tendo Tito por Presidente Vitalício da República. A Assembleia Federal tinha cinco câmaras: a Câmara Federal (ou Câmara das Nacionalidades), com 140 membros, e as Câmaras da Economia, da Educação e Cultura, do Bem-Estar Social e da Saúde, e da Organização Política, cada uma com 120 membros. Os membros de todas as câmaras eram eleitos por votação popular, e era permitida a apresentação às eleições de candidatos que não fossem membros do Partido comunista. O órgão executivo da Assembleia Federal era o Conselho Federal Executivo.⁹

Cada república e cada região autónoma tinha a sua própria assembleia e conselho executivo, e estes organismos adquiriram mais importância desde que o Governo Federal decretou uma política de descentralização, o que permitiu uma maior liberdade ao Governo Federal para se concentrar na planificação económica geral, na política externa e na defesa.

Com a morte do Marechal Tito, em 1980,¹⁰ as funções presidenciais passaram a ser exercidas colegialmente.¹¹

VI. Economia

A industrialização foi a base do crescimento económico desde o estabelecimento da república federal. A partir de 1945 mais de 40% do investimento fixo de capital foi destinado à indústria, que contribuiu com 45% do produto nacional bruto. O turismo e as remessas de cerca de 80000 jugoslavos que trabalhavam no estrangeiro (a “sétima república”) representavam também uma elevada contribuição.¹²

VI.1. Agricultura

Ainda que a sua importância tenha diminuído relativamente a outros países da Europa Oriental, continuava a empregar aproximadamente metade da mão-de-obra e contribuía com 27% para o produto nacional bruto. Os camponeses eram proprietários de quase 84% das

⁸ Op Cit (1), p. 145.

⁹ Op Cit (3).

¹⁰ Op Cit (2), p. 432.

¹¹ Op Cit (1), p. 145.

¹² Idem, p. 146.



terras de cultivo e de 91% da pecuária. As fazendas eram pequenas (média de 4 ha) e estavam divididas em parcelas de pouca extensão, o seu cultivo realizava-se com animais de tiro e poucas ferramentas. Ainda que a produção fosse baixa, as produções dos camponeses representavam 70% do total da produção agrícola, que se destinava fundamentalmente à subsistência,¹³ e não à venda.

O desenvolvimento industrial veio alterar em parte esta situação, ao provocar a falta de mão-de-obra agrícola nas zonas em desenvolvimento nos arredores das grandes cidades. Aí os camponeses arrendavam as suas terras aos proprietários das herdades maiores, com lavoura mecanizada, ou às cooperativas. Segundo a lei, as herdades dos camponeses não podiam ultrapassar 10 ha.

As herdades socializadas ocupavam apenas 16% das terras cultiváveis, o que era insuficiente para os planos de regadio e para a expansão agrícola. As herdades estatais dedicavam-se à realização de novas experiências, as fazendas colectivas e cooperativas divulgavam novas técnicas entre os camponeses e por vezes adquiriam as suas terras. As fazendas socializadas produziam culturas industriais e forragens, proporcionando cereais, hortaliças e gado, mas em menores quantidades que as fazendas dos camponeses. A maioria das fazendas socializadas estava situada nas planícies e vales da Voivodina, Eslavónia, Kosovo e Macedónia.

A socialização e o sistema de comercialização dos produtos da agricultura fizeram com que se estabelecesse uma gradual especialização regional. O nordeste era a principal região de cereais, e as áreas situadas no sopé das montanhas que ladeiam a Panónia dedicavam-se à produção de fruta e à criação de gado.¹⁴

O pastoreio era praticado especialmente nas montanhas dináricas mais altas e nas regiões cársicas, na Macedónia, este era combinado com o cultivo de frutas e tabaco, e ao longo da costa adriática com a horticultura mediterrânica. A produção agrícola tinha duplicado desde 1956, isto deveu-se à grande expansão da agricultura socializada, ao incremento na utilização de máquinas e fertilizantes, à melhoria dos preços das culturas intensivas, à crescente substituição das culturas de verduras e forragens e de arvoredo por cereais e por culturas industriais, a um aumento da agricultura mista e à melhoria da produção pecuária, como consequência do aumento da produção de leguminosas, trevo e milho.¹⁵

¹³ Op Cit (3).

¹⁴ Op Cit (4).

¹⁵ Op Cit (1), p. 146.



VI.2. Riqueza Mineral

A Jugoslávia era rica em minérios, sendo na década de 80, o décimo país do mundo em riqueza carbonífera, se bem que a maior parte da sua produção fosse carvão de qualidade inferior (lenhite), o carvão betuminoso e o coque não abundavam. Os principais jazigos carboníferos encontravam-se situados na Eslovénia central, na Bósnia central, na Sérvia central e no Kosovo, mas a maior parte da produção provinha da Bósnia e da Sérvia.¹⁶ O petróleo e o gás natural estavam a ser explorados em quantidades crescentes (ainda que insuficientes) na Eslavónia e Voivodiana. O minério de ferro era extraído na Bósnia (Vares) na Macedónia ocidental; o cobre, principalmente em Bor (Sérvia); o crómio no Kosovo e na Macedónia (Skopia e Kumanovo); o antimónio em Podrinje (Sérvia); e a bauxite na zona cársica compreendida entre a Península de Ístria e o Montenegro.

A Jugoslávia era auto-suficiente em metais não férricos e era um dos principais países europeus exportadores de antimónio, bauxite, crómio, cobre, estanho, molibdeno, mercúrio e zinco.¹⁷

VI.3. Indústria

Tinha sofrido um franco desenvolvimento, sendo de salientar neste aspecto as indústrias de electricidade, construções, produtos químicos, papel e aço. Por outro lado, o desenvolvimento das indústrias de bens de consumo era relativamente lento, devido ao restrito mercado interno, escassez de meios de transporte e falta de acordos preferenciais com o Comecon e a Comunidade Económica Europeia.

No entanto, foram efectuados esforços para promover o desenvolvimento industrial em regiões economicamente atrasadas, como o centro e o sul do país, mas que possuíam a maior parte dos recursos naturais. A dispersão dos recursos naturais, a maior facilidade no fornecimento de energia eléctrica e o grande desemprego rural foram factores que favoreceram a dispersão da indústria. De qualquer modo, treze cidades, cada uma com mais de 15000 operários fabris, concentravam em si, um terço da indústria jugoslava. Destas as maiores eram Zagreb, Belgrado, Liubliana, Maribor, Sarajevo e Nis.¹⁸

¹⁶ Op Cit (4).

¹⁷ Op Cit (1), p. 146.

¹⁸ Op Cit (3).



As indústrias desenvolveram-se nas vizinhanças dos lugares em que se encontrava a matéria-prima de que necessitavam, de entre elas o aço na Bósnia central e em Skopia, metais não férricos na Sérvia, alumínio em Mostar e Titograd e a transformação da madeira em toda a região dinárica. As indústrias de construções mecânicas e química desenvolveram-se nas maiores cidades, como Liubliana e Skopia, onde se encontravam os operários especializados. As indústrias de bens de consumo estavam localizadas nos centros fabris tradicionais da Eslovénia, Croácia, Eslavónia e Voivodina.¹⁹

VI.4. Energia eléctrica

A maioria da produção de energia eléctrica da Jugoslávia provinha de centrais hidroeléctricas, sendo as mais importantes nos rios Una, Bósnia, Drina, Neretva, Cetina, Zeta, Drin e Danúbio. A central Jugoslavo-romena, das Portas de Ferro no Danúbio ficou concluída em 1972 e era a maior de todas, sendo a capacidade anual combinada dos seus grupos geradores, instalados em cada margem do rio, de 11000 milhões de quilovátios-hora. Esta barragem contribuiu também para uma melhor navegabilidade do Danúbio.²⁰

VI.5. Turismo

Representava depois da indústria, a segunda fonte de receitas de divisas estrangeiras. A Jugoslávia nos anos 70 investiu enormes quantias na criação e desenvolvimento de centros turísticos de qualidade, especialmente ao longo da costa adriática.²¹

Em 1984 o país organizou os Jogos Olímpicos de Inverno, o que para além de constituir uma afirmação internacional, tinha por objectivo principal mostrar as suas potencialidades turísticas durante o Inverno.

VI.6. Transportes

A rede de transportes que a Jugoslávia herdou em 1946 era das mais reduzidas e desequilibradas da Europa. As regiões setentrionais tinham os melhores sistemas de estradas, de caminhos-de-ferro e vias fluviais e por eles circulava cerca de 70% do movimento de mercadorias e passageiros. As regiões montanhosas da Eslovénia eram então as mais mal

¹⁹ Op Cit (1), p. 146 e 147.

²⁰ Idem, p. 147.

²¹ Ibidem.



servidas destas infra-estruturas, sendo o caminho-de-ferro em via estreita, e tendo as estradas em péssimo estado.²²

Após 1946, o sector da economia em que mais se investiu, com excepção da indústria, foi precisamente o dos transportes. Construíram-se novas estradas asfaltadas, aumentou-se e modernizou-se a rede ferroviária e criaram-se novos aeroportos e portos marítimos. De entre os mais importantes projectos, contam-se a auto-estrada do Adriático (Rijeka-Dubrovnik-Skopja), o caminho-de-ferro Belgrado-Bar, os portos de Koper na Eslovénia, Ploce no Rio Neretva e Bar no Montenegro, e novos aeroportos sendo de destacar o de Dubrovnik e o complexo portuário para exportação do minério de ferro e produtos petroquímicos em Bakar, perto de Rijeka.²³

Até aos anos 60, o caminho-de-ferro monopolizava a maior parte do tráfego, a partir dessa década houve uma grande expansão dos transportes rodoviários (mercadorias e serviços de passageiros entre cidades) e do transporte marítimo de mercadorias. Os transportes rodoviários ultrapassaram em volume o caminho-de-ferro, no número de passageiros, e já na década de 80, passaram a representar uma concorrência séria no que se refere a mercadorias. Com estaleiros modernos em Rijeka e noutros portos, a Jugoslávia estava a tentar criar a sua própria frota mercante. As linhas aéreas nacionais, JAT realizavam voos domésticos e internacionais.²⁴

VI.7. Comércio Externo

O rápido desenvolvimento económico interno que a Jugoslávia conheceu durante a década de 70, obrigou à importação de artigos essenciais do estrangeiro. Com o aumento da industrialização, a importação de matérias-primas foi pouco a pouco ganhando supremacia sobre os produtos manufacturados. Estes por sua vez, passaram a ter cada vez maior importância entre as exportações. A maquinaria, os produtos metálicos, as embarcações, os aparelhos eléctricos, os produtos de couro e o tabaco substituíram o gado, os artigos pouco duráveis, a madeira serrada e os minérios como principais exportações.²⁵ Os produtos têxteis e as confecções que outrora figuravam entre as principais importações, na década de 80, foram superados em importância pelos produtos da construção mecânica, aço, produtos alimentares, forragens e fertilizantes.

²² Op Cit (3).

²³ Op Cit (4).

²⁴ Op Cit (1), p. 147.

²⁵ Op Cit (3).



Até aos anos 50 a Jugoslávia mantinha relações comerciais principalmente com o bloco soviético, após essa década a Europa Ocidental passou a ser o principal mercado da Jugoslávia, tendo esta também, aumentado as relações comerciais com a América do Norte e os países do Terceiro Mundo.²⁶

VII. Território

A Jugoslávia tinha fronteiras com sete países: Itália, Áustria e Hungria, a norte; Roménia e Bulgária, a leste, e Grécia e Albânia, a sul. A oeste, a Jugoslávia tinha 1610 Km de costa com o Mar Adriático. O país estava orientado nor-oeste-sudoeste e estendia-se aproximadamente por 960 Km, desde Karawanken (Alpes Austríacos) à fronteira grega.

Planaltos com altitudes superiores a 300 m cobriam metade do país. As planícies mais extensas ocupavam o terço setentrional, onde correm os rios Sava e Danúbio. A monotonia das planícies é interrompida por penhascos escarpados e terraços, assim como por colinas de rochas cristalinas arredondadas, principalmente na Eslovénia.

A Jugoslávia montanhosa era diversa. No noroeste da Eslovénia, os verdadeiros Alpes alternam com os profundos vales glaciares, cheios de lagos ou com as depressões de falhas, como o vale de Liubiana. Triglav (2863 m), nos Alpes Julianos, era o pico mais alto da Jugoslávia.²⁷

Os Alpes Dináricos, uma série de cordilheiras paralelas e sulcos longitudinais, estendem-se para sudeste até ao Lago Escutari, na fronteira com a Albânia. Os Alpes Dináricos têm uma largura aproximada de 40 Km perto de Rijeka, mas chegam a atingir os 280 Km nas imediações de Ulcinj no Montenegro e prolongam-se para nordeste até Valjevo na Sérvia. Na Bósnia setentrional, perto de onze cordilheiras (*planina*), correm paralelas, com altitudes que se elevam a 2500 m nas imediações da costa. A descida até à costa dalmática, flanqueada por ilhas, é abrupta, excepto onde o Rio Neretva abre caminho até ao Adriático.

Os Alpes Dináricos setentrionais estão cobertos por florestas. Os meridionais, formados por calcário, têm extensas zonas cársicas, planaltos com concavidades, interrompidas por grutas, cavernas e desfiladeiros, com precipícios drenados por rios subterrâneos. O seu aspecto seco e árido é enganador sobre a média anual das precipitações que recebem e dos grandes recursos de águas subterrâneas de que dispõem.²⁸

²⁶ Op Cit (1), p. 147.

²⁷ Op Cit (3).

²⁸ Op Cit (4).



A Jugoslávia oriental era formada por planícies onduladas da região anteriormente coberta pelas florestas de Sumadija, na Sérvia, e drenada pelos sistemas fluviais do Vardar e do Morávia. Estes rios ligam os extensos vales e as depressões através de gargantas abertas nas antigas montanhas cristalinas e formam uma das rotas históricas entre a Europa central e o Mar Egeu (em Salonica). O Morávia e os seu afluente Nisava, proporcionam um bom caminho para Sófia.

O conjunto das montanhas da antiga Jugoslávia é uma área sísmica em que os terremotos são frequentes; o ponto mais vulnerável encontra-se em Skopia, que ficou devastada por um terremoto em 1963. São muitas as linhas estruturais debilitadas na sua crosta terrestre e são frequentes os tremores de terra (entre 1945 e 1965 registaram-se cerca de 2266). Entre as cidades que foram mais seriamente afectadas pelas destruições, citam-se Makarska (1962) e Banja Luka (1969).²⁹

VIII. Clima

A sua localização em montanhas relativamente elevadas em relação ao Mar Mediterrâneo e à circulação das massas de ar explica o seu tipo de clima: um clima mediterrânico confinado ao litoral adriático; um clima continental de transição fresco e húmido nas montanhas dos Alpes Dináricos, e um clima continental mais seco no norte e oriente.³⁰

As ilhas no Adriático, gozam o clima mais autenticamente mediterrânico: Invernos temperados (8°C), Verões quentes amenizados pelo mar (26°C) e algumas chuvas durante o Inverno. No litoral, o clima sofre uma modificação devido à proximidade da “parede” dinárica que origina abundantes precipitações nas encostas das montanhas, nunca inferiores aos 2000 mm, mas que chegam a atingir os 5300 mm no Monte Loveen, acima de Kotor no Montenegro.³¹

A vizinha Titograd tem uma das maiores precipitações médias anuais (1600 mm). A “parede” impede a entrada do ar quente, pelo que os vales interiores, a poucos quilómetros do Adriático, têm temperaturas negativas no Inverno. As precipitações diminuem para norte, onde a máxima de Verão volta a ser normal, e aumentam as amplitudes térmicas anuais. As regiões mais secas de Voivodina e o vale do Morávia têm precipitações muito irregulares e às

²⁹ Op Cit (1), p. 147.

³⁰ Op Cit (4).

³¹ Op Cit (3).



vezes longas secas. Contudo, o relevo da Eslovénia e do sistema dinárico introduzem frequentes inversões da temperatura no interior, de modo que as temperaturas médias anuais variam pouco de Sarajevo a Novi Sad.

No entanto, as planícies continentais gozam de Verões mais quentes do que as regiões montanhosas. O ar mediterrânico penetra no vale do Vardar, pelo que em Skopia a temperatura durante o Inverno não desce abaixo de 0° e o Verão é quente.

No Inverno as depressões passam regularmente do Adriático à Panónia. O contacto entre o ar quente e húmido e o ar frio e seco dos anticiclones russos origina fortes ventos nos vales e nas encostas abruptas, como o cortante vento *kosava* nor-oriental da Panónia, o *vardarac* da Macedónia e o violento *bora* da Dalmácia.³²

IX. Solo e Vegetação

Os terrenos ácidos muito pobres, estão largamente difundidos nas montanhas e seus prolongamentos, desde a Eslovénia até à Macedónia; a sua produtividade é baixa. Os solos mais ricos estão localizados na estepe seca do Nordeste, embora se deteriorem para ocidente na Eslavónia quando aumentam as precipitações. A chamada *terra rossa* encontra-se nas cavernas e depressões dos terrenos cárnicos e é muito rica mas a região cársica tem poucas terras próprias para cultivo.³³ Algumas regiões têm solos florestais, com pouca luz, bastante férteis, de aluvião. A erosão do solo é uma ameaça para vários milhões de hectares.

A primitiva vegetação da antiga Jugoslávia era formada por ervas nas estepes da Voivodina, carvalhos na Eslavónia, árvores de folha caduca no norte da Sérvia, florestas mistas nos Alpes Dináricos, coníferas na Eslovénia e plantas resistentes à seca ao longo da costa. Grande parte da vegetação primitiva desaparecera e as áreas de floresta tinham sido substituídas por pastagens e terrenos de cultivo, cobrindo a mancha florestal cerca de um terço do território.³⁴

³² Op Cit (1), p. 147.

³³ Op Cit (4).

³⁴ Op Cit (1), p. 147.



Anexo I

Cartas dos Impérios com Fronteiras nos Balcãs.



ANEXO I – Cartas dos Impérios com Fronteiras nos Balcãs



Império Helénico e Império Romano (Ocidental e Oriental).

FONTE : www.iris-bg.org/publications/Maps-En



Império Austro-húngaro e Império Otomano no século XVIII.

FONTE : <http://members.rogers.com/>



Império Austro-húngaro e Império Otomano em 1914, no início da 1ª Guerra Mundial.

FONTE : <http://bss.sfsu.edu/tygiel/Hist/427/>



Europa em 1920, com o fim do Império Austro-húngaro surge a Jugoslávia.

FONTE : www.teachctci.com/essays



Anexo J

Carta da Cisjordânia e Faixa de Gaza



ANEXO J – Carta da Cisjordânia e Faixa de Gaza

The Gaza Strip and West Bank



FONTE: www.globalsecurity.org



Anexo K

Carta Ásia Central



ANEXO K – Carta da Ásia Central



FONTE: www.gi.iit.edu/govdocs/maps

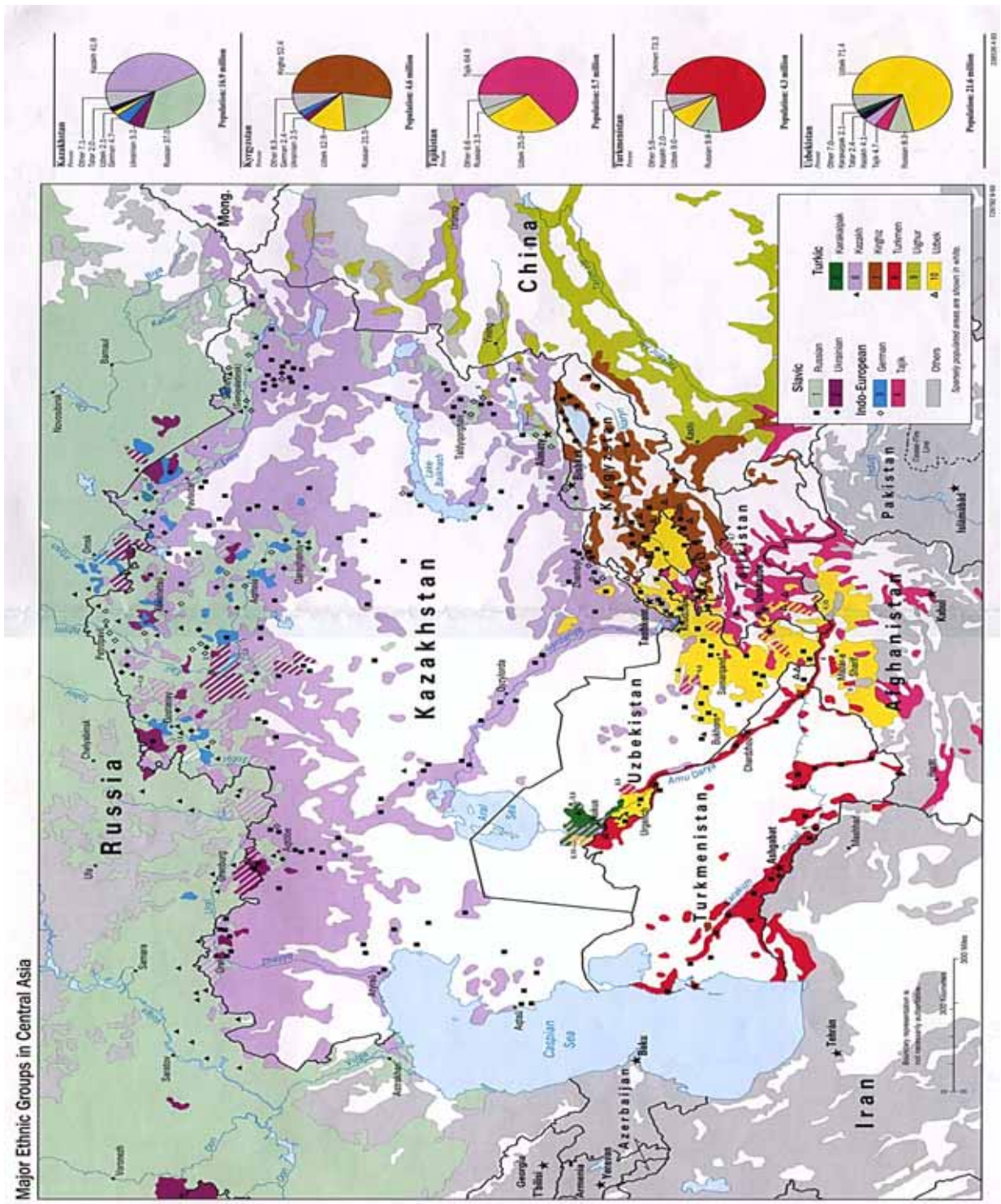


Anexo L

Etnias da Ásia Central



ANEXO L – Etnias da Ásia Central



FONTE: www.lib.extras.edu